

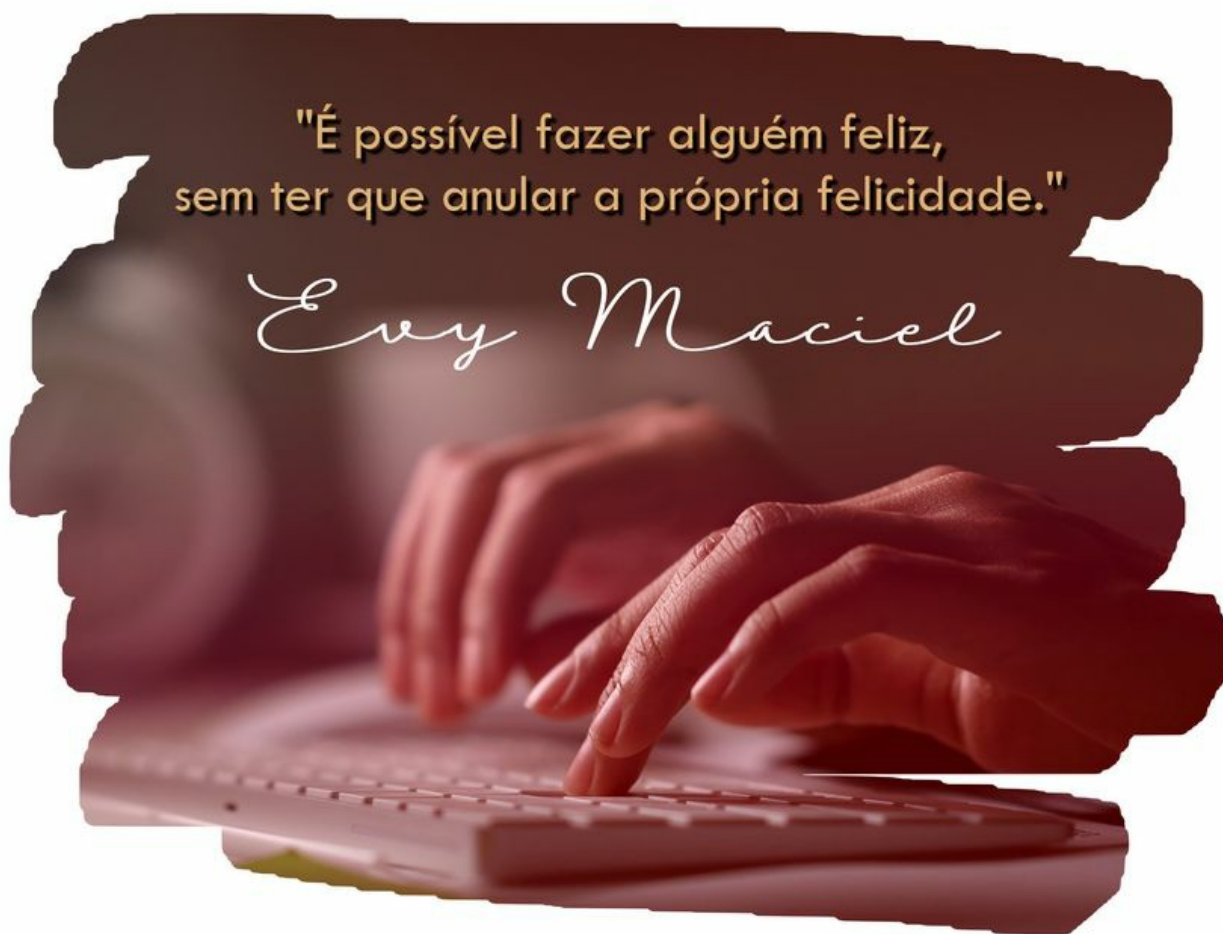
SOB AS ASAS *do anjo*

EVY MACIEL



"É possível fazer alguém feliz,
sem ter que anular a própria felicidade."

Evy Maciel





Olá! Eu sou a Evy Maciel.

Escrevo romances contemporâneos para mulheres apaixonadas por histórias de amor, intensas e de tirar o fôlego! E sobre mulheres que buscam encontrar o caminho para a verdadeira felicidade!

Minha missão como escritora é proporcionar o lazer através da leitura, incentivando o amor próprio, motivando a autoestima e evidenciando a importância da independência emocional.

Acredito que não devemos ter medo de nos reinventar, aprendendo com os erros e persistindo em nossos ideais sempre!

Nasci em 5 de abril de 1989. Sou gaúcha de Osório-RS, mas vivi quase a vida toda em um município de Santa Catarina, chamado Içara, e atualmente moro em Canoas-RS.

Comecei a escrever romances em 2012, por hobby, publicando no site Nyah Fanfiction.

Em 2014, lancei meu primeiro livro na Amazon: O HOMEM DOS MEUS LIVROS! Ele é

o primeiro de uma série que intitulei de HOMENS QUE AMAMOS!

Em 2015, decidi me arriscar a viver exclusivamente da escrita e abandonei minha profissão de fotógrafa, fechando meu estúdio. E desde então tenho me dedicado a escrever livros e interagir com meus leitores!

Em 2016, lancei meu primeiro livro por editora: O QUE ACONTECE EM VEGAS FICA EM VEGAS, lançado na Bienal de São Paulo, com o selo da Editora Qualis.

Ainda assim, continuei lançando meus e-books na Amazon de forma independente.

Em 2018, lancei meu segundo livro com a Qualis, na Bienal de São Paulo: VLAD – SEDUZIDA POR UM IMORTAL! Além dele, lancei no mesmo evento outro romance, através da Editora Pandorga: RUDE – Encontros & Confrontos.

Em 2019, na Bienal do Rio de Janeiro, lancei meu terceiro romance com o selo da Editora Qualis: PODEROSA CEO, que teve a primeira tiragem esgotada durante o evento.

Atualmente, tenho mais de 20 títulos publicados, entre contos, novelas e romances, seja por editora ou de forma independente. Também atingi a marca de 26 milhões de páginas lidas pelo sistema Kindle Unlimited da Amazon, e o número cresce a cada dia.

Ao final deste livro, vou te recomendar algumas de minhas histórias, caso você goste do meu estilo de escrita e queira conhecer mais do meu trabalho! Espero de coração que essa seja uma boa leitura e se você quiser entrar em contato comigo, basta acessar meu site e deixar um recado. Respondo com frequência, não se preocupe!

Obrigada pela oportunidade!

Um grande abraço!

Visite o site:

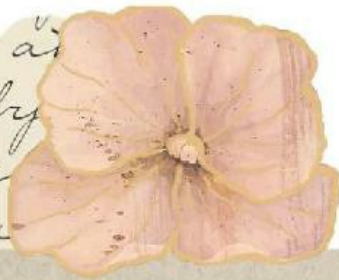
www.evymaciel.com.br

Dica da autora!



INCENTIVE A LITERATURA NACIONAL!
QUE TAL POSTAR NAS REDES SOCIAIS QUE
VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO A LER ESTE LIVRO?
CONVIDE ALGUÉM PARA LER, ASSIM VOCÊS
TROCAM FIGURINHAS SOBRE A HISTÓRIA E
TORNAM ESTE MOMENTO AINDA MAIS
EMPOLGANTE! JÁ EXPERIMENTOU ISSO?
É SENSACIONAL!





DEIXE- ME SABER QUE VOCÊ ESTÁ LENDO!
POSTE NO INSTAGRAM COM AS HASHTAGS

#EVYMACIEL
#EULEIOEVYMACIEL



@autora.evymaciel

SOB AS ASAS
do anjo

ÍNDICE

<u>PRÓLOGO</u>
<u>CAPÍTULO UM</u>
<u>CAPÍTULO DOIS</u>
<u>CAPÍTULO TRÊS</u>
<u>CAPÍTULO QUATRO</u>
<u>CAPÍTULO CINCO</u>
<u>CAPÍTULO SEIS</u>
<u>CAPÍTULO SETE</u>
<u>CAPÍTULO OITO</u>
<u>CAPÍTULO NOVE</u>
<u>CAPÍTULO DEZ</u>
<u>CAPÍTULO ONZE</u>
<u>CAPÍTULO DOZE</u>
<u>CAPÍTULO TREZE</u>
<u>CAPÍTULO CATORZE</u>
<u>CAPÍTULO QUINZE</u>
<u>CAPÍTULO DEZESSEIS</u>
<u>CAPÍTULO DEZESSETE</u>
<u>CAPÍTULO DEZOITO</u>
<u>CAPÍTULO DEZENOVE</u>
<u>CAPÍTULO VINTE</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E UM</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E DOIS</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E TRÊS</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E QUATRO</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E CINCO</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E SEIS</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E SETE</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E OITO</u>
<u>EPÍLOGO</u>
<u>BÔNUS GABRIEL</u>

*“E ela acreditava em anjo,
e porque acreditava,
eles existiam...”*

- Clarice Lispector

PRÓLOGO

“Quantas vezes com um beijo eu sonhei
Um carinho que eu nunca senti
Sei que um dia você vai estar aqui
Num sonho lindo,
Nos seus braços é onde eu quero estar”
(Rouge)

por miniel

— Chegou a hora. Você está pronto? — perguntou-me Theliel.

— Sim, estou.

— Tem certeza que deseja fazê-lo? Você sabe que não terá volta caso o sacrifício seja realizado.

— É o que mais desejo.

— Tudo bem — assentiu, parecendo inconformado.

Aproximando-se de mim, Theliel pousou uma de suas mãos em meu ombro.

— És quem mais estimo, amigo. Respeito sua escolha, embora não a compreenda. Uma humana? Os humanos são seres instáveis, mudam de opinião com frequência, se contradizem o tempo todo. Amam num primeiro momento, mas no dia seguinte deixam de amar. São egoístas, confusos e volúveis. Quantos de nós se foram apenas pela imprudência de amá-los?

Encarei Theliel com seriedade, ele jamais concordaria com minha escolha. Foi difícil confrontá-lo e expor minha decisão, mas estava decidido, por ela tudo valeria a pena. Eu poderia morrer, mas morreria feliz se estivesse ao seu lado. Abriria mão de tudo, por alguns momentos felizes com ela. Sabia que seria arriscado, que dentre toda a hierarquia, nosso sacrifício era o mais doloroso, mas se fosse para tê-la, mesmo que em vida humana, eu me submeteria sem medo.

— O amor é um sentimento nobre, Theliel. Você, mais do que ninguém, deveria saber disso. Há séculos tenho proporcionado as pessoas a felicidade de encontrarem o amor, de vivê-lo em sua plenitude com o encontro de suas almas gêmeas.

Theliel abriu um sorriso fraco e se afastou, virando-se de costas para mim.

— Você não entende — retrucou contrariado. — Tens um dom e está disposto a abrir mão dele. É tão irônico, não? Abrir mão do amor para viver o amor.

— Tenho presenciado o encontro entre almas gêmeas durante muito tempo. Apesar de tê-las proporcionado essa oportunidade, jamais senti o que elas sentiram. Sei que não fomos criados para isso, mas não me envergonho ao dizer que algumas vezes senti inveja. Ela é diferente, não se trata de uma aventura carnal, nunca tive contato direto com ela.

— Por isso mesmo, como sabe que é digno do que está disposto a fazer?

Ri.

— Eu é quem devo ser digno dela. Coloque-me à prova, sei que estamos destinados a

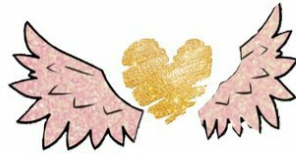
ficarmos juntos. Senti em meu coração desde o primeiro momento, não há dúvidas. Ela nasceu para ser minha e quero a oportunidade de provar que sou a escolha certa.

— Não estás entregando apenas suas asas, mas também o seu coração.

— Meu coração deixou de me pertencer, no momento em que ela nasceu. Eu sei o que estou fazendo.

— Saiba que não posso interferir, apenas te guiar. Você não pode induzi-la, deverá ser por livre arbítrio, como sempre foi.

— Como tem que ser.



CAPÍTULO

“Vida, devolva minhas fantasias
Meu sonho de viver a vida
Devolva-me o ar”

(KLB)

Mal acreditava que estava realmente acontecendo.

— Oficialmente de férias!

Não era a primeira vez, mas eu nunca tive dinheiro suficiente para aproveitá-las como gostaria. Tinha o sonho de conhecer um lugar diferente, para além da divisa de Bela Vista, a cidadezinha onde nasci, me criei, e vivia até o momento. Passei muito tempo economizando e finalmente consegui juntar um bom dinheiro em minha poupança. O grande dia estava próximo e eu morrendo de ansiedade.

— Divirta-se, Lu. Mande notícias ou ficarei preocupada!

— Obrigada por cuidar dele, Jess. Pode deixar que eu mando notícias sim.

Despedi-me das minhas colegas na clínica de estética e da minha melhor amiga, Jéssica. Ela cuidaria do meu gato, Pou, enquanto eu estivesse fora. Ela adorava gatos, tinha três siameses adultos, então Pou não se sentiria deslocado na casa dela.

Sim, meu gato se chamava Pou. Acontece que todas as pessoas que eu conhecia, possuíam no celular um aplicativo com esse nome, onde alimentavam e cuidavam de um bichinho virtual, como se fosse de verdade. Até “entrei na onda”, mas me esquecia de acessar e acabava por deixar o coitadinho sujo, passando fome e triste, o que fez minhas colegas me acusarem de ser irresponsável e sem coração, indiferente se ele não era real. Para provar que eu era capaz de cuidar de um animalzinho, adotei um gato de rua que foi abandonado em um terreno baldio, próximo à clínica onde trabalhávamos. No começo foi complicado, eu não era irresponsável, mas inexperiente. Contudo, acabei me afeiçoando a ele, e ele a mim. Três anos se passaram e eu consegui provar que era melhor cuidando de bicho de verdade do que virtual.

— Tchau, meninas!

— Boas férias — gritaram em uníssono.

Eu morava a três quarteirões de onde trabalhava, o que era ótimo, pois não precisava ir de carro e nem dependia de ônibus. Caminhei até em casa e assim que cheguei, fui direto para o banho. Aproveitei e coloquei a depilação em dia, embora trabalhasse em uma clínica de estética, não tinha coragem de abrir minhas pernas para que outra mulher me desse “um trato”, para ficar lisinha. Apreciava minha amizade com a lâmina de barbear, ela não me fazia perguntas e nem comentava sobre minha vagina com suas amigas. Não que a Zuleide, a depiladora, o fizesse. Mas eu preferiria não correr o risco.

Quando o relógio indicou duas horas da tarde, estranhei ter tanto tempo livre. Geralmente, minha vida era bastante corrida. Acordava cedo e iniciava meu trabalho na clínica às oito da manhã, parava ao meio-dia, almoçava e retornava à uma da tarde. Tinha trinta minutos para um lanche, às quatro horas, depois retomava minhas atividades até às sete da noite. Quando não fazia hora extra — uma das maneiras que encontrei para guardar mais dinheiro — conseguia chegar a casa sete e meia. Aproveitava para organizar a bagunça, alimentar o Pou, tomar um banho e me jogar no sofá para assistir minhas séries favoritas no serviço de *streaming*.

Minha vida social era lenda, eu não curti sair para baladas noturnas, não gostava de me produzir toda a fim de impressionar homens. Muito menos os que frequentavam boates, esses nunca queriam algo sério com uma garota.

Sim, eu era uma garota das antigas, gostava de ser paquerada, receber convite para jantar e buquê de flores no dia dos namorados. Apreciava sair para tomar sorvete e conversar banalidades, ir ao cinema ou a pizzaria, passear de mãos dadas e curtir uma boa companhia.

O problema é que não era tão fácil como parecia. Nem todos os homens estavam a fim de tomar sorvete, a não ser se houvesse um convite implícito para chupar outra coisa além do picolé de abacaxi.

Amava minha vidinha de solteira.

Fui apelidada por minhas colegas de trabalho como “a garota solitária”, pois quando comentávamos sobre as atividades do fim de semana, as minhas eram sempre as mesmas. Não via problema algum em ser solteira, afinal, eu não fugia dos homens, nem era avessa ao compromisso, apenas deixava rolar, só que no meu caso, não rolava nada.

Uma frase do *Mario Lago*, diz assim: *“Fiz um acordo com o tempo. Nem ele me persegue, nem eu fujo dele. Um dia a gente se encontra e, dessa forma vou vivendo intensamente cada momento”*.

Era exatamente assim que me sentia em relação ao amor, não buscava encontrá-lo e não fugia dele, vivia um dia de cada vez e não criava grandes expectativas a respeito das pessoas, principalmente dos homens. Era assim que evitava decepções e apreciava as coisas boas que a vida tinha para me oferecer.

Como ainda era cedo, decidi levar o carro até a oficina mecânica do meu amigo Tiago. Queria lavar minha velha *pick-up Ford F-75*, azul cobalto, e era ele quem fazia o trabalho para mim. Também pediria para fazer uma revisão, antes de seguir viagem.

O Tiago era um velho amigo do meu pai, os dois cresceram juntos, era como um tio para mim. Desde que meu pai falecera, Tiago tem participado da minha vida como uma figura paterna.

— Luizinha, filha. Finalmente de férias — comemorou ao me ver descendo da caminhonete.

— Nem me fale, estou muito ansiosa para colocar o pé na estrada.

Tiago sabia que eu pretendia viajar, ele foi o primeiro a me apoiar na decisão, seguido de Jéssica, que me motivou ainda mais. Eu não conseguia chamá-lo de tio, muito menos de “Seu Tiago”, ele poderia ser um senhor em seus sessenta e cinco anos, mas parecia um garotão cheio de saúde e feliz da vida em seu macacão com a logomarca da oficina.

— Quando você vai?

— Amanhã cedo. Queria que desse uma olhada na *pick-up*, saber se está tudo certo. Sei que deveria ter pedido antes, mas sabe como são as coisas.

— Claro que sei, você e sua velha mania de deixar tudo para última hora.

— Ah, não fale assim. Até a trouxe bem cedinho — gracieji.

— Tudo bem, filha. Darei uma olhada nela, agora mesmo. Quer ficar?

— Você sabe que mais atrapalho do que ajudo, tenho que ir ao mercadinho da Dona Magnólia, preciso comprar algumas coisas para levar durante a viagem.

— Certo. Já sabe qual cidade vai conhecer primeiro?

— Não exatamente, por isso quero abastecer um *cooler* com água e suco, algumas bolachas, frutas e pão. Não sei se encontrarei algum mercado pelo caminho, então é bom me prevenir.

— Essa é a minha garota!

Dei um abraço no Tiago e atravessei a rua, indo em direção ao pequeno mercadinho da Dona Magnólia, uma senhora muito simpática que era praticamente o patrimônio histórico do nosso bairro. Andei pelos corredores e fui pegando tudo que precisava, detestava fazer lista de compras, o que significava gastar mais do que planejava, já que sempre incluía itens de última hora. Puro consumismo. Levei mais de trinta minutos entre passear pelo mercado, comprar o que precisava e parar para conversar com alguns moradores, além de prestar atenção ao velho discurso da dona Magnólia, com seu habitual interrogatório: “*Luizinha, tá namorando?*”, “*O quê? Ainda não?*”, “*Mas como uma florzinha como você ainda está solteira?*”. Sempre com muita paciência, dei as mesmas desculpas e logo que foi possível, me encaminhei para a saída.

Voltei à oficina do Tiago e aguardei que terminasse a revisão, por sorte estava tudo certo desde a última vez que havia feito os reparos necessários, poderia seguir viagem tranquila. Agradei com um abraço, porque por mais que eu insistisse em pagar pelo serviço, o Tiago se recusava a aceitar meu dinheiro, usando a desculpa esfarrapada: “*Me paga um sorvete outro dia*”.

Até parece que um senhor com mais de sessenta anos, vivia só de sorvete.

“*Tiago, Tiago, dinheiro não nasce em árvore*”, eu dizia. Mas quem disse que ele me escutava?

Voltei para casa e verifiquei minha mala, era a primeira vez que viajaria e não tinha noção alguma do que levar. Separei roupas de frio, de calor, trajes de banho, toalhas — não teria coragem de usar toalhas de hotel —, sapato, bota, chinelo e sandália rasteirinha. Havia também um chapéu, estilo Indiana Jones, presente da Jéssica. Era horrível, mas ela pediu que lhe enviasse uma *selfie*, assim que o usasse. Não tive coragem de dizer a ela que o chapéu não sairia da mala. Talvez fizesse uma foto, usando-o apenas para agradá-la. Além do chapéu, separei uma toca de lã e um boné. Muito provavelmente, um exagero de minha parte, afinal, viajaria pelas proximidades, não para outro continente. Mas meu pai sempre dizia: “*é melhor prevenir do que remediar*”.

Carro ok. Suprimentos ok. Mala ok. Pou na Jéssica, ok.

O dia passou voando, acabei tomando outro banho antes de dormir. Estava exausta e também ansiosa para o dia seguinte. Pretendia levantar cedinho e finalmente curtir minhas tão sonhadas férias. Como de costume, antes de dormir, me ajoelhava ao lado da cama e fazia a oração que minha mãe me ensinou quando criança:

“Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina. Sempre me rege, me guarda, me governa, me ilumina. Amém.”

Era até engraçado, uma mulher de vinte e cinco anos fazendo a oração de *Santo Anjo*. Coisa de criança, alguns diriam. Mas era importante para mim, me sentia protegida e lembrava de minha mãe, que me ensinou desde pequena que cada um de nós tinha consigo um anjo da guarda.

Pensei que não conseguiria dormir bem, devido à ansiedade pela viagem, mas felizmente meu sono foi tranquilo e acordei descansada e pronta para iniciar minha aventura. Mesmo tomando banho antes de dormir, optei por tomar outro pela manhã, assim ficaria bem disposta para iniciar meu dia. Não saberia exatamente onde pararia para pernoitar, portanto um banho a mais não me faria mal algum, já que não fazia ideia de quando tomaria outro.

Vesti uma bata floral de tecido leve e um short jeans confortável, calcei meu par de chinelos — pois pretendia dirigir descalça — e deixei meus cabelos soltos, para secarem naturalmente. Preparei uma tigela de cereal e após devorá-la, comecei a colocar as coisas na carroceria da pick-up, cobrindo-a com uma lona. Depois de fazer uma checagem para verificar se estava tudo no carro, me lembrei de colocar um cobertor, meu travesseiro e alguns lençóis limpos. Preferia levá-los, já que nunca fiquei tanto tempo fora de casa e não sabia se iria me adaptar ou não, com o que encontraria em quartos desconhecidos. Fiz mais uma checagem, por segurança, então finalmente tranquei a casa e saí. Passei no posto de gasolina para abastecer — quase me esqueci — e logo peguei a rodovia interestadual.

Assim como em alguns filmes que já assisti, levei comigo um mapa. Confesso que não entendia nada, mas queria ter um comigo, fazia parte de todo o charme de cair na estrada sem destino certo. Liguei meu rádio e conectei o pendrive para tocar as músicas que selecionei, especialmente para minha viagem. Ao som de *Good Girl*, da *Carrie Underwood*, segui pela estrada nova, mas resolvi cortar caminho entrando na estrada antiga, quase nenhum carro trafegava por lá, por ser uma trilha de areão e fazer muita poeira. Alguns caminhões ainda usavam o caminho como atalho, eu não estaria solitária, mas viajaria com tranquilidade.

Com exceção da poeira — o que não me importava, pois achava o máximo ver minha caminhonete velha fazendo poeira na estrada —, estava tudo sob controle. Continuei cantarolando minhas músicas e curtindo a viagem solitária sem nenhum outro veículo trafegando.

De repente a estrada a minha frente ficou pouco visível, provavelmente algum caminhão seguia por aquele caminho, deixando o rastro de poeira. Diminuí a velocidade, por segurança, e me mantive atenta à estrada, cantarolando animada em alto e bom som.

*“Ei, boa garota
Com sua cabeça nas nuvens*

*Eu aposto que posso dizer no que você está pensando
Você verá um bom garoto
Que vai lhe dar o mundo
Mas ele vai deixar você chorando
Com seu coração na sujeira...”*

Uma forte luz vinda do céu — ensolarado e cheio de nuvens branquinhas se destacando no azul — chamou minha atenção. Pensei que fosse algum helicóptero pegando fogo, tentando um pouso forçado, mas o objeto não era tão grande quanto um helicóptero parecia ser, e estava se aproximando cada vez mais rápido, para perto de onde eu estava. Apavorei-me e tentei frear o quanto antes, mas o que quer que estivesse caindo, atingiu o chão antes do que eu havia calculado e não tive como desviar a tempo. Girei o volante enquanto freava, tentando amenizar o impacto, sem sucesso. Meu carro bateu contra o objeto desconhecido — que por sorte não era um helicóptero e nem estava mais pegando fogo —, amassando a porta do carona e me sacudindo contra o volante, causando-me um corte na testa e uma tremenda dor de cabeça.

Levei alguns minutos para me dar conta que precisava verificar no que eu havia batido. Poderia ser algum lixo espacial, pedaço de satélite ou sei lá o quê, mas tinha que descobrir o que era. Desci da *pick-up* e fui até a frente do carro, onde ainda havia uma forte poeira. Tive um acesso de tosse, devido a minha rinite alérgica, e me arrependi por não ter esperado a poeira diminuir.

Precisava deslocar meu carro para o acostamento e evitar que algum veículo se aproximasse rápido demais e batesse em mim. Virei-me para fazer o que que pretendia, quando um barulho me fez parar.

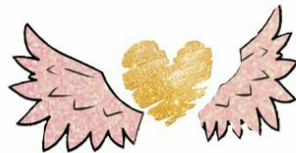
Um gemido? Franzi a testa.

Voltei-me na direção do som, com pressa, e o que vi me tirou o fôlego.

— Uma pessoa! — gritei para quem quisesse ouvir, no caso, apenas eu.

Havia um homem deitado no chão, em posição fetal.

Ele está pelado! Como isso é possível?



CAPÍTULO dois

“Sem palavras, foi tão forte o que nasceu dentro de mim
Em teus olhos, eu vi as cores e o tempo que eu perdi”

(Br'oz)

Não sabia o que fazer, estava nervosa e não queria prejudicar ainda mais o estado dele, que parecia crítico. Quando me dei conta, lágrimas escorriam pelo meu rosto e me esforcei ao máximo para não entrar em pânico.

Respira Luiza, esse cara depende de você!

Tentei manter a calma e me aproximei para ajudá-lo o mais rápido que consegui. Acho que eu estava em choque, afinal, nunca tinha atropelado alguém, principalmente alguém que acabara de cair do céu. Agachei-me e ajoelhei ao seu lado. Observei-o com preocupação, achei que estava desacordado, porém consegui ouvir os gemidos quase inaudíveis.

— Moço, pelo amor de Deus, acorda! — pedi desesperada.

Ele não se mexeu, mas ainda gemia.

Toquei seu braço com todo o cuidado do mundo, para não o machucar ainda mais. Pensei que fosse se contrair de dor ou gemer, mas não esboçou nenhuma reação negativa ao meu toque, o que me deu confiança suficiente para tentar virá-lo. Ainda não conseguia ver seu rosto, o homem estava bastante encolhido.

— Cacete! Não me assuste desse jeito, moço. Meu coração não aguenta! — Levei um susto e caí para trás quando sua mão se mexeu, no areão.

Esqueci completamente o fato de ele estar pelado. Respirei fundo e, tomando coragem, reuni minhas forças e o puxei, virando suas costas para o chão, deixando-o de barriga para cima. Ele virou a cabeça e então pude vê-lo melhor.

Coitadinho!

Seu rosto estava completamente marcado por escoriações, além do corpo com queimaduras e ferimentos causados pelo acidente. Precisava ser atendido com urgência, mas ali não pegava sinal de celular e nenhum outro carro havia aparecido até aquele momento. Teria eu mesma que levá-lo para o hospital mais próximo.

Maldita hora em que resolvi pegar esse atalho!

— Fique aqui, vou pegar um lençol para cobri-lo.

Só depois que disse as palavras é que percebi o quanto aquilo foi idiota. O homem não ia à lugar algum no estado em que se encontrava. Ignorando as “abobrinhas” que saíam de minha boca, fui até a carroceria da *pick-up* e peguei um dos lençóis. Voltei para onde o homem estava e cobri sua nudez. Ele finalmente abriu seus olhos, mas não disse nada.

Novamente reuni minhas forças e consegui — com um esforço sobre-humano — sentá-lo. Enrolei o lençol envolta de seu corpo, que sangrava pouco, mas fiquei aliviada por não encontrar nenhuma fratura exposta. Sabia que o fator principal em primeiros socorros, era não mover a vítima até que o socorro chegasse, mas naquela situação, eu era o socorro, e devido ao tamanho daquele homem — que devia ter quase dois metros de altura — não conseguiria de jeito algum imobilizá-lo e removê-lo dali sozinha.

— Por favor, moço. Sei que está machucado, mas faça uma forcinha e me ajude a te levantar! Assim posso te colocar no carro e te levar a algum hospital.

Praticamente supliquei para que colaborasse comigo. Quando me encarou, reparei no azul profundo dos seus olhos. Eram incríveis, tão azuis como o céu que estava acima de nós. Ele não tinha expressão de dor em seu semblante, mas me encarava com tamanha intensidade, me deixando surpresa e confusa. Contudo, me dei conta de que não era para mim que ele olhava daquele jeito profundo, e sim a reação ao estado de choque em que se encontrava.

— Vamos lá, está bem? No três, você impulsiona para que eu possa te levantar — pedi.

Contei até três e quando me preparava para o tombo, que provavelmente aconteceria, tamanha foi minha surpresa quando ele se levantou sem esforço algum.

Como isso é possível?

Não bastasse ter caído do céu e estar todo machucado, ele conseguiu se levantar como se estivesse apenas sentado, descansando por alguns minutos. Abraçando-se ao lençol, o homem me encarava sem dizer nada. Reparei em seu pescoço uma fina corrente de prata, com uma medalhinha pendurada. Cheguei mais perto, com cautela. Pensei que fosse recuar, mas não o fez, apenas continuou me olhando em silêncio. Toquei na medalha e observei o símbolo gravado. Era o desenho de uma flecha com ponta de coração. Muito fofa. Virei a medalha e do outro lado havia um nome gravado, em uma letra bonita, mas muito pequena.

— Miniel...

Ele não esboçou reação alguma ao ouvi-lo.

— Esse é o seu nome?

Balançou a cabeça em negativa, seus lábios se esforçando para pronunciar alguma coisa.

— E-eu... Não me lembro.

Franzi a testa.

— Não lembra o seu nome? — insisti.

Ele balançou a cabeça, negando mais uma vez.

— Miniel é um nome esquisito pra cacete, acho que esse não deve ser seu nome. Talvez seja alguma sigla ou marca de alguma empresa.

Voltei à realidade de que havia um homem ferido precisando de ajuda e acionei o modo “salvadora” novamente. Toquei seu braço, incentivando-o a caminhar em direção à *pick-up*.

— Entre, eu o levarei ao hospital mais próximo. Seja aonde for... — Tentei sorrir para confortá-lo, mas o pânico não havia me abandonado totalmente.

— Você é um anjo? — perguntou ele, fitando-me com curiosidade.

Como assim um anjo? Eu nem sou loira!

Não sei de onde tirei a ideia de que para ser um anjo, era necessário ter cabelos loiros. Na verdade, nunca pensei na aparência física de um anjo, mas sabia com certeza que eu não era um.

— Por favor, entre no carro, sim? — pedi com delicadeza.

Ele não insistiu na pergunta — para a minha alegria — e entrou, sentando-se no banco do carona. Dei a volta e entrei no carro, agradecendo mentalmente aos seres superiores, por ele não estar passando mal. Dei a partida e continuei seguindo pela estrada deserta até que finalmente consegui retornar para a rodovia interestadual.

Olhei de soslaio para o homem ao meu lado, ele estava dormindo com a cabeça recostada no banco. Liguei o rádio novamente para me distrair do susto que havia tomado. Precisava ouvir outro som além do ronco do motor. A voz de *Tim McGraw* invadiu o ambiente, junto a *Taylor Swift* e *Keith Urban*, em *Highway Don't Care*.

“ A estrada não vai deter você esta noite
A estrada não sabe que você está viva
A estrada não se importa se você está completamente só
Mas eu sim, eu sim
A estrada não enxugará as suas lágrimas
A estrada não precisa de você aqui
A estrada não se importa se você está indo para casa
Mas eu sim, eu sim...”

A dor de cabeça persistia e considerei precisar de um analgésico. Talvez um raio-X também. Observei as placas indicativas e sorri ao constatar que estava prestes a entrar no município vizinho. Assim que chegasse ao centro da cidade, levaria o moço ao hospital, cuidaria do meu machucado e depois seguiria viagem.

Senti uma angústia ao me dar conta que teria que deixá-lo para continuar com meus planos. Sei lá, foi tão estranho encontrá-lo daquele jeito, não parecia certo retomar minha jornada enquanto um desconhecido — que eu atropeliei —, que não se lembrava quem era, ficasse sozinho em um hospital com pessoas estranhas.

Eu e meu coração de manteiga derretida!

Mas aquele era meu jeito, não conseguiria ir embora sabendo que ele estava completamente sozinho. Teria que ficar e ajudá-lo a localizar sua família ou pelo menos recordar seu nome.

Avistei a placa de acesso ao hospital e entrei à direita, a rua estava bastante movimentada. Já havia perdido completamente a noção do tempo. Parei no sinal vermelho, fechei meus olhos por alguns segundos. A minha cabeça martelava de dor e estava me sentindo atordoada. Peguei meu celular no porta-luvas e verifiquei as horas, era uma da tarde.

Passou voando!

Olhei para o moço ao meu lado e reparei que algo estava diferente.

— Como é possível? — perguntei assustada.

As feridas em seu rosto haviam desaparecido. Sua pele estava suja, havia o sangue seco, mas todos os ferimentos desapareceram. Ouvi o barulho de buzina, o sinal estava verde e eu impedia a fila de carros de trafegar pela via. Voltando a me concentrar no volante, acelerei e dirigi até encontrar uma farmácia.

— Ei cara, acorde aí! — chamei-o irritada, após estacionar e tirar o cinto de segurança.

Ele abriu os olhos, me encarando confuso e sonolento.

— O que você é? — perguntei com cautela.

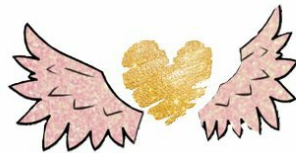
Franziu a testa, parecendo não entender o que eu estava dizendo.

— Vamos lá, confesse! — pressionei. — Não adianta fazer essa carinha de cachorrinho sem dono. Comigo não rola, ok?

Estava para lá de nervosa com a maneira que me olhava.

— Eu não sei...

O que faço agora? Tenho certeza que esse cara é um alienígena!



CAPÍTULO *Corê*

“Ouço sua voz e a alegria
Dentro de mim faz moradia
Vira tatuagem sob a pele”

(Sandy & Junior)

— Você se curou sozinho. Tem ideia de como fez isso?

Aquele “eu não sei”, estava me tirando do sério.

— Não.

Ele continuou me encarando de uma maneira tão... Inexplicável. Mexeu comigo, não entendi o porquê. O azul profundo de seus olhos me transmitia uma paz imensa. Sabia que estava falando a verdade, o que me deixou ainda mais comovida e preocupada por ter que deixá-lo sozinho. Aproximei-me e passei a mão, com leveza, em seu rosto. Estava áspero por causa da poeira e do sangue seco, mas confirmei o que estava evidente a olho nu: Sem ferimentos.

— Deixe-me ver seu corpo — pedi, abrindo o lençol lentamente. Ele não recuou e continuei até seu tórax ficar exposto.

Mantive a mão firme no lençol, tentando não tocá-lo de maneira íntima. Ele poderia ser um alienígena, mas certamente não era um idiota, perceberia se eu estivesse explorando demais. Voltei a prestar atenção ao local dos ferimentos. Todos haviam desaparecido.

— Eu não sei o que você é — revelei nervosa —, mas te vi caindo do céu e juro que tinha algo pegando fogo. Como é que você cai do céu, e não tem uma nave espacial ou alguma cápsula protetora?

Se me dissesse que não sabia, tentaria ao máximo me manter calma e não partir para a ignorância. Mas precisava de mais respostas e ele não estava cooperando.

— Moço, é o seguinte: Quero te ajudar, de verdade. Mas não sei o que fazer. E se aquele pessoal da NASA vier atrás de nós? Eu caio mortinha no chão! Não estou afim de passar minhas férias na *Área 51*. — Respirei fundo, tentando não surtar de vez.

— O que é *Área 51*? — Franzindo a testa, ele finalmente falou uma frase diferente.

— Por acaso você nunca assistiu *Independence Day*? Com o *Bill Pullman*, *Will Smith*, *Jeff Goldblum*? — Soltei uma risada sarcástica.

Ele negou com um gesto de cabeça.

— De que planeta você é? Todo mundo já assistiu esse filme!

Caramba! O cara nem sabe se é da Terra e eu aqui perguntando se ele assiste filme de extraterrestre.

— Tudo bem. Foi mal. — A dor de cabeça estava ficando mais forte e comecei a me preocupar. Olhei para a farmácia e tomei uma decisão. — Escute só, preciso fazer um curativo e comprar alguns remédios, encontrarei algumas roupas para você, também. Não posso te levar a um hospital, mas vou te ajudar. Você confia em mim?

E pela primeira vez, desde que nos conhecemos, ele sorriu. E meu coração se derreteu todinho, feito manteiga na panela, açúcar na boca, sorvete no sol. O homem era bonito *pra*

cacete. Bonito era pouco, ele era perfeito. Os olhos me chamaram a atenção pelo azul intenso, o corpo musculoso evidente, e se ele fosse realmente um alienígena, com certeza, depilação era uma regra em seu planeta. Ao menos nas partes em que consegui ver. Confesso que fiquei vermelha ao me pegar imaginando as “coisas” dele.

Será que o órgão genital de um alienígena é igual ao de um humano?

De novo pensando besteira, quando deveria estar preocupada em socorrer um ferido. Com certeza deveria ser efeito colateral da dor de cabeça infernal. Voltando ao ponto: Ele sorriu — com aqueles dentes brancos e perfeitamente alinhados — para mim.

— Você é um anjo? — repetiu a pergunta.

Ele estava “perdidinho da Silva”, fiquei com pena. Eu não poderia bancar a Sherlock Holmes a todo momento, enchendo o moço de perguntas.

— Não, eu não sou um anjo. Mas posso ser a sua fada madrinha e arrumar roupas para você ir ao baile. — Retribuí o sorriso.

— O quê?

— Deixa pra lá. Sou uma bobona. Você está aí peladão e eu só tenho falado besteira. Espere-me aqui, por favor. Eu já volto. — Saí do carro e acionei o alarme.

Fiz uma oração mentalmente, para que ele não saísse dali e me arrumasse problemas. Entrei na farmácia e a moça do balcão veio até mim, assustada com meu ferimento. Expliquei que havia dado uma freada brusca e batido a cabeça — mas não entrei em detalhes sobre ter atropelado um alienígena —, ela me levou a uma sala, nos fundos da farmácia, limpou o ferimento e desinfetou. Fez um curativo e me passou um analgésico e anti-inflamatório para evitar infecção e dores contínuas. Paguei e saí da farmácia, espiando minha *pick-up*. Respirei aliviada ao enxergar meu protegido dormindo novamente.

Caminhei pela calçada até avistar uma loja de roupas masculinas, atravessei a rua e fui até lá. A vendedora simpática me ajudou a escolher uma calça de moletom e duas bermudas. Observei atentamente, deduzindo se serviria no OVNI — *Objeto Voador Não Identificado* —, apelido que decidi dar ao moço desmemoriado, já que ele caiu do céu e certamente não era humano. Também comprei cuecas, camisetas e um par de chinelos — tudo no “chutômetro” — e paguei com meu cartão.

Lembrei-me de que ele iria precisar de produtos de higiene pessoal, por isso retornei à farmácia e comprei desodorante, creme de barbear — não que ele precisasse — e uma colônia que achei cheirosa. Um homem como ele, precisava ter cheiro bom. Talvez estivesse exagerando. Não sabia por quanto tempo permaneceria ao meu lado, mas o homem estava pelado e eu tinha que ajudá-lo. Que mal havia em comprar uma colônia e algumas cuecas? Sempre fui solidária, estava apenas ajudando um semelhante — ou não, já que poderia nem ser da Terra —, fazendo uma boa ação.

Perguntei as horas e a moça me informou que já passavam das quatro. Havia um bom tempo desde que saí da antiga estrada e cheguei naquele lugar. Entre perguntas, devaneios,

curativos e compras, o tempo passou voando mais uma vez. Voltei às pressas, com medo de ele ter fugido enquanto eu estivesse fora, mas não, *OVNI* ainda estava no carro.

— Oi — cumprimentei ao me ajeitar no banco do motorista, colocando as sacolas aos pés dele. — Vou procurar um lugar para ficarmos, você toma um banho e veste as roupas que comprei. Pedirei comida para nós, porque não sei você, mas estou varada de fome.

Não sabia explicar, mas eu sentia uma necessidade de esclarecer as coisas para ele. Contar o que pretendia fazer, incluí-lo nos planos que estava traçando.

— Você é engraçada — comentou. Ele voltou a sorrir e percebi que adorava quando fazia aquilo.

— Ei, tá começando a ficar “saidinho”, hein? — Franzi a testa. — Lembrou de algo, enquanto estive fora?

— Não, minha cabeça está uma confusão.

Como se fosse a coisa mais normal do mundo, acariciei seu ombro, confortando-o.

— Trouxe analgésicos. Você ficará bem, *OVNI*.

— *OVNI*? — perguntou confuso.

— É o apelido que te dei, afinal, você caiu do céu, amigo. — Dei de ombros.

— E você?

— Eu? É claro que não caí do céu. Estava na estrada, dirigindo. Desculpe te dizer isso, mas atrolei você.

— Isso não importa. Eu quis dizer, como você se chama?

— Sou a Luiza e não tenho um apelido. — Não queria ele me chamando de Luizinha, fala sério!

— Para onde estamos indo, Luiza?

— Para um hotel que eu possa pagar. Tenho uma grana guardada e de acordo com meu orçamento para a viagem, hotéis de beira de estrada são as opções mais econômicas.

— Certo.

— Pegarei a interestadual novamente, em menos uma hora encontro um lugar decente pra gente ficar.

— Como sabe?

— A moça da farmácia me explicou.

Aquele foi o diálogo mais longo que tivemos. Depois que voltei das compras, ele parecia mais receptivo a uma conversa, mas tentei não o pressionar com perguntas que, obviamente, ele não estava em condições de responder. Talvez se eu não “forçasse a barra”, poderia se lembrar

aos poucos.

Fiz o restante do trajeto em silêncio, *OVNI* recostou a cabeça na janela, deixando o vento soprar seus cabelos, enquanto mantinha os olhos fechados. O rádio estava ligado e quando a voz de *Shania Twain* gritou “*Let’s Go Girls!*”, eu quase “pirei o cabeção”. Se havia algo sobre mim que alguém precisava saber, era que *Man! I Feel Like a Woman!* me fazia perder as estribeiras. Era uma música que não tinha nada a ver comigo, mas que despertava em mim a vontade de fazer tudo o que a letra dizia.

Minha parte favorita era:

“*Sem inibições, sem condições
Sair um pouco da linha
Não vou agir politicamente correta
Só quero me divertir um pouco
A melhor coisa de ser mulher
É ter pretexto de ter um pouco de diversão
Oh, oh, oh, ficar totalmente maluca,
Esquecer que sou uma dama...*”

Cantar aquela música em voz alta era uma regra particular minha. Por alguns minutos, esqueci que tinha companhia no carro e soltei o gogó, como se estivesse participando de um *reality show* musical. Detalhe: Eu cantava muito bem — o que fazia a vergonha de ter sido observada o tempo todo, um pouco menor —, era um dom. A música terminou e percebi que *OVNI* me observava. *DAQUELE* jeito. Senti que minhas bochechas estavam quentes e provavelmente pareciam um pimentão, vermelho de tanta vergonha.

— Foi mal, te acordei — falei, prestando atenção ao tráfego.

— Sua voz é linda — elogiou. — Muito alegre.

— Obrigada.

— Reparei que a maioria das músicas que você gosta, é *country*.

— Meu pai cresceu em uma fazenda, ouvia muita música *country* americana. Ele era metido a cowboy, o gosto pela música foi influência dele.

— Ele tem bom gosto.

— Tinha sim, ele faleceu há alguns anos. — Dei um sorriso triste.

— Desculpe, eu... — começou a gaguejar, sem graça.

— Tudo bem, você não sabia. Não nos conhecemos, lembra?

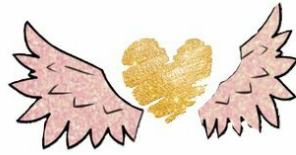
— A verdade é que não me lembro de nada. — Foi a vez de ele sorrir tristemente.

Avistei a placa indicativa, havia um hotel a menos de um quilômetro dali.

— Estamos quase chegando — disse, me virando para ele e me deparando com seus olhos perfeitos.

Por que eu me sentia daquele jeito, ao olhar para ele? Como se o mundo pudesse acabar, que não me importaria, desde que estivesse comigo. Como se estar ao seu lado fosse a coisa certa a fazer.

Acho que esses analgésicos estão me fazendo “viajar na maionese”...



CAPÍTULO *quatro*

“Quando penso que me libertei e que posso me entregar
A desconfiança vem à tona, insiste em me domar”

(Alexandre Pires)

O quarto era simples, mas limpo e arejado. Tentei pegar um quarto para solteiros, com duas camas, mas não tinha nenhum disponível. A única opção foi pegar um quarto de casal, e como meu acompanhante tinha acabado de cair do céu, não seria cruel a ponto de fazê-lo dormir no chão ou na poltrona minúscula. O cara tinha quase dois metros de altura, mal conseguiria se sentar nela. Sentindo-me a boa samaritana, expliquei que dividiríamos a mesma cama, e que embora não o conhecesse, confiava nele. *OVNI* apenas assentiu, com expressão séria, e concluí que havia entendido perfeitamente o que quis dizer.

Entramos no quarto e colocamos em cima da cama, minha mala e a sacola de roupas dele, além dos lençóis e travesseiros que eu trouxe de casa. Abri o pequeno frigobar e verifiquei o estoque. Sorri ao ver algumas *long necks* de *Budweiser*. Havia também suco de laranja, água mineral e refrigerante. Em uma bandeja acima do frigobar, encontrei pacotes de guloseimas, mas nenhuma delas mataria a fome que eu estava sentindo.

OVNI estava parado, em pé, observando o quarto em silêncio. Fechei o frigobar e voltei minha atenção para ele.

— Ei, você pode tomar banho primeiro. Quero ver se os machucados realmente desapareceram — avisei.

— Obrigado. — Pegou a toalha e as roupas que eu havia separado para ele e foi para o banheiro.

Sentei-me na poltrona, pois não queria sujar a cama. Estava suada e suja da poeira. Ao ouvir o barulho do chuveiro sendo ligado, fechei meus olhos por alguns instantes.

O que eu estou fazendo em um quarto de hotel, com um desconhecido?

Não fazia ideia de como as coisas dali em diante seguiriam. Assim que *OVNI* saísse do banho, seria a minha vez. Depois trocaria o curativo da testa e tomaria outro analgésico antes que a dor de cabeça voltasse. Só então iria verificar se os ferimentos dele haviam desaparecido por completo, o que tinha quase certeza. Contudo, depois que constatasse o óbvio, o que eu faria? Aparentemente, ele era uma pessoa como qualquer outra, mas somando os fatos recentes, como sua queda do céu — pegando fogo —, estar pelado e ferido, depois curar-se sozinho e não se lembrar de nada, era de se desconfiar. Não dele, mas da situação em questão. Comum não era.

— Extraordinário...

Teria que conversar com *OVNI* mais uma vez, tentar fazê-lo se lembrar de qualquer coisa. Alguém poderia estar procurando por ele, sua família ou *Os Homens De Preto*, que fosse, porque ele não poderia ter simplesmente caído do céu sem que ninguém sentisse sua falta.

Minha primeira opção era que *OVNI* poderia ser um alienígena. De tudo o que pensei, era a teoria menos esquisita. Considerando que fora da Terra eu só conhecia três pessoas que vieram de outros planetas, mas a probabilidade de ele ser de *Crípton* ou *Asgard*, eram remotas, afinal, não se tratava de um personagem de revista em quadrinhos. Também pensei no *Wolverine*, que tinha o poder de se curar, assim como meu amigo desmemoriado. Aliás, *Logan* também havia perdido a memória e viveu anos sem saber do seu passado. Talvez *OVNI* fosse um

mutante, tipo os *X-Men*. Ou o mais provável: Eu estava “viajando na maionese”, mais uma vez, criando as mais ridículas teorias da conspiração.

Considere a última hipótese mais relevante.

Não percebi que já havia desligado o chuveiro. Quando abriu a porta do banheiro, senti o perfume da colônia que havia comprado. Tão cheirosa e masculina. Ele caminhou até a cama e pude vê-lo melhor, sentindo meu corpo reagir estranhamente ao reparar em cada detalhe daquele homem. A pele clara. Os músculos do braço, bastante definidos, parecia atleta. A regata que comprei para ele, serviu perfeitamente, assim como a calça de moletom. Seus cabelos molhados formavam cachos naturais, em tom castanho. Reparei que estava descalço e franzi a testa.

— Os chinelos não serviram? — Eu quis saber.

— Esqueci de pegá-los na sacola.

— Ah... — Levantei-me da poltrona e comecei a separar minhas roupas e toalha para o banho.

— Luiza...

Era a primeira vez que ele me chamava pelo nome. Um arrepio percorreu minha espinha, ao ouvir sua voz rouca. Olhei para ele, que mais uma vez me contemplava com seus olhos azuis.

— Obrigado por me resgatar na estrada, por me ajudar, mesmo acreditando que existe algo errado comigo. Obrigado por confiar em mim, sozinho em um quarto contigo. Não sei quem sou, mas de uma coisa tenho certeza: Jamais farei mal algum a você.

— Não precisa agradecer, *OVNI*. Tenho certeza que, quem quer que você seja, não é uma pessoa ruim. — Uma onda de ternura me invadiu. Sorri para ele, comovida.

Um sorriso fraco surgiu no canto dos seus lábios. Já havia percebido que fazia aquilo quando achava alguma coisa engraçada.

— Está rindo de mim? — perguntei, com falsa indignação. — Pensei que estávamos compartilhando um momento de amizade.

— E estamos, mas você precisa encontrar outro nome para mim. Não sou um *Objeto Voador Não Identificado*.

Senti meu rosto queimar diante de sua constatação. Não imaginei que saberia o porquê de seu apelido, afinal, estava desmemoriado. Mas certamente não era idiota, então quem se sentiu idiota foi eu, por tê-lo apelidado daquela maneira.

— Foi mal. Mas você ainda é um não identificado, só deixou de ser um objeto voador — brinquei. — Vou para o banho, tenho certeza que pensarei em um apelido melhor.

— Fico grato.

O que era aquilo? Aquele homem com certeza não pagava imposto para sorrir. Cada vez mais, seu sorriso se fazia presente, o que me deixava contente, pois significava que ele se sentia bem em minha presença.

Nenhum de nós continuou a conversa, então peguei o que precisava e fui para o banheiro. Tirei minhas roupas e percebi como o meu corpo estava cansado e dolorido. A adrenalina de ter atropelado um OVNI — que não queria mais ser chamado de OVNI — me deixou dormente por algumas horas, mas assim que paramos no hotel, meu corpo começou a relaxar e a sentir a fadiga de um dia cheio de acontecimentos inesperados.

Liguei o chuveiro e medi a temperatura da água com a mão, quando ficou morna, entrei e deixei que a água aquecesse meu corpo e levasse embora toda a poeira impregnada em minha pele. Senti dor na testa, e só então me lembrei do curativo que ali estava, havia entrado água quente no machucado. Retirei o curativo com cuidado, peguei meu próprio sabonete e o esfreguei na esponja que também havia levado. Passei-a pelo corpo e me enxaguei, sentindo alívio ao constatar que minha pele estava macia novamente, sem a aspereza anterior. Ao passar o shampoo em meus cabelos, fechei os olhos para que não ardesse e tomei cuidado com o ferimento.

De repente, um pensamento surgiu em minha mente, o pedido de OVNI para que eu escolhesse um novo apelido para ele. Como poderia chamá-lo? Não se tratava de um animalzinho de estimação, para que escolhesse qualquer nome fofo e besta. Como Bob, Pimpolho, Bolinha ou Chorume. OVNI era uma pessoa, eu precisava parar de chamá-lo daquela maneira. Mas que porcaria! Eu não possuía a menor criatividade para dar nome a quem quer que fosse. Começando pelo meu próprio gato, que tinha nome de aplicativo de celular.

Após passar condicionador e enxaguar o cabelo, pensei em alguns nomes para meu amigo desmemoriado. O receio de que alguém estivesse procurando por ele — principalmente se fosse alguém da “inteligência” ou qualquer uma dessas unidades super secretas que lidam com acontecimentos sobrenaturais ou extraterrestes — tomou conta de mim. Também havia o fato de que não possuía nenhum documento de identificação. Era uma imensa lista de preocupações. Mas de uma coisa eu tinha certeza absoluta: Faria o possível para protegê-lo, até que recuperasse a memória.

Terminei o banho, desconfiando ter demorado mais que o necessário, perdida em meus devaneios. Sequei-me e enrolei a toalha na cabeça, após vestir meu pijama de algodão, rosa, e uma camiseta de mesmo tecido. Abri um *Band-Aid* e o coleí na testa, cobrindo o machucado que já não doía como antes. Recolhi minhas coisas e saí do banheiro. Olhei ao redor do quarto e não avistei OVNI — ainda não havia escolhido outro nome para ele —, mas reparei algo perto da janela. Pisquei várias vezes para ter certeza que era real, depois de constatar que não se tratava de uma alucinação, prendi minha respiração.

O que era aquilo próximo as cortinas?

Quando “aquilo” se mexeu e virou em minha direção, quase tive um AVC.

OVNI sorria daquele jeito quando achava algo engraçado, mas eu não estava afim de sorrir para ele naquele momento, não havia graça nenhuma no que estava presenciando. Se antes havia considerado minhas teorias absurdas, o que estava diante de mim era no mínimo bizarro, mesmo que fosse incrivelmente... Lindo. Ele não era um extraterrestre — tecnicamente sim, mas... Não exatamente um alienígena — e nem um super-herói. Estava muito acima.

— Ai, cacete! — Consegui dizer após me recuperar do choque inicial. — Isso são asas?

— O quê? — perguntou assustado, olhando para a janela, como se estivesse procurando alguma coisa.

Por que ele estava sem a regata? Por que fingia estar procurando algo, quando o que eu via, estava preso ao seu corpo? Era impossível que não sentisse o peso, eram enormes. Tão majestosas e incrivelmente belas. Apontei para ele antes de dizer:

— V-você tem asas...

Ele franziu a testa, parecia confuso, quando quem devia estar confusa era eu. Como ele tinha um par de asas e não percebia?

— Como assim? Está me dizendo que sou algum tipo de pássaro? — Sua voz denotava deboche.

Revirei meus olhos e ele ficou sério.

— Não, estou dizendo que você tem a porra de um par de asas! — gritei, acusando-o.

OVNI me encarou, estupefato. Será que realmente não percebeu que eu estava falando sério? Não havia dúvidas. Sabia que ele não era humano, algo me dizia, desde que vi suas feridas desaparecerem como mágica. Mas se não fosse mágica? E se fosse um... Milagre.

— Se não sou um pássaro, então, o que sou? — perguntou confuso.

Olhei diretamente em seus olhos, nunca deixando de sentir aquela sensação deliciosa, quando nossos olhos se encontravam, mas tentei ignorar — por mais difícil que fosse —, não era a hora de me perder em emoções desconhecidas. O assunto era sério e a minha “ficha” finalmente havia caído.

Respirei fundo antes de revelar meu palpite.

— Um anjo! — respondi, com a voz afetada. — Você é a porcaria de um anjo desmemoriado!



CAPÍTULO cinco

“Às vezes se eu me distraio
Se eu não me vigio um instante
Me transporto pra perto de você
Já vi que não posso ficar tão solta”

(Pitty)

Não deveria ter falado daquele jeito com o *OVNI*. Mas não consegui me controlar. Foi a surpresa da realidade descoberta, misturada com o cansaço e o estresse daquele dia cheio de suposições e revelações. Saí do quarto assim que vi a mágoa naqueles olhos azuis que tanto me hipnotizavam. Meu coração se partiu em culpa, quando me dei conta do que acabara de dizer. Eu o feri, e ferir com palavras era quase tão grave do que uma ferida física.

Sentada em um banco rústico, próximo à recepção e o estacionamento do hotel, buscava coragem para entrar no quarto e me desculpar com ele. Fui injusta, *OVNI* não tinha culpa por ser o que era, nem por não se lembrar. Ele era a vítima, se acidentou e eu o atropeliei. Sentia-me responsável, queria cuidar dele, protegê-lo. A ironia de tudo é que eu queria ser seu anjo da guarda, não deixar que ninguém descobrisse o que ele era, que não o fizessem de cobaia para alguma experiência maluca.

Foi um dia muito louco, eu estava com sono e havia perdido a fome. Decidi voltar ao quarto depois de quase uma hora, perdida em meus próprios pensamentos. Quando abri a porta do quarto, percebi que ele não estava. Meu coração parou por alguns segundos, a respiração cessou. A cama estava vazia e a porta do banheiro aberta.

Onde diabos ele se meteu?

Fui até a janela e quase pulei de susto ao vê-lo deitado no chão. *OVNI* havia feito uma cama improvisada, com um dos cobertores do hotel. A cabeça repousava em um travesseiro fino, e se cobriu com um de meus lençóis. Recuperei-me do susto e fui para a cama. Troquei os lençóis pelo meu, ajeitei o travesseiro e me deitei, cobrindo-me com o edredom que havia trazido. Revirando-me de um lado para o outro, levei um bom tempo para encontrar uma posição confortável para dormir.

Droga! O sono não vinha. Tudo por causa da maldita culpa.

Levantei e peguei meu travesseiro, fui até o outro lado da cama. Observei-o, estava com os olhos fechados e parecia estar em um sono tranquilo. Aproximei-me e deitei ao seu lado. Quando abriu os olhos, uma lágrima escorreu pelo canto de seu olho e eu me senti o cocô do cavalo do bandido.

— Me perdoa, por favor— Passei minha mão em seu rosto, carinhosamente, secando o trajeto da pequena lágrima. Ele fez o mesmo comigo e só então reparei que também chorava.

— Não chore — pediu com a voz entrecortada. — Machuca-me vê-la assim, não sei explicar, mas te ver chorando é como receber uma facada em meu peito.

— Ângelo... — Dei um sorriso fraco.

— Quem é Ângelo? — Franziu a testa.

— Você.

— Como sabe? Tem alguém procurando por mim?

— Não. Mas me pediu que encontrasse um nome para você, acho que Ângelo é o que eu estava procurando.

— Por que, Ângelo?

— Porque você é um anjo.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não entendo — murmurou — Você diz que tenho asas, mas por que não as enxergo? Por que não me sinto como se tivesse asas? E por que consegue vê-las?

Ângelo — ex-OVNI — sentou-se bruscamente, com os cotovelos apoiados em seus joelhos, cobrindo o rosto com as mãos. Sentei-me ao seu lado e quando dei por mim, estava o abraçando.

— Não sei — sussurrei perto do seu ouvido. — Apenas vi, não sei explicar. Elas não estão aparecendo agora, mas sei que estão aí, em você.

— É surreal demais, bastasse não lembrar quem sou, agora não tenho ideia do que sou...

— Desculpe-me ter sido uma ogra com você. Eu me assustei quando vi suas asas, são realmente grandes, foi um choque. Estive tentando entender o que você é, desde que seus ferimentos se curaram sozinhos. Anjo não me passou pela cabeça, e você não acreditaria se te contasse, todas as teorias malucas que eu estava elaborando.

Retirando as mãos de seu rosto, Ângelo retribuiu meu abraço. Sentir seus braços em volta de mim era reconfortante. O cheiro da colônia misturada a sua pele, era o aroma mais delicioso do Universo, e não estava exagerando quando pensava daquela maneira. Ficamos abraçados em silêncio, ouvindo a respiração um do outro. Como era bom aquele contato, me sentia segura, o que era estranho. Mas, estranho bom.

— O que vai fazer comigo? — Quebrou o silêncio.

— Como assim? — Desfiz o abraço e o encarei, as mãos caídas sobre minhas pernas.

— Não sou responsabilidade sua. Você me ajudou, mas seu carro está cheio de coisas e acredito que deva estar indo para algum lugar.

— Estou de férias — Dei de ombros. — Saí hoje cedo de casa, mas não tenho um destino certo, apenas planejei colocar o pé na estrada e dirigir por aí.

— Você pode me deixar em um hospital ou delegacia — sugeri.

— Não. — Alterei minha voz. — Não irei abandoná-lo! Ficará comigo. Quero dizer, até que consiga recuperar a memória ou alguém reivindicar você. Enquanto isso, é meu protegido.

— Eu é quem deveria estar sendo o anjo da guarda, não você. — Soltou uma gargalhada gostosa.

— Sou uma anja honorária, tá legal? — brinquei. — A propósito, essa medalha em seu pescoço, você reparou nela?

— Sim, no banho. Mas não sei o que ela significa. Uma flecha com ponta de coração, e um nome? É evasivo. Não dá para criar uma tese em cima disso. — Levou sua mão até o cordão de prata e segurou o pingente.

— Miniel pode ser seu nome de anjo — Franzi a testa e cocei o queixo. — Talvez seja uma medalha de identificação, algo assim.

— E a flecha? Tem um coração na ponta.

— Você pode ser um anjo que luta pelo amor. Pode ser o símbolo do seu setor angelical.

— Estava certa, quando disse que elaborava umas teorias malucas. — Balançou a cabeça, incrédulo.

— Ei, estou tentando ajudar!

— Está tarde — observou, soltando uma lufada de ar. — Você não comeu nada e...

— Eu me alimentei de culpa — o interrompi. — Não deveria ter falado com você daquele jeito. Fiquei muito mal, até perdi a fome.

Ângelo passou sua mão pelo meu rosto. Fechei meus olhos por alguns segundos, desfrutando a maciez de seu toque.

— Entendo você, Luiza. Não preciso te perdoar por nada. Você é uma boa garota. Mais uma vez, agradeço por me ajudar.

— Somos amigos, certo? — perguntei, abrindo meus olhos, observando-o com atenção.

— Claro que somos.

Eu sorri. Ele sorriu.

— Vamos dormir?

— Vamos. — Deitou-se em sua cama improvisada.

— Não aqui. Vamos dormir na cama.

— Pode ficar com a cama, eu durmo no chão, sem problemas.

— Se dormir no chão, também durmo — desafiei, me deitando ao seu lado.

Mantive os olhos fechados, ignorando-o. Após alguns segundos, ele se virou para ficar de frente para mim.

— Você é engraçada — sussurrou, dirigindo-me aquele sorriso lindo.

— Você está sendo teimoso. — Tentei manter minha voz firme, estávamos próximos demais.

Não disse nada, apenas me encarou, sorrindo torto. Fechei meus olhos, mas me mantive de frente para ele. Fiz um esforço sobre-humano para não espiar, saber se ele ainda estava me encarando. Estava pegando no sono quando senti braços firmes me levantando do chão.

— O que... — tentei protestar, em vão.

— Shhh. Vou te colocar na cama.

Ângelo me deitou na cama e me cobriu com o edredom. Quando o vi se afastar, rapidamente segurei seu braço, impedindo-o.

— Se dormir no chão, também durmo.

Ele hesitou, mas pegou seu travesseiro e deitou-se ao meu lado.

— Satisfeita, mocinha?

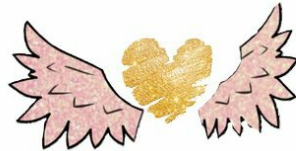
— Agora sim. — Sorri.

— Então durma.

— Boa noite.

— Boa noite, durma com os anjos — murmurou.

Quando percebemos a ironia da frase, começamos a rir juntos.



Meu sono foi tranquilo. Acordei antes do despertador tocar, pois meu estômago estava reclamando de fome. Ângelo não estava ao meu lado na cama, fiz uma varredura ocular pelo quarto, em busca dele. A luz, vinda da janela chamou minha atenção. Lá estava ele, observando o lado de fora.

Incrível ele não perceber...

— Por favor, não se mexa — pedi calmamente, me aproximando sorrateiramente.

Ele virou o rosto, mas manteve seu corpo onde estava.

— Por quê? — Havia um sorriso lindo em sua face. — Vai me dizer que tem uma barata em minhas costas?

O quê?

— Para um anjo, você tem um excelente senso de humor. — Revirei os olhos.

— Por que preciso ficar imóvel?

— Porque vou tocar suas asas!

Ângelo ficou em silêncio e tornou a olhar pela janela. Cheguei mais perto e reparei que algumas penas estavam queimadas.

— Por isso vi o fogo, eram suas asas — murmurei mais para mim do que para ele.

— Do que está falando?

— Ontem, enquanto dirigia, observei algo caindo do céu. Pensei que fosse uma bola de fogo, algum lixo espacial. Você já reparou que minha mente é bem criativa...

— Claro — concordou irônico.

— Tentei frear, mas bati em você. Se fosse uma pessoa comum, se machucaria gravemente. Eram suas asas pegando fogo, mas quando te ajudei, elas não estavam visíveis.

Estiquei a mão e toquei uma de suas asas, haviam penas queimadas, mas poucas, deviam estar se regenerando, exatamente como as feridas dele.

— Você sente quando as toco?

— Não, é como se não estivesse me tocando.

Uma ideia maluca surgiu em minha mente.

— Não se mova, ou ela pode desaparecer.

Corri até o criado-mudo, ao lado da cama, e peguei meu celular. Deixei-o a noite toda conectado ao carregador. Voltei para perto de Ângelo e abri o aplicativo da câmera.

— O que vai fazer? — perguntou curioso.

— Vou fotografar suas asas.

Ele continuou de costas e eu o fotografei.

— Prontinho, pode se mexer se quiser.

Ficou de frente para mim e entreguei meu celular, para que olhasse a fotografia.

— Está vendo?

Observou em silêncio, antes de responder:

— O que estou vendo é que minhas costas são extremamente sexy.

— O quê? — gritei, tirando o aparelho de sua mão e olhando.

Ele não enxergava as asas, nem na fotografia. Mas eu sim. Olhando para ele, de frente para mim, me dei conta que estava sem camiseta, usando apenas a calça de moletom.

— Faça o favor de se vestir, mocinho — ralhei.

Levantando as duas mãos para cima, na defensiva, ele continuou rindo.

— Está certo, mocinha. — Imitou meu tom de voz.

Ângelo caminhou até o criado-mudo, do seu lado da cama e pegou a regata para vesti-la. Observei suas costas nuas, as asas haviam desaparecido.

Oh, céus! Esse anjo é extremamente sexy.



CAPÍTULO seis

“Te abraço e sinto coisas que eu não sei dizer
Só sinto com você
Meu pensamento voa de encontro ao teu
Será que é sonho meu?”

(Fábio Jr.)

Tomamos café no quarto e descobri que Ângelo tinha fome de leão, como diria minha mãe — que Deus a tenha —. Conversamos como se nos conhecêssemos há anos, era o primeiro anjo com senso de humor que conhecia. Tecnicamente, ele era o único anjo que eu conhecia, mas tinha minhas dúvidas sobre seus colegas anjos serem tão extrovertidos.

Ele era elegante, do tipo realza, gente grã-fina que sabe se portar muito bem. Cada gesto, o jeito de andar, sentar, realmente diferente, gracioso. Não precisava ter suas asas expostas ou auréola na cabeça, bastava observá-lo com atenção e percebia-se que era especial, iluminado. Convidei-o formalmente para passar as férias comigo — que não teve argumentos para recusar, pois não tinha para onde ir —. Contei que pretendia viajar até uma cidade litorânea, queria conhecer o mar, mesmo que inicialmente não estivesse planejando visitar uma praia. O que era uma possibilidade, ganhou força.

Fiz o *checkout* e levamos nossas coisas para o carro. Seguimos viagem e retornei para a rodovia interestadual, pegando o acesso que nos levaria até a próxima cidade. Pararíamos para fazer um lanche, depois retomariamos viagem, onde a praia esperava por nós. Ângelo estava quieto, cruzou os braços na janela e ali ficou, deixando o vento soprar em seus cabelos enquanto admirava a paisagem.

— Sabe, acho que Miniel pode ser seu verdadeiro nome — comentei quando o silêncio entre nós estava me deixando desconfortável.

— Por que acha isso? — Ele se ajeitou no banco e olhou para mim.

— Está na sua medalha, tem que significar alguma coisa.

— Prefere me chamar de Miniel?

— Gosto de Ângelo. Se Miniel for seu verdadeiro nome, de qualquer maneira, você não é um anjo agora. Não até que descubra como ser um, novamente. — Sorri, ainda prestando atenção no trânsito.

— Se, por acaso, eu realmente for um anjo — ponderou.

— Você é — afirmei com convicção.

— Como sabe?

— Eu sinto. Você é diferente.

— Você tem fé em mim, Luiza. — Ele sorriu e balançou a cabeça, levemente.

— Eu gosto de você — disse sem pensar.

— Gosta? — perguntou, sorrindo ainda mais.

— Gosto.

— Também gosto de você.

O silêncio tornou a prevalecer, apenas as músicas se faziam ouvir durante os

quilômetros seguintes. Uma placa de aviso sinalizava que estávamos próximos a um posto de gasolina, pensei em parar para reabastecer a *pick-up* e fazermos nosso lanche. Comuniquei Ângelo e ele concordou, também estava com fome e precisava usar o banheiro. Aparentemente, anjos também tinham necessidades fisiológicas. Quinze minutos depois, estacionei próximo à bomba de gasolina e pedi ao atendente que completasse o tanque.

— Pensei que anjos não comessem, nem fossem ao banheiro — comentei despretensiosamente.

— Como não me lembro de ser um anjo, não sei agir como um. Não posso argumentar isso com você.

— Imaginei que fosse algo parecido com vampiros, só que mais fofinho.

— Você tem uma imaginação bastante fértil, Luiza. — Ele riu.

— Eu sei. Soa bem infantil, mas é da minha personalidade.

— Não é infantil, é puro.

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo. O atendente se aproximou e devolveu minhas chaves, paguei em dinheiro e logo estacionei em um terreno vazio, ao lado do posto de gasolina.

— Também preciso ir ao banheiro — comuniquei, abrindo a porta do carro.

Ângelo desceu e acionei o alarme.

— Nos encontramos aqui, para o almoço, tudo bem?

Ele acenou e fomos em direção aos toaletes.

Lavei meu rosto e me observei no espelho. Parecia feliz, estranhamente feliz. Talvez as férias estivessem me fazendo bem. Ou talvez, ter companhia fosse o verdadeiro motivo por estar tão radiante, de uma maneira que não sabia explicar o porquê. Ângelo mexia comigo, me transmitia segurança, uma paz que jamais senti. Em menos de vinte e quatro horas ele bagunçou minhas férias, mas preencheu minha vida com algo que nunca tive: uma vontade absurda de viver.

Saí do banheiro em busca dele, que me aguardava encostado na porta da *pick-up*, os braços cruzados deixavam seus músculos em evidência. Umedeci meus lábios com a língua, como se estivesse apreciando uma sobremesa apetitosa, mas logo me dei conta do que estava fazendo e morri de vergonha. Cobiçar alguém do sexo oposto, não era algo que costumava fazer a céu aberto. Por sorte não havia expectadores, mas Ângelo poderia ter me flagrado salivando por ele e seria extremamente constrangedor.

— Há uma árvore, logo ali. — Apontou a direção. — O que acha de fazermos o lanche, debaixo da sombra dela?

— Um piquenique?

— Pode ser!

Na carroceria da *pick-up* peguei uma toalha de mesa, xadrez, e o *cooler*. Ângelo os retirou das minhas mãos.

— Deixe que eu levo.

Sorri em agradecimento e andamos lado a lado, até a sombra da árvore. Estendi a toalha no chão e ele me ajudou a arrumar tudo, colocando os sanduíches dispostos em um prato descartável. Servi a nós dois com suco de laranja e entreguei a ele seu copo, juntamente com alguns guardanapos.

— Bom apetite.

Ele sorriu e deu a primeira mordida no sanduíche. Fiquei observando enquanto mastigava e por alguns segundos me esqueci de comer. Por sorte ele não percebeu.

Eu preciso parar com isso!

Comemos em silêncio. Após o segundo sanduíche, estava satisfeita. Ângelo comeu quatro. Recolhemos tudo e coloquei o *cooler* na grama, deixando-o de lado para que pudéssemos deitar em cima da toalha para descansarmos. Deitamos lado a lado, olhando para cima. O céu estava limpo, todo azul, com pouquíssimas nuvens.

— Sabe — comecei —, estive pensando...

— Lá vem mais uma teoria maluca — brincou ele.

— Deixe-me falar! Então, estive pensando que esse seu intercâmbio no meu planeta possa ter algum significado importante.

— Intercâmbio?

— Veja bem, não acredito que um anjo não possua superpoderes. Pode se curar rapidamente e tem asas que não consegue ver, mas eu sim. Fora isso, você é como eu.

— E sua conclusão sobre isso, é?

— Que sua falta de memória pode ser proposital para o que veio fazer na Terra. Talvez tenha uma missão a cumprir, mas não precisa da sua influência angelical para realizar essa tarefa.

— Isso pode ser considerado, embora não tenho ideia alguma de qual seja a minha missão, eles, quem quer que sejam, poderiam ter me dado alguma pista.

— Levando em conta que está na Terra há pouco mais de um dia, você pode se lembrar da missão em breve, cumpri-la e retornar ao lugar de onde veio.

Ele se virou de lado, apoiando-se em um dos braços, me olhando atentamente.

— Posso te contar um segredo?

— Conte logo! — Virei-me para ele, ansiosa.

Afastando uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha, ele disse:

— Não quero me lembrar de quem sou, nem descobrir se tenho alguma missão por aqui, por enquanto. Assim posso ficar mais tempo com você.

Abaixei meu olhar, mas sua mão ainda tocava meu rosto.

— Então fique — pedi quando tornei a fitá-lo. — Prometo que não farei mais perguntas para forçá-lo a se lembrar, nem elaborarei novas teorias da conspiração. Seremos dois amigos, curtindo férias e nos divertindo.

— Talvez eu seja um anjo de férias, privado de minhas memórias angelicais para aproveitar cada momento aqui na Terra. Posso ter sido um anjo *workaholic*, e meu castigo tenha sido esquecer meu trabalho por um tempo.

— Sério? — Revirei meus olhos. — Acho que você foi contaminado por minhas teorias da conspiração.

Caímos na risada. Quando paramos de rir, ficamos nos encarando por um tempo, que pareceu a eternidade.

— Vamos tirar uma foto, juntos — sugeri, tirando o celular do bolso e me aproximando ainda mais de Ângelo, que me abraçou por cima dos ombros.

Observei na tela, duas chamadas perdidas de Jéssica.

Em que momento meu celular tocou e não percebi?

— Acabei me esquecendo de ligar para a Jéssica, preciso saber como está o Pou — comentei com ele.

— Quem é Pou? Seu namorado?

— Não! Pou é meu gato. Minha amiga, Jéssica, ficou responsável por ele enquanto estou de férias.

— Entendi.

— Não tenho namorado — senti a necessidade de contar a ele.

— Por que não?

— Porque não estou procurando por um.

Ele sorriu, sem graça.

— Venha, olhe para a câmera — desconversei, encostando meu rosto bem próximo ao dele e mostrei a língua para meu celular.

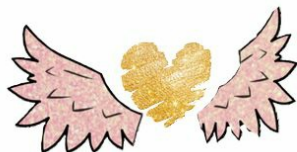
— Por que está fazendo isso?

— É uma careta. Vamos, faça também! Mostre sua língua pra foto ficar engraçada.

Parecia contrariado, mas cedeu e juntos mostramos a língua.

Tiramos algumas fotos, mudando as expressões faciais, variando caretas e sorrisos.

Ângelo até fez biquinho, o que achei muito fofo e sexy. A última foto foi minha preferida: Eu estava rindo, com olhos fechados, minha cabeça encostada na dele enquanto Ângelo beijava minha bochecha. Foi tão espontâneo. Senti-me ruborizar dos pés à cabeça quando vi a foto pela primeira vez, mas tentei disfarçar o constrangimento. Não foi nada planejado, simplesmente aconteceu e eu amei. Não foi “o” beijo, mas foi “o beijo”. Droga! Não sabia explicar, só sabia dizer que tinha sido perfeito.



CAPÍTULO sete

“Meu coração
Sem direção
Voando só por voar
Sem saber onde chegar
Sonhando em te encontrar”

(Ivete Sangalo)

por ângelo

Extraordinária. Se eu precisasse defini-la em uma única palavra, seria extraordinária.

Não sabia quem eu era, nem o que eu era, mas Luiza acreditava que pudesse ser um anjo. *A porcaria de um anjo desmemoriado*. Eu queria descobrir o que havia acontecido comigo, para deixar as implicações de lado e aproveitar cada minuto na presença daquela mulher. Talvez, permanecer desmemoriado fosse mais vantajoso, tinha medo de quem eu poderia ser. Se anjos realmente existissem, ela deveria ser um, não eu.

Quando abri meus olhos em meio a um caos de sensações, ao despertar no chão quente e pedregoso, a visão de seus cabelos ruivos e olhos verdes que pareciam ler minha alma, foi a coisa mais linda que me lembrava de ter visto. Parecia injusto, levando em consideração que não trazia comigo lembranças do meu passado, mas se tratando dela eu sabia que não havia erro, Luiza era um presente. Alguém lá em cima deveria gostar muito de mim, o suficiente para colocá-la em meu caminho. Sempre sorridente, expressiva e muito curiosa, suas conversas eram bem humoradas e ela tinha energia de sobra. Na maioria das vezes, eu preferia não dizer nada, observá-la era suficiente. Luiza radiava luz em torno dela, um campo magnético que me atraía cada vez mais para perto.

A viagem estava sendo tranquila, passávamos grande parte do trajeto em silêncio, ouvindo as músicas que ela tanto gostava. De vez enquanto conversávamos temas aleatórios. Como eu não tinha muito o que contar sobre mim — na verdade, nada mesmo —, ela me falava sobre sua vida e cada revelação era um motivo extra para que me encantasse cada vez mais. O mais estranho, era que de certa forma, sentia que já a conhecia de algum lugar. Luiza era um constante *déjà vu*.

Após o piquenique, deitamos sobre a toalha para descansar. Confessei que preferia não lembrar de nada, pois queria ficar mais tempo com ela. Tinha em mente, que se minha memória voltasse logo, eu descobriria que não poderia ficar ao seu lado, pois certamente alguém esperava por mim, ou segundo a teoria dela, sobre eu ser um anjo, havia alguma missão me esperando. Quando me pediu para ficar e passar as férias com ela, algo dentro de mim dizia que era o certo a fazer, eu não tinha outra opção, mas não me imaginava fazendo outra coisa, a não ser passar todos os momentos que me fossem permitidos, ao seu lado.

Quando quis tirar algumas fotografias, de início a ideia não agradou, mas como negar qualquer coisa ao vê-la sorrir para mim daquele jeito? Impossível. Ensinou-me a fazer caretas e acabei me divertindo tanto quanto ela.

Seu cheiro era tão bom, suave e doce, como rosas e alguma fruta tropical. Sua proximidade e a confiança que depositava em mim, mexiam demais comigo. Ela soltou uma

gargalhada gostosa, realmente animada com a brincadeira e ao fechar os olhos para rir ainda mais, não consegui controlar meus impulsos e a beijei no rosto, enquanto ela nos fotografava. Luiza ficou surpresa, percebi sua reação quando me olhou em silêncio. Ficamos ali, parados, nos observando. Quando ela tocou meu rosto, levemente, fechei meus olhos e beijei sua mão que ainda tocava minha face.

— Pode parecer esquisito — ela quebrou o silêncio. — Mas tenho a sensação de te conhecer. Quero dizer, não me recordo de tê-lo visto em nenhum lugar, antes de ontem. Contudo, você me transmite paz, sei que pode ser coisa da minha cabeça e tudo o mais, já que acredito que você seja um anjo. Porém...

Fitei seus olhos hesitantes e a encorajei:

— O quê?

— É como se fossemos próximos, há muito mais tempo. O que é meio doido, já que nos conhecemos há pouco mais de um dia.

— Poderia ter sido em outra vida — sugeri. — Não sei se isso é possível, mas tenho essa mesma sensação, é como se você não fosse uma estranha para mim.

Luiza tirou a mão de meu rosto e se sentou.

— Vamos pegar a estrada? — Mudou de assunto.

Rapidamente, me levantei e peguei o *cooler*. Se ela não se sentia à vontade para falar sobre aquele assunto, não insistiria. Ela era importante para mim, não queria assustá-la ou afastá-la. Eu não passava de um estranho desmemoriado e ela estava me ajudando de boa vontade.

Mas como disfarçar os avisos do meu coração? Ela era especial. Eu era um anjo desmemoriado que não enxergava as próprias asas.

No carro, as músicas nos faziam companhia e quebravam o silêncio entre nós. Eu gostava de me escorar na janela e sentir o vento soprando meu rosto, uma estranha sensação de liberdade tomava conta de mim. Luiza gostava de música country americana e de rock nacional, as músicas executavam aleatoriamente e ela parecia saber cantar todas elas, embora eu desconfiasse que seu inglês fosse total enrolação.

Mais uma música da *Banda Malta* tocou no rádio, Luiza era obcecada por aquela banda, eu estava quase me tornando um fã. Um anjo, fã de rock brasileiro? Quem diria!

“Eu vou guardar cada foto de nós dois

Pra te levar, pra onde eu for

Vou desenhar cada linha em sua mão

Pra te lembrar...”

— Você gosta! — Constatou, sorrindo.

— Do quê? — Me fiz de desentendido.

— Da música, da banda. Você “se amarrou”, não foi?

Sorri, dando o braço a torcer.

— É boa, eu gosto de todas as músicas que você selecionou para sua viagem.

— Um crítico musical, você está se revelando para mim, Ângelo — provocou.

Balancei a cabeça e resolvi brincar com ela também.

DJ!
— Devo pertencer a algum grupo de anjos responsáveis pelas músicas no céu. Um anjo

— Foi uma piada? *Oh my God!* Ele fez uma piada sobre anjos! Eu não posso com isso.

Caímos na gargalhada.

Outra música iniciou e os acordes de um violão se fez presente. Era acústico. Luiza sorriu ainda mais quando uma voz diferente começou a cantar:

“Meu caminho é cada manhã

Não procure saber onde estou

Meu destino não é de ninguém

E eu não deixo os meus passos no chão

Se você não entende não vê

Se não me vê, não entende

Não procure saber onde estou

Se o meu jeito te surpreende.”

— Isso foi bem profundo — comentei.

— *Capital Inicial* — explicou. — É a melhor banda de rock nacional. Para mim, pelo menos. Há muitas bandas legais, mas essa é de longe minha favorita.

— Pensei que fosse a *Banda Malta*.

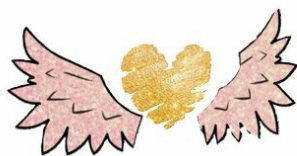
— Eles são ótimos. Mas *Capital Inicial* tem um lugar especial em meu coração e *Dinho Ouro Preto* é meu ídolo.

— Entendi.

— Sabe, gosto muito de música. Sou realmente apaixonada, é como se cada uma delas, mesmo que de forma aleatória, transmitissem uma mensagem direta para nossos corações. Há músicas que expressam coisas que você sente e não consegue colocar em palavras, elas traduzem emoções e sentimentos.

— Você tem razão, devo estar fazendo algum tipo de intercâmbio por aqui. Tenho aprendido muito com você.

Estou encrencado. Acho que estou me apaixonando por Luiza.



CAPÍTULO oito

“Pra achar o que eu procuro
E iluminar o que é escuro”

(Marina Elali)

Um clima amistoso pairou sobre nós. Conversamos, embora eu tenha sido a principal locutora, pois meu companheiro de estrada sabia pouca coisa sobre si mesmo — praticamente nada — e aparentemente, queria saber tudo sobre mim. Ângelo perguntou sobre meu trabalho, meus amigos, hábitos e planos para o futuro. Mesmo se tratando de um estranho, não tive receio de revelar qualquer coisa sobre minha vida. Contei sobre meu emprego na clínica *Vitta Glam*, do quanto gostava de ser esteticista facial e cuidar das minhas clientes. Falei sobre Jéssica e de como sua amizade era essencial, de Tiago e seu carinho paternal, de como a presença dele era necessária, que foi amigo de meu pai, por longos anos, e me amparou em uma das fases mais difíceis da minha vida.

Falar sobre meu pai me deixava emotiva, principalmente quando eu emendava o assunto da doença que levou minha mãe, há dez anos. Eu tinha recém-debutado e presenciei a mulher da minha vida partindo precocemente, vítima de uma doença degenerativa. Senti-me nostálgica e melancólica ao lembrar daquela fase depressiva de minha vida.

— Desculpe-me por fazê-la entrar nesse assunto.

— Tudo bem, eu me sinto confortável para dividir essas informações com você. Perdi minha mãe cedo e meu pai também, há cinco anos tenho me acostumado a viver totalmente sozinha. Tenho amigos e meus avós e tios, mas eles moram em outro estado e quase não me visitam. Quanto a mim, nunca tive vontade de visitá-los, é como se fosse pessoas desconhecidas.

— Até seus avós?

— Sim. Meus pais casaram jovens demais, meus avós foram contra. Minha mãe estava grávida e não foi aceita quando meu avô descobriu. Papai a levou embora, mas os pais dele não os receberam, eles decidiram sair da antiga cidade e tentar vida nova. Meu pai trabalhava com transporte de cargas e minha mãe o acompanhava nas viagens.

— Muito corajosos, enfrentando a vida tão cedo.

— Foram sim, são meus exemplos.

— Tenho certeza que, onde quer que estejam, estão orgulhosos de você.

Engasguei e senti as lágrimas surgirem em meus olhos.

— Espero que sim.

— Tenho certeza que sim. — Ângelo sempre falava algo para me fazer sentir melhor.

Passei pelo portal da cidade litorânea, logo estava trafegando pelo pequeno centro. Havia tendas de artesanato, um posto de gasolina, um mercado e uma farmácia. Estava ansiosa para ver o mar, mas era final de tarde e precisávamos nos hospedar em alguma pousada. Parei em uma lanchonete, pedi informações enquanto Ângelo esperava no carro. Uma senhora simpática me ofereceu o cartão de uma pousada, ela me garantiu que o preço era acessível e o local acolhedor. Agradei e voltei para a *pick-up*, após pegar as instruções necessárias para chegar a tal pousada. Entreguei o cartão para Ângelo, após me ajeitar no banco do motorista.

— Pousada Dois Corações...— leu em voz alta. — Que nome brega!

— O que você sabe sobre nome de pousadas? — provoquei.

— É uma cidade litorânea, esse nome não tem nada a ver com praia.

— A senhora da lanchonete me garantiu que era confortável, além disso, o preço é acessível. Tenho grana guardada, mas não quero esbanjar.

— Desculpe — disse, ficando sério de repente. — Sei que baguncei seu orçamento.

— Pare com isso, não diga mais nenhuma palavra auto depreciativa. Está me entendendo?

— Foi mal. — Dirigiu-me um sorriso triste.

— Eu te convidei, quis que viesse comigo. Somos amigos, Ângelo, não estou arrependida por tê-lo ajudado, nem por querer que fique comigo. *Nossas férias, lembra?*

— Nossas férias — repetiu sorrindo.

— Ótimo.

Liguei o carro e segui as instruções até estacionar à frente de um enorme casarão. A pousada tinha um aspecto antigo, mas era linda. De madeira, estilo americano, toda pintada em branco com portas e janelas em um tom de rosa bebê, dando um clima romântico. Havia pequenas varandas em alguns janelões no andar de cima, vasos de flores as decoravam e tinha um pequeno jardim na parte de baixo. Pedrinhas brancas estavam espalhadas no lugar do gramado e alguns bancos de madeira rústica posicionados em lugares com sombra. Uma guirlanda pendurada na porta, em flores de tons variados, dizia “sejam bem-vindos”. Ângelo seguiu meus passos até a recepção da pousada, onde um homem alto e loiro estava escorado ao balcão, demonstrando tédio. Assim que nos viu, franziu o cenho, ajeitou os óculos e sua postura relaxada.

— Boa tarde, sejam bem-vindos à Pousada Dois Corações — nos cumprimentou com um sorriso forçado.

Dei de ombros, provavelmente o cara não aguentava mais dizer aquela frase para os hóspedes.

— Boa tarde, gostaria de conhecer os pacotes de hospedagem — pedi, ignorando seu mal jeito.

— Dois quartos? — perguntou de forma desafiadora, olhando de mim para Ângelo.

Encarei Ângelo que não tirou os olhos de cima do homem. Sorri ao segurá-lo pelo braço, de forma carinhosa.

— Apenas um, por favor — mantive a voz firme e desafiadora.

Aquele sujeitinho atrevido estava me tirando o bom humor. Ele digitou no computador e em seguida explicou sobre as diárias e os pacotes oferecidos pela pousada. Pedi um quarto

simples, com cama de casal, sem frescura, usaríamos para tomar banho e dormir, pois, a intenção era passar o dia explorando a praia e os arredores. Registrei o quarto em meu nome. O rapaz não pediu os documentos para o registro de Ângelo. Disse que era necessário apenas uma pessoa se registrar, e dar o nome do segundo hóspede. Considerando o fato de que Ângelo não possuía documentos, foi ótimo.

— Qual seu nome? — perguntei por curiosidade.

Ele me deu um sorriso, daqueles que os caras dão quando querem impressionar uma garota, mas não surtiu efeito em mim, embora fosse muito bonito.

— Meu nome é Gabriel. Vou acompanhá-los até o quarto.

Subindo a escada de madeira antiga, acompanhamos os passos de Gabriel até o andar de cima. Nosso quarto era o último, no final do corredor.

— O café da manhã é servido a partir das seis e meia da manhã, o pessoal gosta de acordar cedo para curtir a praia. Mas servimos o desjejum até às dez. O almoço é servido a partir das onze até à uma da tarde. Jantar das seis às oito. — Entregou-me o cartão magnético.

— Certo, obrigada Gabriel — agradei com um sorriso complacente.

Ele se despediu e voltou para a recepção. Ângelo segurava minha mala e sua sacola de roupas, eu estava com minha bolsa e meu travesseiro. Abri a porta e entramos no quarto simples, porém limpo e discretamente decorado. Deixando minhas coisas em cima de uma cômoda antiga, caminhei até o janelão e sorri ao ver que nosso quarto era um dos que possuía a pequena varanda florida. O sol se punha no horizonte e a vista era perfeita, senti o cheiro do mar, mas ainda não o tinha visto. A Vila do Sol era um lugar aparentemente encantador.

— Percebi que você não tirava os olhos da varanda — disse Ângelo, ao meu lado, observando o pôr-do-sol.

— As flores me encantam, sou apaixonada por elas. Tenho muitas plantinhas em minha casa, Tiago ficou de regá-las para mim.

Sem dizer nada, Ângelo voltou para o quarto. Virei-me para observá-lo enquanto remexia em sua sacola. Aproximei-me e sentei na cama, constatando que era bastante confortável.

— Vou tomar um banho — avisou —, depois podemos dar um passeio e procurar pela praia, se você quiser.

— Também preciso de um banho, mas estou tão exausta da viagem, prefiro dormir cedo e amanhã acordar bem disposta para nosso primeiro dia na Vila do Sol.

— Tudo bem. Quer tomar banho primeiro? — ofereceu.

— Pode ir, vou ajeitar minhas coisas no armário.

Ângelo entrou no banheiro. Fui até minha bolsa e peguei o celular. Precisava ligar para Jéssica e saber sobre Pou.

— Luiza! Finalmente me ligou, sua desnaturada! — gritou minha melhor amiga, ao atender a ligação.

— Acalme-se, Jéssica! Você precisa ser menos ansiosa, causa rugas sabia?

— Como está indo a viagem?

— Está ótima! Cheguei a Vila do Sol há pouco tempo, me hospedei em uma pousada e vou para o banho daqui a pouco, mas quis te ligar primeiro.

— Vila do Sol? Maravilha! Finalmente vai conhecer o mar. — Jéssica já havia viajado por algumas cidades vizinhas, foi ela quem me contou sobre a Vila do Sol e a linda praia do pequeno balneário.

— Não vejo a hora, mas estou tão cansada. Vou dormir cedo e amanhã estarei passeando por tudo. Como está o Pou?

— Ele está ótimo, está adorando a companhia dos meus bebês! Já se tornaram melhores amigos, acho que nem vai querer voltar para sua dona — provocou.

— Malandrinha você, hein? O Pou é meu!

— Estou brincando, amiga! Mas que bom que ligou. Encontrei Tiago hoje, estava regando suas flores. Te mandou um abraço.

— Diga a ele que estou bem, sei que fica preocupado.

— Digo sim.

— Vou desligar agora, dê um amasso no Pou, por mim.

— Já estou fazendo isso. Ah! Não esqueça de me enviar algumas fotos de seus passeios, quero saber de tudo. Nenhum gatinho até agora?

Ah, se Jéssica soubesse do homem lindo que estava tomando banho no meu banheiro, naquele momento, ela piraria.

— É meu segundo dia de férias! Além disso, você sabe que não estou procurando um namorado.

— Deixe de ser careta, Luiza! Quem disse que precisa ser namorado? Nunca ouviu falar em amor de verão? Arrume uma companhia e aproveite.

— Primeiramente, não estamos no verão. E você sabe que não funciono desta maneira. Não me envolvo com ninguém por diversão, Jéssica.

— É, eu sei. Você é pra casar.

— É, sou sim! — disse bem-humorada. — Agora preciso desligar, estou realmente cansada.

— Tudo bem, cuide-se.

— Pode deixar.

Finalizei a ligação e assim que coloquei o celular no criado-mudo, ouvi uma batida na porta. Era Gabriel.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntei desconfiada.

Ele sorriu e me olhou dos pés à cabeça, de uma forma bastante misteriosa.

— Deixaram esse envelope na recepção, para o Ângelo.

— Quem deixou? — perguntei de supetão.

Gabriel revirou os olhos antes de responder.

— Foi um cara, vestido de branco. É tudo o que reparei. Perguntou se poderia entregar esse envelope ao Ângelo da Luiza, e como você é a única Luiza hospedada aqui...

— Tudo bem, Ângelo está no banho. Pode deixar que entrego a ele.

Gabriel entregou o envelope com relutância, não tirando os olhos de mim por um segundo sequer.

— Por que está me olhando desse jeito? — tive que perguntar.

— Você não reparou nada de diferente, no tal do Ângelo?

Franzi a testa e semicerrei os olhos. Gabriel sentiu-se intimidado e deu um passo para trás.

— Diferente como?

Aproximando-se novamente, como se quisesse me contar um segredo, ouvi Gabriel sussurrar:

— Ele tem asas.

— O quê? Do que está falando? — sussurrei de volta, fingindo estar surpresa.

— Luiza, Luiza. Nós dois sabemos exatamente porque ele tem asas. A propósito, você é uma péssima mentirosa — acusou. Ele sorriu e balançou a cabeça, seus braços estavam escorados na quina da porta.

— Realmente não sei do que você está falando — desconversei, tentando manter minha voz firme.

— Sabe sim. O que ainda não sei, é se você já sabe porque consegue enxergá-las.

— Tudo bem. Hipoteticamente falando que ele tenha asas. Por que eu as enxergaria? — Senti uma onda de tensão tomar conta do meu corpo.

— Com exceção das crianças de coração puro, há somente dois tipos de humanos que podem ver anjos. Os que já foram um, que é o meu caso. Ou sua alma gêmea, que acredito ser o seu caso. — Gabriel respondeu com um sorriso torto nos lábios,

— O quê?

— Exatamente o que acabou de ouvir, gatinha. Você é a alma gêmea dele, por isso enxerga suas asas.

Ele só poderia estar brincando. Aquilo era loucura. Como assim, eu era a alma gêmea de Ângelo? Não fazia o menor sentido.

— E, ainda hipoteticamente falando, se eu enxergasse as asas dele. Por que ele não conseguiria vê-las?

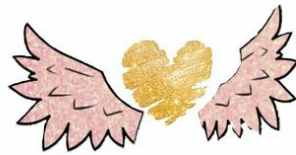
A expressão de Gabriel se tornou séria, assim que ouviu minha pergunta.

— Lamento, não tenho permissão para falar sobre isso. — Deu um passo para trás.

— Mas...

— Está além da minha jurisdição. Na verdade, não sou mais um deles. Não posso me meter nessa história, não tenho permissão para falar mais do que falei. — Virou-se rapidamente e me deixou sozinha, com o envelope mão e a mente confusa.

“Você é a alma gêmea dele, por isso enxerga suas asas.”



CAPÍTULO nove

“Mas, de repente você me beija
O coração dispara
E a consciência sente dor
E eu descobro que além de anjo
Eu posso ser seu amor”

(Banda Eva)

— Você está bem? — perguntou Ângelo pela quinta vez, desde que saiu do banheiro e me encontrou sentada na cama, com o envelope na mão.

— Sim, estou bem. Pediram ao Gabriel pra te entregar isso — revelei, entregando-lhe o envelope.

Ângelo franziu a testa, pegou o envelope e o abriu sem dizer uma só palavra. Observei sua reação, mas ele não demonstrou nada além de indiferença. Estendeu o papel em minha direção, permitindo que eu lesse o que estava escrito.

Podemos te guiar, mas não interferir.

Não se desvie da missão.

T.

— Tem alguma ideia do que significa? — perguntei.

— Mas é claro que não! — esbravejou ele, tirando o papel de minhas mãos, o amassando e jogando contra a parede.

Fiquei chocada ao vê-lo tão irritado.

— Ângelo! — ralhei. — Você não tem culpa por não lembrar.

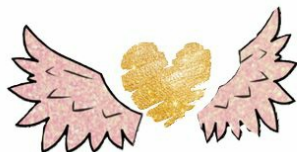
— Por que essas pessoas, quem quer que sejam, não vêm me buscar? Não lembro quem sou, será que não percebem isso? — Estava transtornado, aflito. Andava de um lado para o outro, passando as mãos pelos cabelos, seu rosto vermelho pela fúria, que tomava conta dele. Jamais o havia visto daquela maneira, nunca pensei que Ângelo pudesse ser algo além do poço de tranquilidade que tinha demonstrado desde que nos conhecemos. Aquilo de certa forma me assustou.

Por um momento, cogitei a possibilidade de revelar a ele minha conversa com Gabriel. Mas repensei e logo descartei a ideia. Como contaria a ele que o recepcionista da pousada já foi um anjo? Com certeza iria atrás de informações para saber de onde veio e quem ele era, mas acima de tudo, descobriria o motivo real por eu conseguir enxergar suas asas. Descobrir que supostamente, eu era sua alma gêmea, soava confuso demais. Precisava conversar novamente com Gabriel e tentar descobrir mais alguma coisa, antes de contar a Ângelo.

Senti duas mãos firmes tocarem meus joelhos. Olhei para um Ângelo mais calmo, ajoelhado diante de mim, os olhos suplicantes.

— Essa agonia de não saber quem sou está me tirando a razão, me desculpe por surtar desse jeito.

Vê-lo tão aflito me deixou com a sensação de impotência, por não poder fazer nada a respeito. Então o abracei forte e garanti que tudo ficaria bem.



Depois da conversa com Gabriel e o bilhete misterioso que Ângelo recebeu, não consegui relaxar. Pedi uma pizza, pois passavam das oito quando decidimos comer. Ele estava tão silencioso quanto eu e concluí que precisava de espaço. Arrumei nossa cama e após minha higiene noturna, caí no sono antes de Ângelo se juntar a mim.

“Você é a alma gêmea dele, por isso enxerga suas asas.”

A voz de Gabriel habitou meus sonhos durante toda a noite. Agitei-me entre os lençóis, sentindo o suor escorrer por minha testa e um aperto em minha garganta, como se algo estivesse me sufocando, ou como se quisesse gritar, mas algo me impedia de fazê-lo. Acordei desesperada, mas não gritei. Olhei para meu lado da cama e Ângelo dormia tranquilamente. Soltei uma lufada de ar e dei um sorriso fraco. As asas dele estavam ali, expostas, mas pequenas e encolhidas. Lembrei-me do susto que levei ao vê-las pela primeira vez e segurei uma risada.

Onde fui me meter? Um anjo! Um anjo que, segundo um ex-anjo, é minha alma gêmea.

Tentando não me agitar, para não acordar Ângelo, desci da cama e caminhei a passos leves até a pequena varanda, a noite estava fresquinha e não senti frio, o vento fraco soprava suavemente em minha pele. O céu estava limpo e as estrelas se faziam presentes, lindos e minúsculos pontinhos brilhantes enfeitavam o céu negro. Os sons de algumas corujas podiam ser ouvidos e se prestasse mais atenção, o barulho das ondas se quebrando na beira da praia, também. Retornei para a cama e Ângelo se encontrava na mesma posição que antes, suas asas ainda recolhidas, mas visíveis. Sentada sobre minhas próprias pernas, passei minha mão delicadamente em uma das penas de sua asa.

É tão macia...

Aproximei meu rosto e tentei sentir seu cheiro. Ângelo se mexeu pulei para trás, devido ao susto, caindo da cama e soltando um grito.

— Merda! — praguejei, tentando me levantar.

Sentei no chão e olhei para a cama, Ângelo estava sentado sobre suas pernas, as asas haviam desaparecido, me olhava curioso, mas sorridente.

— O que estava fazendo? — perguntou bem-humorado. — Por acaso, ia me beijar?

— O quê? Surtou? — gritei, sentindo meu rosto ruborizar.

Mordendo seu lábio inferior, continuou me observando, com os olhos semicerrados.

— Luiza — sussurrou com a voz rouca.

— A-Ângelo — minha voz entrecortada entregou meu nervosismo.

— Então?

— Então o quê?

— O que estava prestes a fazer, antes de sair rolando para o chão?

— Eu ia cheirar suas asas — revelei, desistindo de esconder qualquer informação dele.

— Minhas asas?

— Sim, toquei uma pena e queria saber que cheiro tinha.

— Isso é bem esquisito, não acha? — Arqueou a sobrancelha.

— Mais esquisito do que ter um par de asas? Duvido.

— Tudo bem, você venceu — sua expressão se tornou séria e percebi que ficou chateado com o que eu acabara de dizer.

Levantei-me rapidamente e sentei na mesma posição que ele.

— Suas asas são lindas, se quer saber. — Consegui dizer, em meio ao meu nervosismo. Eu nunca sabia o que dizer a ele, com medo de magoá-lo.

— E cheirosas?

— Não tive tempo de constatar, fui arremessada ao chão antes de ter sucesso.

— Não vou me desculpar por isso, se quer mesmo saber — disse despretensiosamente, como se estivesse me desafiando.

— Isso foi bem insensível de sua parte.

— Vem cá — chamou, abrindo seus braços para mim.

Por um momento hesitei, mas não consegui me manter afastada, então me movi para mais perto e o abracei. Seu corpo estava mais quente que o meu, seu cheiro era delicioso e sua respiração em meu ouvido me causava ondas de arrepio por todo o corpo.

— Seu cheiro é tão bom — sussurrou, seu hálito quente me causando as reações mais inesperadas.

— O seu também. — Apertei meus braços ainda mais em volta do seu pescoço e repousei minha cabeça em seu ombro.

Ficamos abraçados, sem dizer nada. Não soube contar os minutos, estava tão envolvida em aproveitar seu aroma e sua respiração tão próxima de mim. Nada parecia mais importante, nem o tempo.

Afastando-se um pouco, suas mãos seguravam meus ombros e Ângelo me encarou com seus profundos olhos azuis. Havia algo mágico sempre que olhava em sua íris, não conseguia identificar o sentimento que tomava conta de mim, parecia... Sei lá! Reconhecimento... Isso! Era como se, cada vez que seus olhos fitavam os meus com toda aquela intensidade, de certa forma

eu o reconhecesse. Para ser mais específica, era como se a minha alma reconhecesse a dele. Fechei meus olhos, tentando cortar o contato visual. Senti seu rosto se aproximar do meu, sua testa se colando a minha, suas mãos deslizando de meus ombros, subindo para minhas bochechas. Ângelo segurou meu rosto entre suas mãos, nossas testas permaneciam coladas uma na outra, meu coração acelerado estava quase saindo pela boca. Mentalmente, tentei dizer a ele que se comportasse. Não o Ângelo, mas meu coração. Não consegui me afastar dele, não quis quebrar o contato entre nós. Parecia tão errado não estar ali.

— Preciso fazer uma coisa, vou enlouquecer se ignorar o que meu coração está pedindo nesse momento — sussurrou ainda mais perto.

Beijou a ponta do meu nariz, depois a bochecha esquerda e em seguida a direita. Quando seus lábios macios tocaram meu queixo, arqueando meu pescoço um pouco mais para cima, preendi minha respiração. Finalmente, seus lábios tocaram os meus e uma onda de sensações incríveis e inesperadas tomou conta de todo o meu corpo. Não se tratava apenas de desejo, atração ou qualquer reação física, perante um homem gostosão. Era espiritual, libertador. Reconhecimento...

“Você é a alma gêmea dele.”

Sua língua quente entreabriu meus lábios suavemente, exigindo espaço para explorar ainda mais. Permiti que o contato se aprofundasse e movimentei minha língua para que encontrasse a dele, me deixando levar. Meu corpo tremeu em seus braços, mas Ângelo me manteve contra ele, segurando meu rosto e negando-se a se afastar. Não que eu desejasse que o fizesse, era perfeito do jeito que estava. Ambos estávamos ofegantes, nos recusando a tomar qualquer distância, mantendo os lábios colados em um beijo doce e sem pressa alguma de terminar. Minhas mãos deslizavam por suas costas, procurando as asas que não apareciam, mas sentindo a rigidez de seu corpo. Havia relutância quando sua boca se afastou da minha, mas precisávamos respirar. Estávamos ligeiramente ofegantes, contudo, não quebramos o contato visual e sorrimos um para o outro, feito dois bobos apaixonados.

Apaixonados...

“Você é a alma gêmea dele.”

Ângelo sentiu meu corpo se retesar, mas não permitiu que eu dissesse qualquer coisa. Colocou o dedo indicador sobre meus lábios entreabertos e sinalizou para que permanecesse em silêncio. Voltou a se deitar, fazendo eu me deitar ao seu lado, abraçando-me contra seu peito. Inalei o aroma de sua colônia e suspirei, satisfeita. Ele sorriu.

— Durma Luiza, precisa descansar para aproveitar seu dia na praia. — Depositou um beijo em minha testa e fechou seus olhos.

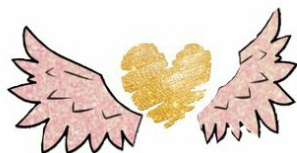
Virei-me rapidamente para o janelão e constatei que o sol estava começando a surgir, em breve seria totalmente manhã. Minhas pálpebras começaram a pesar e senti o sono me atingir com força. Todas as sensações causadas pelo beijo estavam se acalmando, trazendo à tona meu cansaço por não ter dormido bem. Mas queria conversar, falar sobre o beijo, saber se Ângelo havia sentido as mesmas emoções que eu. Ele não parecia disposto a um diálogo naquele momento, seus olhos fechados me diziam que eu deveria fazer o mesmo.

— Não pense demais, Luiza. Apenas durma.

Como não pensaria demais? Um anjo havia acabado de me beijar. Dormir era a última coisa que eu queria fazer naquele momento, mas como diria minha falecida mãe: “querer nem sempre é poder”. E por mais que não quisesse, precisava dormir, não era exatamente algo que pudesse controlar.

“Você é a alma gêmea dele.”

Mesmo inconsciente, a voz de Gabriel ainda se fez presente em minha mente, não parando por um segundo de sussurrar aquilo em que estava começando a acreditar ser verdade: Eu era a alma gêmea de Ângelo!



CAPÍTULO dez

“Veio repentinamente, o amor é mesmo assim
Simplesmente acontece, pega a gente, enlouquece
Quando vi, já estava em mim”

(Adryana e a rapaziada)

— Luiza, acorde.

Provavelmente a voz que me chamava e pedia para acordar, era fruto da minha imaginação. Quem ousaria me acordar de um sono maravilhoso como aquele? Principalmente quando em meu sonho incrível, um par de mãos angelicais estava muito perto de passar protetor solar em minhas costas.

— Luiza vamos!

Eu quero dormir...

— Luiza...

Qual foi a parte do “eu quero dormir” que a pessoa ainda não entendeu?

— Lui...

— O que foi? — resmunguei, interrompendo meu nome de ser pronunciado mais uma vez.

— Acorda porra!

Porra?

Abri meus olhos sem muita vontade e avistei Ângelo, vestido com bermuda e camiseta regata, de pé ao lado da cama, com os braços cruzados e uma expressão bem-humorada.

— Anjinho, anjinho. Que vocabulário sujo é esse? — disse preguiçosamente, enquanto coçava meus olhos, tentando me animar para abri-los novamente. Senti o colchão afundar próximo aos meus pés, ele se sentou e tocou uma de minhas pernas. Meu corpo reagiu instantaneamente.

— Tenho aprendido com a melhor.

— Isso não foi legal. — Sentei-me e terminei de coçar os olhos. — Que horas são? — Levantei e fui até o armário escolher minha roupa.

— Sete horas.

Meus olhos se arregalaram.

— Você tá doido? É cedo pra cara... — parei, antes de terminar a palavra que poderia ser acrescentada ao vocabulário sujo dele.

— Tenho certeza que se te deixasse dormir até mais tarde, você acharia tão ruim quanto te acordar agora.

Pensando bem, ele tinha razão. Estava de férias e não sabia quanto permaneceria na Vila do Sol, além disso, não via a hora de colocar meus pés na areia da praia.

— Vou me trocar. — Fui para o banheiro e antes de colocar meu biquíni e um vestido floral de algodão, lavei meu rosto e escovei os dentes. Olhando-me no espelho, percebi olheiras

escuras, marcando minha pele abaixo dos olhos. Não tinha dormido o suficiente.

Lembrei-me da noite agitada, mas principalmente do beijo que Ângelo e eu trocamos antes de voltarmos a dormir. Foi tão incrível, mas não sabia o que pensar a respeito. Ele estava agindo como se nada tivesse acontecido. O que poderia fazer? Me jogar em seus braços? Não, não, não. As coisas não funcionavam assim, eu tinha aquele acordo com o amor, nada de persegui-lo.

Só porque um ex-anjo me contou que eu era a alma gêmea de um anjo, não significava que iria acreditar e me agarraria ao pescoço dele, para declarar meu amor incondicional. Ridículo! Não que eu descreditasse, mas aquele era o terceiro dia desde que o encontrei Ângelo caído na estrada. Quem em sã consciência se apaixonaria em tão curto espaço de tempo? Quem mergulharia de cabeça em um amor tão doido, sem ter dúvidas? Seria insano.

Sexo casual com um anjo também não estava sendo cogitado. Por Deus! Deveria existir alguma punição para isso, sei lá, só que eu não estava disposta a descobrir. Mesmo que o anjo em questão fosse lindo e incrivelmente sexy, mesmo que seus olhos me hipnotizassem e aquele sorriso deixasse marcas profundas no meu coração, eu não me arriscaria. O melhor que poderia fazer era fingir que aquele beijo não passou de um sonho.

Terminei de me arrumar e saí para encontrá-lo, pacientemente me esperando sentado na cama. Descemos até a área do café e avistei Gabriel quando passamos pela recepção, ele me olhou de esguelha, mas não cumprimentou. Ângelo reparou meu olhar curioso para o funcionário da pousada, porém não comentou a respeito.

Uma grande mesa oval se localizava no centro do ambiente arejado, havia jarras de vidro com variedades em sucos e iogurte. Garrafas térmicas com café, leite e chocolate quente. Pães, biscoitos caseiros, tortas e bolos. Meu estômago roncou alto, assim que o cheirinho do presunto fresco invadiu meus sentidos, Ângelo riu e balançou a cabeça. Levantei-me, levando comigo a xícara de porcelana. Servi-me de uma boa quantidade de café preto, precisava repor minhas energias para aproveitar o dia na praia. Queria passear pela Vila do Sol e conhecer tudo o que fosse possível. Ângelo, mais uma vez, mostrou que comia o dobro que eu. Olhei para seu prato cheio e sorri, ele serviu-se de uma grande variedade de pães.

— Anjinho, anjinho. Você vai engordar nesse intercâmbio. Cuidado.

Após o café, fomos para a *pick-up* e tratei de ligar o rádio para nos distrair, enquanto circulávamos pelo balneário. *Keith Urban* alegrava meu dia com sua voz doce e letra romântica. *Somebody Like You* tocou mais fundo em mim do que de costume, talvez porque não conseguisse cantá-la em voz alta na presença de Ângelo. Tive que cantarolar em meus pensamentos, enquanto observava a pequena praça e prestava atenção ao trânsito onde as pessoas tinham o péssimo hábito de atravessar a rua em qualquer parte, mesmo sem faixa de pedestre ou semáforo. O receio de cantar em voz alta, era de que talvez Ângelo pensasse que eu estava esperando algo dele, depois que nos beijamos. Sei lá, nunca beijei um anjo antes, não sabia como funcionava o emocional daquela gente.

“Estou deixando para trás
todos os meus dias de solidão.

*Estou me perdando
por todos os erros que cometi.
Mas há só uma coisa,
só uma coisa que eu quero fazer.
Eu quero amar alguém.
Amar alguém como você.
Eu quero sentir
o brilho do sol em nós dois.
Quando você me abraça,
você me faz acreditar
que não há nada nesse mundo
que eu não possa fazer.”*

Bobagem! A música estava em inglês, eu nem sabia pronunciar as palavras direito. De qualquer forma, duvidava que Ângelo falasse inglês. Reconsiderei e cantarolei junto com o *Keith*, ignorando meu acompanhante.

Entrei na avenida principal que levava até a beira mar. Estacionei na área reservada para carros e descemos, ambos animados para pisar na areia fina. O sol estava forte naquela manhã, mas eu estava levando um tubo de protetor solar comigo.

— Ei anjinho, aonde pensa que vai? — brinquei ao perceber Ângelo caminhando em direção à praia, sem esperar por mim.

— Está óbvio. — Ele riu e apontou em direção ao mar.

— Venha aqui, me deixe passar protetor em você. Não quero arriscar, e se formos para a areia, vou esfoliar sua pele ao invés de protegê-la.

Franzindo a testa, ele caminhou até mim e tirou sua regata, virando-se de costas. Abri o tubo de protetor e coloquei uma quantidade considerável em minha mão, espalhando em seguida ao longo de seu tronco. Sua pele macia em contraste com os músculos, eram tão incríveis. Acho que jamais me acostumaria em ver um homem tão bonito como ele.

— Vire-se — Coloquei mais um pouco de protetor em minhas mãos e apliquei em seu tórax, espalhando bem para não deixar creme sobrando. Ângelo me fitou com seu olhar profundo, o que me fazia enxergá-lo além, mas evitei contato visual. Havia decidido ignorar quaisquer sentimentos que ousassem me perturbar.

Eu não estou perseguindo o amor, eu não estou perseguindo o amor, eu não estou perseguindo, eu não estou perseguindo o amor...

— Prontinho! — Sorri satisfeita com meu trabalho.

Coloquei o tubo de protetor solar em cima da *pick-up*, tirei meu vestido, ficando apenas com o biquíni rosa. Ângelo me observava em silêncio, mas quando levantei minha mão para pegar o protetor solar novamente, ele foi mais rápido e o pegou antes de mim, abriu a tampa e espremeu o tubo, colocando um pouco de creme na palma de sua mão direita.

— Eu já passei o suficiente...

— Vire-se, é minha vez de cuidar de você — disse, sem esperar que me virasse de costas para ele, fazendo por conta própria, segurando uma das mãos em meu ombro.

Fiquei imóvel, cantarolando mentalmente enquanto ele espalhava protetor em minhas costas, com suas mãos enormes e macias. Quando terminou, abaixou-se depois de pegar mais creme, começando a espalhá-lo em minhas pernas.

— Está com frio? — perguntou de repente, bem-humorado.

— Claro que não.

— Suas pernas estão arrepiadas.

Merda!

— Sinto cócegas, estou tentando ficar parada e não sair correndo. — Usei a primeira desculpa que me surgiu à mente.

— Pronto. — Levantou-se e me girou novamente. — Agora na frente.

— Vai sonhando, anjinho — desdenhei, pegando o tubo de sua mão e, após apoiar meu vestido em cima da *pick-up*, coloquei creme em minhas mãos e espalhei em meu meus braços, barriga, pescoço e colo. — Agora sim!

Guardei o tubo dentro do carro, juntamente com o vestido e acionei o alarme, estendi minha mão para que Ângelo a segurasse. Ele não o fez. Franzi a testa, mas dei de ombros. Corri em direção à praia, sem olhar para trás. Sentir a areia quente em meus pés foi uma sensação incrível. Ainda longe da água, a areia estava seca e meus pés afundaram um pouco, dificultando a corrida, mas ao me aproximar da parte úmida, senti o geladinho gostoso e o chão um pouco mais firme, embora meus pés ainda afundassem. Sorri feito criança ao receber o presente de Natal, assim que vi o mar. Era imenso. A água cristalina que recebia o reflexo do céu azul, parecia muito com a cor dos olhos de Ângelo. As ondas se quebravam ao se aproximar da costa e a sensação de liberdade tomou conta de mim. Fechei meus olhos e respirei o ar salgado.

Finalmente conheci o mar...

Tirei meus chinelos e os joguei na areia fofa, juntamente com as chaves, evitando o risco de o mar carregá-las. Caminhei lentamente, me aproximando cada vez mais das pequenas ondas, em direção às águas mais profundas. Parei quando as ondas batiam em meus joelhos e molhei as mãos. Podia sentir o cheiro de sal, mesmo assim quis colocar um dedo em minha boca para sentir a salinidade.

— Eca!

A risada ao meu lado me fez acordar para a realidade de que não estava sozinha. Olhei para um Ângelo divertido, me observando atentamente.

— Por que demorou? — questionei, preocupada que ele pudesse estar chateado comigo, pelo lance do protetor solar.

— Era um momento seu, achei que devia apreciá-lo sozinha — explicou com a voz calma.

Estiquei minha mão novamente para ele, que aceitou sem pestanejar. Caminhamos lado a lado para o fundo, pulando quando as ondas quebravam em cima de nós. Soltamos as mãos, mas nos mantivemos próximos, jogamos água um no outro e pulando as ondas. Quando atingimos um nível onde a água ultrapassou nossas cinturas, nos mantivemos em alerta, dando alguns passos para trás quando a corrente de água nos puxava para o fundo. Era tão bom sentir a água batendo contra meu corpo, mas bastante cansativo. Não tive coragem de mergulhar e tentei preservar ao máximo os meus cabelos secos, mas com Ângelo jogando jatos d'água em minha direção, foi impossível. Ele se arriscou e mergulhou algumas vezes, me deixando apreensiva, pois não sabia se ele nadava, afinal, não se lembrava quem era, como se lembraria se nadava bem ou não? Observei enquanto dava mais um mergulho e meu coração se apertou quando demorou para emergir de volta.

— Ângelo! — chamei com a voz tensa. — Ângelo! — Novamente sem resposta.

Olhei ao redor, havia poucas pessoas na praia e estavam longe dali. Não era alta temporada, portanto os turistas não desfilavam para lá e para cá como imaginei que seria. Senti meus olhos lacrimejarem em desespero. Foi quando percebi um movimento estranho, em uma das ondas, e minha boca se abriu em um gesto de perplexidade. Lá estava ele, com suas lindas e enormes asas abertas, em toda a sua glória majestosa. Elas bateram um pouco sobre a água e não pude deixar de sorrir. Era lindo. Incrivelmente lindo. Quando seus olhos encontraram os meus novamente e seu sorriso retribuiu o meu, comecei a repetir o mantra já mencionado anteriormente:

Eu não estou perseguindo o amor, eu não estou perseguindo o amor, eu não estou perseguindo, eu não estou perseguindo o amor...

Tarde demais, garota!

Ele não me persegue, eu não fujo dele, mas um dia a gente se encontra...

Acho que o grande dia havia chegado.



CAPÍTULO onze

“E por ser tão forte assim
Bem mais lindo que um jardim
Nada pode abalar”

(Maria Rita)

Como permiti que acontecesse comigo?

Ali parada, olhando o cara mais lindo que já vi na vida, com suas asas imponentes e invisíveis aos próprios olhos, não consegui negar o óbvio: Estava apaixonada por Ângelo. Não sabia exatamente como tinha acontecido, mas foi tão rápido que nem tive tempo de me desviar. Ele era um estranho, um ser que não era humano e um completo desconhecido, mas independente de todas as características que pesavam contra uma probabilidade positiva, de algum jeito, meu coração passou por todos os obstáculos e inventou de se apaixonar.

Ali estava eu. Era como se meus pés tivessem sido fixados por concreto no lugar. Fiquei paralisada, admirando-o e não me movi um passo, nem para frente e nem para trás. Quando uma onda quebrou em cima de mim, tropecei e caí sentada. Engoli um pouco da água salgada e senti meus olhos arderem com o contato de areia e sal nas retinas. Contudo, antes que pudesse ter qualquer reação, dois braços seguraram minha cintura com firmeza. Alguém estava me retirando da água, no colo.

Ângelo!

Tossi incessantemente em busca de alívio, tentando me livrar da queimação na garganta, por ter ingerido a água salgada. Senti o estômago revirar, ao me dar conta do gosto de peixe e qualquer outra criatura do mar, a bile subiu rapidamente e logo meus pés tocaram a areia seca, me ajoelhei e não fui capaz de evitar o vômito.

— Luiza! Você está bem? — Um Ângelo desesperado prostrou-se ao meu lado e com delicadeza segurou meu cabelo para trás.

Levantei a palma da mão para que ele esperasse um pouco. Meu estômago continuava frágil e a garganta ainda queimava. A falta de ar fazia meus olhos lacrimejarem muito mais e não me lembrei de ter passado por uma situação tão constrangedora, na frente de um homem por quem estava interessada. A mão enorme e delicada de Ângelo continuou segurando meu cabelo enquanto a outra acariciava minhas costas. Aos poucos, o ar voltou aos meus pulmões, a queimação na garganta diminuiu e os olhos pararam de lacrimejar.

— Estou bem — consegui dizer em um fio de voz.

Sem aviso prévio, ele me tomou nos braços e levantou-se, caminhando comigo em direção à *pick-up*.

— Vamos para a pousada, você consegue dirigir? — Mantendo-me em seu colo, não consegui desviar a tempo quando seu olhar capturou o meu.

Tarde demais, me envolvi neles e não prestei atenção em mais nada a nossa volta, como se existisse somente nós dois no Universo. Quando ele me abraçou, cortando o contato visual, um misto de emoções inundou meus sentidos. Medo e alívio se mesclavam a agitação e alegria e, mesmo fraca, busquei todas as minhas forças para envolver meus braços em torno de seu pescoço e puxá-lo ainda mais para perto, não querendo que aquele momento terminasse.

— Obrigada por me salvar — sussurrei com a voz embargada.

— Nunca permitirei que se machuque, Luiza. — Suas palavras tocaram profundamente meu coração.

Era fato! Eu estava loucamente apaixonada por um anjo.

O que seria de mim?

“Você é a alma gêmea dele.”

A voz de Gabriel se fez presente em meus pensamentos mais uma vez. Era como aquelas músicas chatas que lançam no verão, ninguém curte, mas todo mundo sabe de cor e salteado, cantarolando o tempo inteiro, até enjoar. Mas daquela vez, eu me permiti sorrir, porque estava aceitando pela primeira vez, aquela possibilidade. Talvez houvesse esperança, eu só precisava descobrir mais sobre aquela história de alma gêmea, mas principalmente, precisava ajudar Ângelo a descobrir quem ele era e qual era sua missão, talvez assim esclarecêssemos algumas dúvidas. Como por exemplo, se era permitido uma humana se apaixonar por um ser alado que vive em outra dimensão — fosse qual fosse o habitat natural de um anjo —, ou se ele poderia ser punido caso se apaixonasse por mim. Porém, o mais importante: Precisava saber se Ângelo retribuía o sentimento que eu tinha por ele. Se a resposta fosse sim, eu estaria disposta a qualquer coisa para que ficássemos juntos.

— Vamos voltar, preciso de um banho e uma escova de dentes.

Ângelo me entregou a chave do carro e meu par de chinelos, deixei que me colocasse no banco do motorista, e o aguardei se acomodar ao meu lado e logo voltamos para a pousada. Ao entrarmos na recepção, avistei Gabriel em seu posto habitual, com a conhecida expressão de tédio. Sorri para ele, tentando demonstrar simpatia, por incrível que pudesse parecer, ele retribuiu. Antes de conversar com o ex-anjo para tentar descobrir qualquer coisa que pudesse me ajudar a ajudar Ângelo, eu precisava de um banho. Meu plano era simples e sem rodeios: assim que Ângelo estivesse no chuveiro, eu desceria até a recepção e tentaria arrancar qualquer informação de Gabriel.

Chegamos ao quarto e um Ângelo bastante sério me encarava.

— O que foi? — perguntei apreensiva.

Ele se aproximou e me puxou para si, me prendendo em um forte abraço. Não consegui retribuir, pois seus braços fortes prendiam os meus.

— Você me deu um susto daqueles — murmurou, soltando o ar em seguida.

Sua respiração profunda demonstrava cansaço e um pouco de estresse. Não imaginei que estivesse tão abalado quanto eu, pelo ocorrido na praia.

— Ângelo, foi descuido meu — confessei.

Ele afrouxou o abraço, me fitou confuso e sorri em resposta.

— Fiquei tão encantada, ao vê-lo emergir da água com suas asas enormes, que me distraí e a onda me derrubou.

— Desculpe-me, não sei como impedi-las de aparecerem para você. Nem como enxergá-las.

— A culpa não foi sua. Além disso, você me salvou. Obrigada, anjinho. — Sorri para tranquilizá-lo e acariciei sua face.

Com meus braços livres, consegui abraçá-lo, sentindo o calor de seu corpo e a paz que invadia meu interior, quando ficava próxima dele. Era mais que atração, era algo mágico e espiritual.

— Você me faz tão bem — me ouvi dizendo em voz alta.

— Você também, Luiza. Você me traz paz.

Recuei do abraço.

Seria possível ele retribuir meus sentimentos?

Eu esperava realmente que sim. Não queria pensar em nada diferente. Afastei-me e fui para o banheiro em silêncio. Entrei no banho, esfreguei meu corpo para tirar o sal da pele e hidratei meus cabelos. Escovei os dentes no chuveiro e depois de me secar, passei creme hidratante para não deixar minha pele ressecada. Ao me virar para o cabide de porta, percebi que havia esquecido de separar as roupas limpas para me vestir. Enrolei-me na toalha de banho e abri a porta, encontrando o olhar de Ângelo. Reparou-me da cabeça aos pés, em meu traje pouco coberto.

— Esqueci de pegar minhas roupas — expliquei-me, sem graça.

Mexendo-se nervosamente, Ângelo pegou sua pequena trouxa de roupa e caminhou até a porta do banheiro.

— Vou para o banho, pode se trocar com privacidade. — Bateu a porta atrás de si.

Recuperando-me do constrangimento, vesti um short jeans e uma regata branca, com a frase “*Country girl, shake it for me*” (“*Garota do interior, mexa-se para mim*”), uma das músicas do *Luke Bryan*, que eu tanto amava. Havia ganhado de Jéssica, no Natal anterior. Passei desodorante e escovei meus cabelos com pressa. Olhei-me no espelho e reparei o quanto meus olhos ainda estavam avermelhados. Ignorei e, evitando ao máximo fazer barulho, abri a porta do quarto com o máximo de cuidado, para evitar ruídos, e fui para a recepção, avistando Gabriel, o ex-anjo solitário.

— Oi — Não sabia como abordar o assunto que eu queria.

— Ei, garota do anjo — disse com humor.

Revirei os olhos, não gostei de ouvi-lo me chamar daquela maneira em voz alta, onde qualquer um que passasse pudesse ouvir.

— Gabriel. Preciso que me fale mais sobre a situação do Ângelo, o que disse a respeito de eu ser a alma gêmea dele.

Gabriel pareceu contrariado, resmungou algo que não entendi, mas em seguida sorriu.

— Já te disse, gatinha. É um assunto que está além do que me é permitido falar.

— Mas...

— Existe um motivo especial para o seu anjo não enxergar as próprias asas. — Arqueou a sobrancelha. — Ele já sabe que é um anjo?

Mordi o lábio inferior, pensando um pouco antes de responder. Se eu queria respostas, teria que, no mínimo, ceder algumas a ele.

— Não. — Pestanejei. — Quero dizer, sim. Ele sabe que é um anjo, mas porque descobri e contei a ele. — Cheguei mais perto do balcão.

Com um sorriso torto, Gabriel continuou seu interrogatório.

— Você deduziu isso após ver suas asas?

— Ele caiu do céu, curou rapidamente os ferimentos e possui asas. Foi a teoria mais sensata que encontrei, depois de todas as maluquices que cogitei.

— Você é uma garota esperta.

— Então ele é realmente um anjo, assim como você? — Sussurrei.

— Correção: Ele é um anjo, eu não.

— Mas você já foi um.

— Sim.

— Existem mais como você? Outros ex-anjos?

Sua gargalhada se fez ouvir por toda a recepção e aquilo me irritou.

— O que eu disse de tão engraçado?

— Não sou um ex-anjo.

— Você disse que já foi um anjo, mas que não é mais.

— Sou um destituído.

Arqueei as sobrancelhas:

— Você foi expulso? — Elevei o tom de voz, surpresa com a revelação.

— Deposto seria mais elegante, do que expulso.

— Por quê?

— Sempre gostei de estar entre os humanos. — Seu sorriso se tornou cínico. — Passava mais tempo que o necessário na Terra, então me ofereceram uma vaga permanente. Aceitei de bom grado.

— Você se apaixonou por alguém?

— Ei, gatinha. Nunca me apaixonei por alguém, além de mim. É mais seguro e evita coração partido. Quero dizer, evita que o meu coração seja partido. — O cinismo permanecia em suas respostas.

Foi então que entendi tudo. Gabriel era um anjo mulherengo.

— Filho da puta! — resmunguei irritada.

— Tecnicamente, não tenho mãe. — Deu de ombros. — Sua ofensa não me atinge. Mas essa é minha história e não me arrependo, sou feliz aqui.

— Jura? — desdenhei. — Sempre te vejo aqui, com cara de tédio.

— Estamos na baixa temporada, é realmente maçante. Mas gosto da Vila do Sol, tornou-se meu lar. A alta temporada é incrível, a pousada enche de belas mulheres e eu ganho atenções extras, de algumas hóspedes ou turistas que circulam pelo balneário.

— Você é um caso perdido!

— Quando ainda era um anjo, não tive a oportunidade de encontrar minha alma gêmea. Talvez ela não tivesse nascido ainda, mas agora sou um homem comum que precisa procurar a famosa agulha no palheiro. Enquanto não encontro a certa, me divirto com as erradas.

— Esse papo de alma gêmea. Como funciona? — Talvez ele pudesse me dizer algo a respeito.

— Quando um anjo tem o privilégio de encontrar sua alma gêmea, ele sacrifica as próprias asas para ficar com ela. Somente assim pode permanecer na Terra, se casar, ter filhos, envelhecer. Torna-se um anjo caído.

Um arrepio sinistro percorreu todo o meu braço. Aquele termo não me soou agradável.

— O que acontece com os anjos caídos? — Temi pela resposta.

— Nada demais, apenas tornam-se humanos.

— São destituídos, assim como você?

Ele negou com um gesto de cabeça.

— Fui destituído, não me sacrifiquei por ninguém. Decidiram que eu não seria mais um anjo e me tornaram humano contra a minha vontade. Foi uma punição. Recolheram minhas asas, meus dons, minha imortalidade. Mas ainda respondo a eles, não sou livre. É uma espécie de prisão perpétua. Mas eu posso ser aceito de volta se eles reconsiderarem, o que é bem improvável.

— Eles quem?

— Os anjos de hierarquias superiores.

Era informação demais para absorver. Àquela altura, Ângelo já tinha saído do banho e dado por minha ausência. Mas Gabriel estava se abrindo e revelando informações que poderiam ser úteis para que eu montasse aquele complexo quebra-cabeça. Anjos realmente existiam, algo

que eu já acreditava, mas que nunca tinha parado para pensar em como poderia funcionar.

— Você citou anjos caídos — recomecei, pensando seriamente no que poderia perguntar sem que ele me achasse maluca. — Tem a ver com vampiros, algo do tipo? Li isso em algum livro.

— Não, gatinha. Esse papo de vampiro é ficção. — Ele gargalhou alto.

De certa forma, foi um alívio ouvir aquela constatação.

— Um anjo caído abdica de suas asas, dons e imortalidade, para viver na forma humana com sua alma gêmea. Ele precisa fazer uma escolha, pois não pode ser um anjo quando o seu coração já não pertence a sua missão. Como um ser celeste, cada anjo tem uma tarefa e precisa entregar-se a ela, sem que haja interferência. Quando acontece de um anjo encontrar sua alma gêmea humana, o que não é algo comum de acontecer, a razão entra em conflito com o coração. A obrigação para com sua hierarquia, já não é mais o foco da sua existência, por isso acontece a renúncia. Mas existe uma consequência para aqueles que entregam as asas a fim de viver o amor em sua plenitude.

— Diga logo!

— Um anjo caído precisa de amor incondicional para viver. Se eventualmente, a alma gêmea dele deixar de amá-lo, este perece e morre.

Aquela informação me pegou de surpresa e não de forma agradável.

— Mas se é alma gêmea, como pode deixar de amá-lo? — Pensar naquela possibilidade me deixou triste.

Gabriel olhou em volta, como se sentisse a presença de alguém por perto. Aguardou alguns instantes e logo um pequeno grupo de pessoas passou pela recepção rumo ao restaurante. Ao ficarmos sozinhos novamente, ele prosseguiu:

— O amor é como uma planta. Ele precisa ser cultivado e cuidado para que cresça, floresça e dê frutos. Não basta apenas dizer que sente amor, você precisa demonstrar em ações como ele é em essência. É possível que se ame uma rosa cheia de espinhos, mas por medo de se machucar, descuida-se dela e um dia esquece que ela também precisa de água e a deixa secar até que morra. Anjos e humanos são espécies distintas, seres diferentes não apenas em matéria, mas em seus propósitos de existência. Contudo, entre nós, existem aqueles que completam um ao outro. Uma raridade. Mas até mesmo almas gêmeas precisam se dedicar a cultivar o amor, encontrar a sua, não significa que pode simplesmente acreditar que não existirá nenhum obstáculo no meio do caminho, nem que irá suportar todas as dificuldades. É um trabalho constante, cultivar o amor entre dois seres e também multiplicá-lo.

Suas palavras tocaram fundo em meu coração, mas também me deixaram receosa quanto aos meus sentimentos por Ângelo. Será que eu estava mesmo apaixonada? Será que conseguiria amá-lo incondicionalmente para o resto da minha vida, que também seria o resto da sua? Talvez o que eu estivesse sentindo fosse apenas deslumbramento. Mas então por que conseguia ver suas asas? Ser a alma gêmea de um anjo não significava de toda a forma que houvesse encontrado a

felicidade permanente.

— Essa é a parte em que me considero um homem de sorte. — O sorriso de Gabriel se tornou sombrio, talvez triste. — Posso me relacionar com qualquer mulher e se nenhuma delas me amar, não morro por isso. Literalmente falando, eu não preciso de amor para viver.

— Todo mundo precisa de amor para viver, Gabriel.

— Bobagem!

— Você que pensa..., Mas me diga, existem anjos que se relacionam com humanos, mesmo que estes não sejam suas almas gêmeas?

Ele hesitou um pouco antes de responder.

— Não é comum que aconteça, pois, sem ter encontrado sua alma gêmea e despertado o seu coração para o amor, tudo o que realmente importa para um ser celestial, é cumprir sua missão sem se desviar. Os anjos foram criados para exercer uma função específica, cada hierarquia tem seu propósito. Mas sim, existem os que fogem às regras.

Arregalei meus olhos, ao constatar o óbvio.

— Você fez isso, não foi? Deixou sua missão de lado...

— Isso não lhe interessa, gatinha. A minha vida pertence a mim e a mais ninguém.

— Desculpe. — Mordi meu lábio inferior e desviei o olhar, constrangida. Eu não o conhecia, não deveria ter perguntado algo tão pessoal.

— Tudo bem.

Optei por retomar o assunto, embora estivesse ciente do meu atraso.

— É muito injusto para um anjo caído ter a vida interligada com alguém. Saber que a qualquer momento pode morrer. Viver na incerteza de que tomou a decisão certa ao abdicar de sua própria espécie para se arriscar em algo que não tem garantia. E se a pessoa que amava encontrar outro amor, morre porque dependia daquele sentimento para viver.

— Você não compreende? Chama-se sacrifício, Luiza. Quer prova de amor maior? Para que um anjo tome uma decisão tão importante quanto essa, é porque o que sente é forte o bastante para ele se arriscar. Até eu, que já desacreditei do amor, entendo a importância do ato. Você não pode iniciar um relacionamento, já pensando que ele pode acabar.

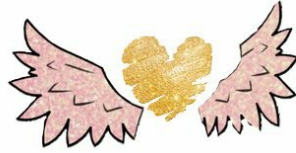
Ele estava certo. Mas o que eu sabia sobre o amor? Nada de nada.

— Se o Ângelo quiser ficar comigo, ele terá que se tornar um anjo caído e eu o amar incondicionalmente até o último dia da minha vida? — Fiz a pergunta que estava entalada em minha garganta, desde que entendi aquela história maluca de sacrifício.

— Não tenho permissão para falar sobre isso, Luiza. Ângelo é diferente, não é o tipo de anjo que eu fui, com ele não funciona desse jeito. Desculpe, mas não posso te contar mais nada. Ele precisa cumprir a missão. — Gabriel me deixou ainda mais confusa.

O burburinho de vozes foi ficando cada vez mais alto, alguns turistas entraram na recepção. Aquela foi minha deixa para sair. Acenei para Gabriel e subi a escada devagar, tentando digerir tudo o que me contou sobre anjos, almas gêmeas e sacrifício. E depois de toda aquela conversa, ele diz que Ângelo é diferente.

Voltei à estaca zero.



CAPÍTULO doze

“Mas que seja feita a vontade de Deus
Se ele quiser então, não importa como, onde, quando
Eu vou ter seu coração”

(Claudia Leite)

— Onde estava? — Um Ângelo aflito me segurou pelos ombros.

— Na recepção, fui perguntar ao Gabriel se havia serviço de lavanderia na pousada. Precisamos lavar nossas roupas. — A mentira de última hora não era exatamente uma mentira, pois realmente precisávamos lavar as roupas. Por sorte, uma das camareiras já havia me comunicado que a pousada possuía uma lavanderia comunitária, mas se eu pagasse uma taxa extra, ela poderia fazer o trabalho para mim.

— Poderia ter ligado para o ramal da recepção — comentou, apontando para o telefone no criado-mudo.

— O que foi agora? Não posso falar pessoalmente com a recepção? — Encarei-o, frustrada.

Ângelo me soltou e se afastou, andou de um lado para o outro, agitado e nervoso. Não consegui entender porque ficou tão chateado por eu ter saído alguns instantes.

— Você gosta dele? É isso? — perguntou, irritado.

— O quê? De onde tirou essa ideia?

— Eu a vi hoje cedo, olhando para ele disfarçadamente, agora arruma uma desculpa para ir até a recepção. O que posso pensar? Você gosta dele!

Será que Ângelo está com ciúmes de Gabriel?

— É sério? — perguntei chateada. Passei as mãos pelo rosto, tentando manter a calma. — Realmente acredita no que acabou de dizer? Depois de me beijar daquele jeito e eu ter retribuído, você agiu como se nada tivesse acontecido, hoje cedo. Tem certeza que quer me cobrar alguma coisa, Ângelo? — Espantei-me ao sentir uma lágrima rolando em minha face.

Sua expressão mudou totalmente, aproximou-se de mim tão rápido, que nem mesmo ele acreditou. Com certeza aquilo se devia ao fato de ele não ser humano. Um homem comum não seria capaz de tal feito, nem mesmo *Usain Bolt*^[1].

Eu nem sabia porque estava chorando. Talvez fosse por todas as dúvidas que assolavam minha mente e também as recentes descobertas. Mas quando as mãos de Ângelo tocaram meus ombros, foi como se uma energia poderosa invadissem o meu corpo, transmitindo-me uma tranquilidade que eu estava longe de sentir a segundos atrás.

— Desculpe-me. Eu não devia ter falado daquele jeito com você. — Puxou-me mais para perto, abraçando-me.

— Não fala nada. — Acaricie suas costas, retribuindo o abraço e pousei minha cabeça em seu peito.

— Mas eu preciso falar Luiza.

Eu só queria sentir o calor do seu corpo contra o meu, e a paz que ele me proporcionava.

— Não precisa ser agora. A gente conversa depois.

— Então diga que me perdoa, por eu ter falado com você de forma tão rude.

Afastei-me do seu abraço e o encarei.

— Você fica uma gracinha quando está com ciúmes, anjinho — provoquei, tentando melhorar o clima entre nós. Porém, me arrependi no momento em que terminei de proferir as palavras. Seu olhar mudou instantaneamente, tornou-se mais intenso, a aflição dando lugar ao desejo.

Ele vai me beijar!

Não tive tempo para me preparar, logo estava em seus braços novamente e a boca de Ângelo colou-se a minha cheia de paixão. Suas mãos me enlaçando pela cintura, inclinando-me um pouco para trás, obrigando-me a entrelaçar minhas mãos em volta do seu pescoço. Aquele beijo era diferente do primeiro. Havia mais fúria, mais pressa, mais desejo. Contudo, foi tão bom quanto. Mesmo sabendo das consequências em me envolver com um anjo, não consegui resistir a força que me puxava cada vez mais para ele. Todas as minhas dúvidas cessaram momentaneamente, porque tudo o que eu conseguia fazer era me entregar, retribuir. Ângelo beijava muito bem, e se eu tinha alguma dúvida de que ele me enxergava como mulher, ela se esvaiu no exato instante em que senti algo firme, um pouco abaixo da cintura que roçava a minha.

Ele está... Minha nossa!

Eu não era virgem, mas tinha pouca experiência, de fato. Surpreendi-me com a constatação de que um anjo estava atraído por mim. O quanto aquilo era surreal? Mas ao mesmo tempo, eu não queria pensar em mais nada, apenas precisava guardar aquele momento em minha memória.

Acho que ele não estava preparado para lidar com a reação do próprio corpo. Ângelo diminuiu a intensidade do beijo e quando nos separamos, estávamos ofegantes. Ele percebeu o volume em suas calças e virou-se de costas para mim, provavelmente constrangido. Eu não sabia o que dizer, nem o que pensar. Talvez ele fosse virgem, sei lá!

— Você me disse que não estava procurando por um namorado, por isso não comentei nada, hoje pela manhã, eu não quis que se sentisse pressionada. Mas a possibilidade de estar interessada no Gabriel, deixou-me aflito, com receio de que nosso beijo não tivesse significado para você, tudo o que significou para mim. — Continuava de costas, as mãos escoradas na parede do quarto.

A revelação de Ângelo me pegou desprevenida e tocou profundamente meu coração. O olhar que me dirigiu também não ajudou em nada a me manter sóbria. Quando se voltou para mim, imediatamente verifiquei se ele continuava excitado e o seu estado continuava o mesmo. Mas Ângelo já não parecia envergonhado, aproximou-se, mas não me tocou outra vez.

— Estou apaixonado por você, Luiza.

— N-não é possível — murmurei, incrédula.

Tinha acabado de ouvir o que tanto queria, mas depois das recentes descobertas, me doía ouvir a verdade e saber que aquelas palavras não eram suficientes para que pudéssemos ficar juntos.

— Sim, é possível e aconteceu — Ângelo segurou meu rosto entre suas mãos. — Luiza, me escuta. Sei que parece precipitado o que vou dizer, não quero te assustar, mas não posso me calar diante do que sinto. Posso não saber quem sou, nem o que sou, mas de uma coisa tenho certeza: Amo você com uma intensidade que está fora de qualquer explicação racional. Mas acima de tudo, sinto dentro de mim que esse sentimento não surgiu nesses três dias que estamos juntos. Sei que esse amor habita em mim há muito tempo, mesmo que não saiba te explicar como tenho tanta certeza, só não duvide de mim quando digo que te amo.

O que eu faço agora?

— Ângelo eu... — Não sabia o que dizer.

— Shhh... — Calou-me com o dedo indicador. — Não estou te pedindo uma declaração, Luiza.

— Amor é uma palavra muito forte, Ângelo — Balancei minha cabeça, em negativa.

— Mas é verdade, Luiza. Te amo. — disse mais uma vez, pegando minhas mãos nas suas e levando-as até o lado esquerdo de seu peito. — Sinta. É por sua causa que meu coração está batendo desse jeito, acelerado. Sempre fica assim quando estou com você. Quando você sorri, quando canta o seu inglês errado, balançando a cabeça no ritmo do *country* que tanto gosta. Quando está dormindo e te observo, tranquila em seu sono. Quando fala palavrão. Cada qualidade, cada defeito que te compõe, que faz você ser quem é. Eu amo.

Acho que nem em novela mexicana eu já tinha ouvido uma declaração de amor tão linda e exagerada como aquela. Quando imaginei que um homem me diria tudo aquilo? Nunquinha! Um homem como Ângelo? Nem em sonhos. Um anjo? Impossível! Simplesmente inacreditável. Eu deveria estar sonhando, pensei. Era a única explicação plausível. Ou minha vida estava realmente, dando um giro de cento e oitenta graus.

Sentia-me envolvida, havia assumido para mim, mesma, que estava apaixonada, porém não poderia dizer a ele, porque depois de minha conversa com Gabriel, já não tinha certeza absoluta. Meu medo era que ele abdicasse de ser um anjo por minha causa e eu não conseguisse amá-lo da maneira que era preciso para que vivesse. A responsabilidade de amar alguém incondicionalmente e fazer com que esse amor não acabe, era um fardo que eu não sabia se podia carregar.

O amor seria um fardo? Ele era a rosa com espinhos, certamente. Eu só não sabia se seria uma boa jardineira. Tinha medo de fraquejar, porque se não fosse boa o bastante para amá-lo como merecia, seria a responsável por sua morte e jamais me perdoaria.

Gostava do Ângelo, me sentia maravilhosamente bem ao seu lado, protegida, confiante. Não havia adjetivos suficientes para descrever o quão bem ele me fazia sentir, mas amor? Como poderia amar alguém em tão pouco tempo? Embora tivesse a sensação de conhecê-lo há vida inteira, havia se passado apenas alguns dias. Éramos estranhos um para o outro. Ele mesmo nem

sabia quem era e de onde veio!

Em pensar que mais cedo, na praia, eu estava disposta a fazer o possível para ficarmos juntos... Como os planos mudaram de uma hora para outra? O sentimento ainda era o mesmo, sabia que sim, mas o medo de todas as implicações a nossa volta me fez recuar.

— Eu gosto de você, Ângelo — Dei um passo para trás, desfazendo o contato com suas mãos. Precisava pensar com clareza e tocá-lo sempre foi uma distração. — Existe uma força que me atrai diretamente para você, não sei explicar o que é. Sinto-me bem ao seu lado. Mas tenho certeza que jamais te vi antes do acidente, mesmo que algo dentro de mim, me faça sentir como se já te conhecesse de antes, tenho plena certeza que isso nunca aconteceu.

— Não tenho recordações que comprovem, mas sinto algo nostálgico quando estou com você. Talvez, quando recobrar minha memória, isso venha à tona e haja alguma explicação.

— Sim, realmente espero que sim — concordei. — Por enquanto, vamos aproveitar nossos momentos juntos. Certo?

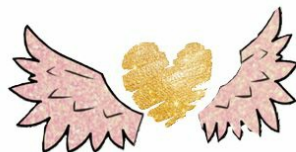
Ele assentiu e se aproximou novamente.

— Luiza, sei que o que eu disse sobre te amar, pegou você de surpresa. Mas não se afaste de mim, por favor. Quando, e se, você quiser me dizer algo, que seja porque se sente preparada e não sob pressão.

Uma parte de mim estava feliz por saber que ele me amava, outra parte estava acuada e com medo de se precipitar. Jamais magoaria Ângelo intencionalmente, mas dizer que sentia por ele o mesmo amor, seria um equívoco, quando eu mesma não fazia ideia de como me sentia de verdade em relação a ele. Era algo forte, mas seria amor? Seria um amor incondicional, a ponto de me comprometer a amá-lo por toda a vida, caso ele dependesse do meu sentimento para sobreviver? E se acabasse de uma hora para outra? E se eu percebesse ao longo do tempo, que era apenas uma paixão pelo desconhecido, pelo inusitado?

Ele morreria se eu não pudesse amá-lo para sempre.

Eu não me sentia preparada para ser responsável pela vida de outra pessoa.



CAPÍTULO treze

“Além do arco íris,
Pode ser
Que alguém,
Veja em meus olhos
O que eu não posso ver”

(Luiza Possi)

por ângelo

Não havia como continuar escondendo, precisava contar a Luiza como me sentia em relação a ela. Continuar ao seu lado e ocultar meus sentimentos, me deixava aflito. Havia uma necessidade dentro de mim que ela soubesse de tudo. A única coisa que tinha certeza, sem sombra de dúvidas, era que eu a amava. Poderia não recordar nada sobre mim, mas o que sentia, eu sabia exatamente o que se tratava.

Era amor. O mais intenso e inexplicável amor.

Não sabia quem eu era, nem de onde vinha e muito menos o que deveria fazer, qual era a missão que deveria cumprir. Mas, meu coração me apontou Luiza como porto seguro, me fez acreditar que estar ao seu lado era a coisa certa a se fazer. Mesmo que não fosse recíproco, não poderia mais lhe esconder. E quando disse a ela, foi como se um grande peso tivesse saído de minhas costas. Reprimir o que sentia era demasiado sufocante. A sensação de já conhecê-la há muito mais tempo, reforçou-me ainda mais a intenção de dizê-lo. Nossas histórias se cruzavam de alguma maneira, embora não soubesse explicar como, sentia em meu coração que Luiza fazia parte de minha vida há muito mais que três dias.

Talvez três vidas..., Mas jamais três dias.

— Obrigada por entender, Ângelo — havia medo em seus olhos, insegurança, mas também compreensão e algo que não consegui identificar de imediato.

Luiza era bastante transparente, sempre que encarava seus lindos olhos verdes, conseguia enxergar sua alma e todas as emoções que lhe tomavam naquele momento. Talvez fosse um dos meus dons de anjo, mas nada nela me passava despercebido e por isso, sentia a súbita necessidade de olhá-la profundamente o tempo todo. Desvendar suas emoções me fazia perceber o quão confusa ela estava desde que me encontrou na estrada, mas mesmo com suas dúvidas, ela sempre esteve disposta a me ajudar.

Jamais percebi qualquer sentimento ruim em relação a mim, nada de pena, nem de desconfiança quanto ao meu caráter. Mesmo sendo um desconhecido, sempre despertei nela os sentimentos mais tranquilos e nobres. Ela me olhava diferente, poderia não ser o mesmo amor que eu sabia sentir por ela, mas havia ternura e um carinho muito especial. Talvez o medo e a insegurança que habitavam seu coração algumas vezes, fossem os responsáveis pela ocultação de seus reais sentimentos. Sendo assim, ficava claro que nem Luiza sabia o que de fato sentia por mim. Essa era a principal razão do porque não conseguir decifrá-la por inteiro. Ela era um mistério para si mesma.

— Vamos almoçar? — convidei. Queria quebrar a atmosfera pesada que se formou entre nós. — Quer comer na pousada ou prefere conhecer algum restaurante?

Ela balançou a cabeça, absorvendo a informação da súbita mudança de assunto e respirando com alívio antes de me responder sorridente:

— Vamos almoçar por aqui, mas quero levá-lo a um lugar que vi enquanto voltávamos da praia.

Arqueei a sobrancelha em uma pergunta silenciosa.

— É um brechó — revelou.

— O que é um brechó?

— Jura que não sabe?

Por que eu deveria saber o que é um brechó?

— Juro!

— Um brechó é uma loja que vende roupas e artigos usados, em bom estado de conservação, mas por um preço bem acessível. Eu sou apaixonada por brechós! Muitas de minhas roupas são peças desse tipo de loja. Pensei em garimpar algumas peças para mim, e claro, ver se encontramos algumas roupas que sirvam em você.

— Não é necessário — recusei de imediato. — Já comprou roupas para mim, Luiza. Não quero que fique gastando o dinheiro que guardou para suas férias, comigo.

— Escute aqui, anjinho — disse parecendo irritada. — Não é incomodo algum comprar algumas peças de roupa para você. Se recusar, me sentirei ofendida. Está entendendo?

— Mas...

— Nada de desculpas esfarrapadas! — cortou-me. — Agora vamos almoçar, porque aquele banho de mar me deixou faminta.

— Vamos — respondi contrariado.

Ela caminhou até o banheiro e recolheu uma sacola plástica com algumas peças de roupa.

— Antes de irmos ao refeitório, preciso passar na lavanderia e pedir para a camareira lavar nossas roupas. Você pode me esperar na recepção.

— Você é quem manda, general! — Sorri e fui em direção à porta, abrindo-a.

Passando por mim, fazendo um beicinho encantador, Luiza parou e me deu um leve beliscão no braço.

— Ei! Não sou mandona, não foi uma ordem.

Dei de ombros e fechei a porta do quarto, andando em direção a escadaria que dava para a recepção.

— Não sou mandona! — repetiu ela.

Eu adorava quando ela ficava irritada. Seus olhos verdes ficavam ainda mais brilhantes e suas bochechas levemente coradas. Os cabelos ruivos de Luiza davam a sua pele um tom rosado e as poucas sardas eram encantadoramente perfeitas. Ela havia comentado comigo, em outra ocasião, que detestava as sardas, mas certamente era um dos atributos físicos que eu mais gostava nela. Sua beleza exótica era estonteante. Os grandes olhos brilhantes eram expressivos e com toda a certeza, as janelas para sua alma. Por isso não me cansava de olhar para eles.

Luiza se encaminhou a lavanderia e a contragosto permaneci na recepção. Sentei-me em uma das poltronas espalhadas no pequeno hall e peguei uma revista para não me ver obrigado a conversar com Gabriel, apenas por boa educação. Estava em seu posto habitual, com cara de poucos amigos, como se fosse uma tortura ficar ali durante todo o dia. Eu não gostava dele. Não era nada pessoal, não podia julgá-lo pois não o conhecia. Mas a maneira como olhava Luiza não me agradava nenhum pouco. Sim, era puro ciúme de minha parte. Não tinha o menor problema em assumir.

— Contou a ela, não foi? — A voz de tédio de Gabriel deu lugar a uma audaciosa curiosidade. Levantei meu olhar da revista que folheava e o encarei.

— O que foi que disse?

— Você — Ele deu um sorriso debochado e me encarou com os olhos divertidos. — Contou a ela.

— Contei a quem? O quê?

— Você contou a Luiza o que sente por ela.

— Como você sabe? Estava nos espionando? — Levantei-me bruscamente e me aproximei do balcão.

— Deixe de bobagens — desdenhou —, posso ver suas asas. Sei exatamente o que você é.

Fui pego de surpresa com a ousadia de Gabriel, tentei me manter indiferente, mas ele parecia bastante seguro sobre o que falava.

— Como pode ver o que nem eu enxergo?

— Sabe, essa deve ser a parte mais frustrante. Ter suas asas, mas não vê-las. Como ter certeza que realmente as possui, se não sente o peso e nem as vê?

— Como sabe dessas coisas, Gabriel? — Perdi minha paciência e puxei a gola de sua camisa, com força.

— Tire suas mãos de mim, Miniel.

O choque de ouvi-lo me chamar por outro nome, me pegou desprevenido. Imediatamente o soltei.

— Esse é meu verdadeiro nome? — Tentei manter a calma. Se quisesse informações, não seria na base da arrogância. Gabriel era esperto e não me contaria nada se eu o machucasse.

— Sei que está confuso. — Ficou sério. — Está em provação, Miniél.

— Então o nome que está gravado é o meu. — Toquei o pingente pendurado em meu pescoço.

— Sim. É uma medalha de identificação.

— E a flecha? O que significa?

— Sua posição na hierarquia.

— E qual seria?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não posso dizer. Não tenho permissão para lhe contar.

— Quem é você, Gabriel? Um anjo? Assim como eu?

— Sou um destituído.

— Como assim?

— Isso não vem ao caso, Ângelo. Não é sobre mim que você quer saber.

— Certo. Então, como sabe que contei a Luiza sobre meus sentimentos?

Tamborilando os dedos no balcão, Gabriel olhou diretamente nos meus olhos.

— Suas asas estão douradas. Elas refletem sua alma. Não sei se Luiza comentou com você, mas elas tinham um tom acinzentado. Isso porque não se lembrava dos seus sentimentos por ela, por isso estavam cinzas, porque não havia amor em seu coração. Ou melhor, havia, mas você ainda não sabia.

— Isso tem a ver com a tal missão que preciso cumprir?

— Sim, é parte dela. E está feita. Você descobriu que a amava, em tão pouco tempo. Mostra a veracidade dos seus sentimentos.

— E o que preciso fazer agora? — perguntei aflito.

— Nós podemos te guiar, mas não interferir.

— Também está em missão? — Franzi a testa.

— Já te disse, sou um destituído. Não pertenço mais a hierarquia, mas ainda sou mensageiro quando solicitado. Você está em sua missão final, Miniél. Theliel pediu que te avisasse que o prazo está acabando. Sua provação está chegando ao fim.

— O que preciso fazer? Diga-me, porque eu não sei! Não me lembro de nada.

— Não se lembrar é a essência de tudo pelo que está passando. É tudo o que tenho permissão para dizer.

— Nem sei por onde começar — murmurei desolado.

— Você está no caminho certo, amigo. Siga o seu coração.

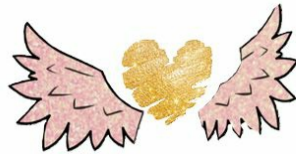
Antes que pudesse perguntar qualquer coisa, os passos no corredor me alertaram e assim que me virei, encontrei uma Luiza sorridente.

— Olá Gabriel! — cumprimentou com simpatia.

— Senhorita Luiza, é bom revê-la — respondeu-lhe formalmente.

Agarrando-se ao meu braço, Luiza me puxou em direção ao refeitório.

— Vamos Ângelo! Estou morrendo de fome.



CAPÍTULO *catorze*

“Se você vê estrelas demais
Lembre que o sonho não volta atrás
Chega perto e diz: "Anjo!"”

(Deborah Blando)

— O que houve?

Depois que conversamos no quarto, Ângelo me aguardou na recepção, enquanto levei nossas roupas para a lavanderia. Quando retornei, estava escorado no balcão, conversando com Gabriel e por um momento, tive receio. Ele já havia dado sinais de antipatia pelo moço da recepção, por acreditar que eu estava interessada nele. Mas ambos estavam calmos e não demonstravam nenhum sinal de discussão.

— Nada — respondeu secamente.

Meu corpo se retesou, imediatamente fiquei tensa.

— Nada é o cacete, Ângelo — sussurrei carrancuda, entredentes.

— Só estou com fome.

— Vamos comer, então. — Optei por deixar o que quer que fosse, passar. Não queria estragar nossa tarde juntos. Fiquei de levá-lo ao brechó da cidade para comprarmos algumas roupas. Almoçamos em silêncio, mas quase não comi, pois estava perdida em meus próprios pensamentos.

Quando saí de Bela Vista, não passava pela minha cabeça que eu poderia conhecer alguém especial e começar a ter sentimentos por ele. A verdade é que nunca parei para refletir em como eu conheceria a minha cara metade, em como seria quando me apaixonasse por alguém e tivesse reciprocidade. Talvez fosse por viver em uma cidadezinha onde conhecia praticamente todos os habitantes e nenhum deles parecia ser minha alma gêmea. Nenhum dos meus ex-namorados foi importante o suficiente para me fazer chorar pelo término, mas ali estava eu, receosa de que Ângelo estivesse decepcionado comigo por não ter dito que o amava, quando ele se declarou para mim. Em tão pouco tempo, todos os sentimentos que surgiram dentro do meu coração eram muito mais intensos do que qualquer paixãoite que tive na adolescência. Nem mesmo quando eu assumi para Jéssica que o meu amor por *Blake Shelton* estava me tirando noites de sono. Aquele amor platônico pelo ídolo *country* durou umas duas semanas ou três, mas quem nunca se apaixonou por um ídolo musical? Toda garota precisa sentir esse tipo de amor pelo menos uma vez na vida, para percebermos que se superamos a verdade de que as chances daquele amor ter sido correspondido eram quase nulas, tipo uma em cinco trilhões, nós estamos preparadas para superar qualquer babaca que partisse o nosso coração. Ao menos foi assim comigo.

Enfim, devaneios à parte, eu sabia que estava vivendo algo novo e muito especial.

Só estava com medo, afinal, ele era um ser celestial.

— Preciso de um tempo sozinho.

Estávamos subindo para o quarto e ainda não tínhamos trocado nenhuma palavra. Parei assim que alcancei o corredor, voltando-me para ele, impedindo que passasse a minha frente.

— Vai me deixar? — Ignorei o duplo sentido na pergunta.

Não estávamos em um relacionamento, para que me abandonasse. Mas tínhamos combinado de passar a tarde passeando pelo balneário e ele estava mudando os planos porque não queria a minha presença. Fiquei magoada e com medo de que se afastasse de mim de uma vez por todas. Se ele decidisse ir embora, não teria como exigir que ficasse, porque não tinha nada concreto para lhe oferecer. Eu mesma estava em busca de entender meu coração, então talvez fosse bom que nos separássemos por um tempo.

— Não é nada disso, Luiza — sua voz doce tentava me tranquilizar. — Aproveite essa tarde para fazer seu passeio, eu não serei uma boa companhia. Estou incomodado por não me recordar de nada, começando a me sentir frustrado por falta de respostas, quero ficar sozinho, espairer, tentar buscar em minha mente alguma lembrança, alguma pista de quem sou e o porquê vim parar aqui.

Voltei a caminhar pelo corredor, sem dizer nada. Ângelo me seguiu e somente quando entramos no quarto é que consegui dizer alguma coisa.

— Sinto muito, Ângelo — murmurei com a voz embargada. — Nos conhecemos em circunstâncias tão incomuns, e desde o início eu tenho tomado as rédeas do que você deve ou não fazer. Devia tê-lo levado ao hospital ou a uma delegacia, procurado saber se alguém estava te esperando ou comunicado o seu desaparecimento. Sequer verifiquei no local do acidente se você caiu de algum meio de transporte e já fui te enchendo de perguntas e elaborando teorias malucas...

— Luiza pare! — Segurou-me pelos ombros, tentando acalmar meu nervosismo. — Fez o que achava que era certo, nós dois sabemos que não sou uma pessoa comum. Tive sorte em ter sido encontrado por você, pois, acredito que nenhuma outra pessoa teria feito por mim o que fez.

— Mas eu não fiz nada...

— Você me salvou. Percebeu que eu era diferente e mesmo assim não se afastou, foi corajosa, lidou muito bem com a situação. Acolheu um homem estranho. — Riu. — Praticamente me adotou. Incluiu-me em suas férias, não teve medo quando viu minhas asas, acredita que eu sou um anjo e não me trata como uma aberração.

— Você não é uma aberração!

— Nós não sabemos o que eu sou, mas ainda assim, você me quer por perto.

— Ângelo, você é especial. Tá legal? E nós sabemos que você é um anjo.

— Você que é especial, Luiza.

Olhando para ele naquele instante, entendi que nossos caminhos se cruzaram por algum motivo. Eu estava no lugar errado e na hora errada? Talvez não. Eu poderia estar naquela rodovia porque tinha que ser assim, para que pudesse encontrá-lo.

Não sabia qual era a missão de Ângelo — ou Miniel — na Terra. Mas a minha missão era ajudá-lo no instante em que o encontrei caído no chão. De repente, o medo de não conseguir amá-lo como ele precisava, já não existia mais. Tive certeza em meu coração que poderia sim ser aquela que lhe daria amor incondicional. Era tão fácil amá-lo. Aconteceu tão repentinamente que

me amedrontou, porque quando se trata de relacionamento, as pessoas costumam reprimir seus sentimentos com medo de se machucarem, de criarem expectativas e partirem seus corações e, muitas vezes, deixam de se entregar a algo que pode ser verdadeiro com receio de estarem se precipitando.

Amor à primeira vista é uma ilusão? Eu acho que não. Talvez não percebemos no instante em que acontece, mas quando encontramos a pessoa certa, no primeiro olhar, já existe algo diferente. Pode levar tempo até que o sentimento real se desenvolva, mas sim, foi naquele primeiro instante que tudo começou, de modo sorrateiro, mas perspicaz, o destino ou qualquer que seja o nome, já havia providenciado o encontro de duas almas gêmeas. Foi o que aconteceu comigo e com Ângelo, por mais que eu tivesse medo de aceitar. Mas se eu enxergava suas asas e era a sua outra metade aqui na Terra, seria capaz de cultivar esse amor para fazê-lo crescer e se fortificar, bastasse que me dispusesse a fazê-lo.

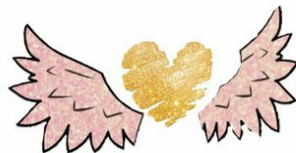
Eu estou disposta...

Sem qualquer aviso, levantei-me nas pontas dos pés para alcançar seus lábios. Ângelo percebeu minha intenção e facilitou, inclinando-se em minha direção. Segurando seu rosto entre minhas mãos, senti as suas em minha face também. Fechei meus olhos e me permiti esquecer de tudo a minha volta, iniciei o beijo que foi retribuído de imediato e aconteceu de forma lenta e cheia de ternura. Eu me sentia tão bem quando nos beijávamos, parecia que estava flutuando entre as nuvens. Uma descrição bem clichê em romances “água com açúcar”, contudo, verdadeira. Quando nos afastamos, o sorriso de Ângelo foi direto ao meu coração, enchendo-me de alegria e esperança.

Nós podemos fazer dar certo.

— Tenha o seu tempo sozinho, mas saiba que eu estarei te esperando. Nos encontramos aqui, mais tarde, sim?

— Combinado. — Depositou um beijo em minha testa.



Resolvi deixar a *pick-up* em frente a pousada e ir caminhando até o centro, assim poderia ir conhecendo o balneário. A Vila do Sol era um lugar pacato, talvez por não ser alta temporada, mas para mim era muito agradável que não estivesse abarrotada de pessoas, não estava acostumada a ver tanta gente.

Parei em uma praça, onde haviam algumas tendas de vendedores de artesanato, aproveitei para comprar alguns souvenirs, pensando em presentear Tiago e Jéssica, além de ter minha lembrança da viagem. Escolhi algumas peças feitas à mão, usando conchas como matéria-prima. Uma delas era um anjo, e pensando em Ângelo, acabei comprando sem titubear.

Retomando o passeio, tirei algumas fotografias em monumentos da cidade, visitei um museu da história do balneário e fiz algumas compras, inclusive, mais roupas para Ângelo. Sentei-me em um banco de concreto, abaixo da sombra de uma árvore, para descansar um pouco. Ouvi meu celular tocar e ao pegá-lo, dentro de minha bolsa, verifiquei que era Jéssica.

— Ei, eu ia te ligar daqui a pouco. — Era mesmo verdade, estava pensando em fazê-lo antes de retomar meu passeio.

— Conta outra! — Debochou minha amiga. — Eu pensei que me manteria informada sobre a sua viagem, mas nos falamos o quê? Uma ou duas vezes?

— Jess, não surta! Faz três dias que eu saí de Vila Bela. Como está o Pou?

— Ele está ótimo. Mas eu quero saber como você está.

Soltei uma lufada de ar.

— Ei, ei, ei. Conheço você, garota! O que foi que aconteceu, Lu?

Jéssica era minha melhor amiga e confidente. Eu precisava conversar com alguém que não fosse Gabriel, mas não sabia se poderia contar a ela sobre Ângelo ser um anjo. Talvez ela pensaria que fiquei maluca ou achasse que estava zoando. Mas ainda que ocultasse a parte sobrenatural da história, sentia que devia me abrir com ela sobre meus sentimentos recentemente descobertos.

— Conheci uma pessoa — comecei. — A verdade é que estou apaixonada, Jess.

Não houve uma reação imediata, o silêncio do outro lado da linha chegou a me fazer pensar que a ligação tinha caído, até que ela se pronunciou.

— Oh, meu Deus! — Parecia estar comemorando. — Não acredito que finalmente aconteceu! Que felicidade, amiga. Você encontrou o amor!

Franzi o cenho, intrigada com a reação de Jéssica.

— Espere, você não acha que eu estou louca?

— Por que eu pensaria isso de você, Lu?

— Porque eu saí de casa tem menos de uma semana e estou te contando que me apaixonei. Você não acha que é cedo demais? Que eu nem conheço o cara direito? Que ele só está interessado em me levar para cama ou que eu não deveria me iludir com uma paixonite de férias? — Falei quase sem respirar. — É isso que as amigas fazem, Jess. Tentam colocar juízo na cabeça uma das outras.

Ouvi sua risada do outro lado da linha.

— Que bobagem! Por que eu faria isso, conhecendo você como conheço? — Parou de rir. — Luiza, você tem vinte e cinco anos e nunca te ouvi dizer que estava apaixonada por alguém. Os homens de Vila Bela bem que tentaram fisgar o seu coraçãozinho, mas você nunca esteve aberta ao amor, minha querida. A sua vida é trabalho e o Pou, desde que perdeu seus pais. Tudo o que eu mais quero é a sua felicidade, e se está me dizendo que se apaixonou, que se dane

se faz poucos dias! Não me contaria se não tivesse certeza do que sente por essa pessoa. Então, o que me resta é ficar feliz por você e dizer que preciso que me envie uma foto do “boy magia”. Porque tenho certeza que ele deve ser um tremendo gato!

— Amiga, você não existe! — Sorri, emocionada.

Eu não tinha mais dúvidas quanto ao que sentia por Ângelo. Só não imaginava que minha amiga receberia tão bem a notícia, fiquei surpresa, mas feliz por ela me apoiar. Jéssica era a irmã que eu não tive, tê-la ao meu lado, me apoiando, era muito importante para mim.

— O que eu quero saber é se você vai voltar pra casa. Não está pensando em abandonar o Pou comigo, está? Não que eu tenha algum problema em adotá-lo, mas poxa, vou sentir muito a sua falta se decidir ir embora de Vila Bela, para viver com o seu príncipe encantado.

— Claro que não! — Alterei o tom de voz. — De onde você tirou isso, Jess? Minha vida é em Vila Bela. Não pretendo me mudar.

— Isso significa que o seu bonitão vem morar aqui?

Engoli em seco. A verdade é que eu ainda não tinha pensado tão à frente. Como seriam as coisas depois das minhas férias?

— Não sei dizer. — Fui sincera. — Ângelo precisa resolver algumas pendências, antes de tomarmos qualquer decisão sobre o futuro. Mas tudo o que penso agora é em aproveitar os momentos ao seu lado, pois cada um deles é especial.

— Então o dito cujo se chama Ângelo! Gostei. Quero fotos, Lu!

De repente, senti que estava sendo observada e ao me virar para o lado, vi que Ângelo estava se aproximando. Sorri para ele que acenou.

— Depois eu te envio, ok? Agora preciso desligar.

— Tudo bem, amiga. Aproveite cada segundo, ouviu bem? E tire qualquer neura da sua cabeça, não tenha medo de admitir seus sentimentos.

Era tão bom ouvir aquilo em voz alta, principalmente vindo de alguém como Jéssica. Uma amiga que se preocupava comigo de verdade.

— Obrigada, Jess. Eu amo você!

— Também te amo, ruivinha. Agora vai lá e trate de ser feliz. Tchauzinho.

Guardei o celular na bolsa e aguardei por Ângelo. Ele se sentou ao meu lado no banco e reparou nas sacolas que eu segurava.

— Vejo que aproveitou bem a sua tarde.

— Vejo que você não quer mais ficar sozinho. — Dei uma piscadela para ele. — Como me achou?

Ele franziu o cenho e pareceu refletir sobre a minha pergunta.

— Eu poderia dizer que foi por acaso, que não estava procurando por você. Mas estaria mentindo se o fizesse. Estive na praia, caminhando pela beira-mar. Senti sua falta. Então decidi te procurar e simplesmente cheguei aqui, senti sua presença por perto. Isso faz algum sentido?

— Isso é bom. — Entrelacei minha mão na sua, apoiando-as em uma de minhas pernas. — Espero que você seja sempre capaz de me encontrar, quando estivermos longe um do outro.

— Prefiro não sair de perto. — Fitou-me direto nos olhos. — Ficar sozinho só me fez perceber que a sua presença é o que ilumina o meu dia.

— Eu também senti sua falta. — Não esconderia mais os meus sentimentos.

Permanecemos em silêncio, ambos reparando em nossas mãos unidas. Era um gesto tão simples, mas ao mesmo tempo tão significativo. Demonstrava afeto, confiança, vontade de querer estar perto, de caminhar lado a lado.

— O comércio ainda está aberto. Podemos ir naquele brechó que te falei, o que acha? — sugeri.

— Vamos lá.

Ainda de mãos dadas, caminhamos sem pressa. Encarei nossas mãos unidas, ele me olhou e sorriu, como uma criança feliz por ter ganhado um pacote de balas sortidas. Retribuí o sorriso e mantivemos nossas mãos entrelaçadas até chegarmos ao estabelecimento da Dona Bia, a dona do brechó. Entramos no pequeno casebre, e comecei a garimpar por peças femininas que me agradassem. Separei dois vestidos com estampa floral e um azul sem nenhuma estampa. A grande dificuldade em um brechó é encontrar uma peça que agrade e ao mesmo tempo te sirva. Eu tinha estatura mediana, um metro e setenta de altura e manequim trinta e oito. Nem sempre tinha sorte com as roupas que me agradavam, mas às vezes encontrava alguma que valia a pena.

— Vou prová-los — disse sorrindo para Ângelo, que aguardava pacientemente, sentado em uma velha poltrona nos fundos da loja.

A vendedora era uma senhora em torno dos setenta anos — não estava muito “conservada”, mas era simpaticíssima e muito animada —, atendia-me com bastante atenção e me ajudou a selecionar os vestidos que tanto gostei. Um deles era de algodão azul, minha cor favorita. O detalhe nas costas foi o que me encantou: um corte em formato de coração, deixava à mostra uma parte das minhas costas. O comprimento era pouco abaixo do joelho, em uma saia godê, vintage. Serviu-me como uma luva, encaixando-se perfeitamente em meu corpo. Assim que me olhei no espelho do provador, encantei-me por aquela peça, havia sido um verdadeiro achado. Saí do provador e dei a famosa “voltinha” para que Ângelo desse sua opinião masculina.

— Se eu já não estivesse apaixonado por você, teria acontecido nesse instante. Você está incrível.

Ele tinha o poder de me deixar sem palavras, de por alguns segundos não ter resposta para tudo, de não saber como reagir a qualquer um de seus elogios, de não controlar o rubor que me subia a face sempre que me deixava encabulada. Juro que tentei dar de ombros, mas como seria possível? Aquele homem se declarava mais uma vez. Meu coração não conseguia ocultar a

alegria que sentia, sempre que ouvia algo tão carinhoso da parte dele.

— Ângelo, você é um anjinho — brinquei, tentando descontraí-lo entre nós. — Ficarei com esse, eu amei demais — comentei, voltando-me para Dona Bia e fugindo dos profundos olhos azuis que teimavam em me idolatrar naquele vestido.

— Vai provar o outro? — Dona Bia quis saber.

Achei melhor não provar, o primeiro vestido era tão lindo e havia me servido perfeitamente, mas não podia gastar demais e não gostaria de ficar na dúvida caso gostasse do segundo vestido também. Além disso, queria comprar mais roupas para Ângelo e quanto menos eu gastasse comigo, mais poderia gastar com ele.

— Não, Dona Bia. Ficarei apenas com este, então não provarei o outro, assim não fico com dúvida de qual escolher. — Encarei Ângelo que continuava sentado. — Vamos procurar algumas roupas para você. Pensei em algo mais elegante, como calça e camisa social, algum jeans também. — Achei graça ao vê-lo revirar os olhos.

— Mas estamos em uma praia — murmurou contrariado.

Entrei no provador para tirar meu vestido, mas continuei falando.

— Quero sair hoje à noite, podemos jantar em algum restaurante e depois conhecer o mirante, no alto do morro. A camareira da pousada comentou comigo que a vista de lá é incrível.

— Você está me convidando para sair? — perguntou, com uma voz esperançosa.

Atrapalhei-me na hora de tirar o vestido e demorei um tempo para responder. Assim que consegui tirá-lo, coloquei minha cabeça entre a cortina do provador para vê-lo.

— Você é meu companheiro de viagem, certo? Não vou a lugar algum sem você. — Sabendo o quanto fui evasiva, voltei para dentro do provador e tratei de vestir minhas roupas.

Ângelo retomou seu silêncio, mas juntos reviramos algumas peças na bancada, em busca de roupas que pudessem servir para ele. Encontrei uma calça social preta, com detalhe em risca de giz, belíssima. Aparentemente era do tamanho ideal, deixei separado enquanto procurava uma camisa bonita. Não demorou muito para encontrar uma linda camisa preta, da *Ralph Lauren*, imaginei que o preço seria uma facada no coração, mas fiquei contente por constatar, ao ver a etiqueta, que custava muito barato. Talvez a Dona Bia não estivesse familiarizada com o preço das camisas de grife.

— Gostaria muito que provasse essas roupas. Acho que servirão perfeitamente em você.

Ele concordou e as tomou para si, indo até o provador. Enquanto se trocava, sentei-me na mesma poltrona onde Ângelo esteve anteriormente. Pensei em minha conversa com Jéssica, sobre como seria depois que minhas férias terminassem.

Será que até lá ele terá recuperado sua memória? Será que aceitaria ir para Vila Bela comigo se eu o convidasse? Qual será sua missão aqui na Terra? Como será quando descobrir sobre o sacrifício que precisa ser feito para que possamos ficar juntos? Será que ao recuperar a memória, ele ainda vai me amar? Vai querer abdicar de suas asas e viver como humano,

dependente do meu amor incondicional?

Será, será, será. Eram tantas as perguntas e muito medo das respostas.

Talvez eu devesse abrir o jogo com ele e contar sobre minha conversa com Gabriel, falar das descobertas que havia feito com um anjo destituído, e juntos decidirmos como seguir adiante. Mas ainda não tinha aberto meu coração para ele, não declarei meus sentimentos, apenas lhe dei a entender.

Eu o queria tão bem, precisava me abrir com ele, ser sincera sobre a reciprocidade do que sentia.

Distraída, assustei-me quando Ângelo abriu a cortina do provador. O susto deu lugar a perplexidade, quando me deparei com o homem mais lindo que já vi na vida. Mordi o lábio inferior sem me dar conta, como se estivesse apreciando um delicioso bife à parmegiana. Podia até não ser um pedaço de carne, mas que estava um pedaço de mal caminho, ah! Isso estava. A calça serviu-lhe perfeitamente, deixando suas pernas bem torneadas em evidência, mas não de modo que ficasse apertado, tudo estava sob medida. A camisa com as mangas dobradas até o cotovelo, dava um ar despojado ao seu visual, mas os braços fortes ficavam bem delineados e alguns botões abertos deixavam seu tórax à vista.

Incrível.

Lindo.

Maravilhoso.

A perfeição humana!

Ou melhor, a perfeição angelical diante dos meus olhos.

— Eu poderia me apaixonar por você nesse exato momento!

Era para ter sido um pensamento, mas quando me dei conta já estava pronunciando a frase em voz alta.



CAPÍTULO *quinte*

“Mas é só te ver
Pra enlouquecer
Faço tudo que você quer
Vou me arrepender depois
Mas eu não resisto a nós dois”

(Wanessa)

Eu e minha boca grande. Onde estava com a cabeça?

Ele dirigiu-me um sorriso e retornou ao provador, sem comentar a respeito. Continuamos escolhendo mais roupas, que ele provou sem me mostrar. Acho que o clima entre nós ficou um pouco estranho depois do meu comentário. Saímos em silêncio do brechó e caminhamos sem pressa até a pousada. Quando chegamos, fui até a lavanderia para que a camareira lavasse as roupas que eu havia comprado. Ao chegar no quarto, não encontrei Ângelo. Procurei pelos cômodos, mas nem sinal dele. Engoli um soluço de angústia, fechei os olhos e respirei fundo, dizendo a mim mesma que ele não havia me abandonado. Sentei-me na cama e me joguei para trás, deixando a maciez do colchão relaxar meu corpo.

Era para ser férias divertidas, eu passearia de carro por cidades aleatórias, dormiria em motéis, conheceria o mar, fotografaria pontos turísticos, comeria comidas exóticas e voltaria para minha cidade com três quilos a mais e um bronzeado magnífico. Estava tudo perfeitamente planejado, mas em algum momento tudo se perdeu no caminho.

Três dias.

Três malditos dias.

Como é possível uma pessoa se apaixonar em tão pouco tempo?

Eu sabia que tinha acontecido comigo, já estava impossível negar o óbvio. O sentimento de perda ao não encontrar Ângelo no quarto, foi apenas um dos pequenos sinais, seu olhar triste e ao mesmo tempo esperançoso, quando pensou que eu o estava chamando para um encontro e eu desconversei, me fez sentir a pior das pessoas.

Uma medrosa.

Uma covarde.

Normalmente não seria assim, jamais gostei de enrolação, sempre fui sensata.

Em um piscar de olhos, visualizei meus pais diante de mim, estávamos em uma gigantesca plantação de girassóis, o campo estava infinitamente preenchido pelas flores amarelas e escandalosamente lindas. Ao centro, estavam meus pais, eu me encontrava longe, mas tinha vista privilegiada. Talvez fosse parte do sonho, estar em uma área VIP como a única espectadora daquela história de amor. Seus corpos só podiam ser vistos da cintura para cima, estavam de frente um para o outro, abraçados e felizes. Ambos usavam branco. Minha mãe parecia usar um vestido, meu pai uma camisa. Sorriam incansavelmente fitavam-se com um brilho magnífico nos olhos. Amor. Quando papai tocou o cabelo de minha mãe, colocando uma mecha rebelde para atrás de sua orelha, meu coração se derreteu em ternura. Lembrava-me perfeitamente de quando ele fazia aquilo com ela, tinha o mesmo hábito comigo. Nossos cabelos ruivos eram de um tom de ferrugem, nossa pele clara com pequenas sardas na bochecha, os lábios levemente rosados, os olhos verdes. Eu era a descrição perfeita de minha mãe. Sua imagem e semelhança. Eles não falavam nada um ao outro, apenas sorriam e se mantinham abraçados. Ao longe, no céu, observei um movimento. Parecia um pássaro se aproximando com pressa. Mas não se tratava de um pássaro. Era uma pessoa. Uma pessoa com asas. Lindas asas em tom dourado.

— Um anjo...

Mas não era qualquer anjo, era Ângelo. Ele voava em direção aos meus pais, sorrindo e com aquele mesmo olhar profundo que dirigia a mim. Quando parou, ainda flutuando no ar, percebi algo estranho: Minha mãe estava segurando um bebê. Ela e meu pai estavam radiantes de felicidade, admirando a pequena criança, uma menina, constatei pelo vestido branco e uma delicada tiara de pérolas em sua cabeça. Seria eu? Imaginei que sim. Os cabelos ruivos, as sardas visíveis em sua bochecha rosada. Sim! Era eu!

Mas porque a aparência de Ângelo continuava a mesma, se eu ainda era um bebê?

A vista privilegiada do sonho, me permitiu ver o momento em que minha mãe colocava a bebezinha — supostamente eu — nos braços do anjo. Ele a olhava com verdadeira adoração, seus olhos azuis brilhando com uma intensidade jamais vista por mim, até aquele momento. Mesmo que eu amasse a maneira como ele me olhava desde que nos conhecemos, era perceptível a diferença, parecia ainda mais intenso, carregado de emoções, que o Ângelo que eu conhecia não demonstrava, ou talvez não recordasse sentir. O que havia de diferente? Por que as coisas pareciam se complicar cada vez mais? Eu queria respostas. Necessitava delas. Talvez Ângelo estivesse certo sobre a sensação de já me conhecer antes do atropelamento, eu só precisava descobrir as circunstâncias reais.

Acordei atordoada pelo sonho que tive, o corpo suado e a respiração pesada. Abri os olhos preguiçosamente e sentei, chamei por Ângelo, mas ainda não havia retornado. Passei minhas mãos pelo rosto e esperei alguns minutos antes de levantar e ir até o banheiro. Somente após lavar o rosto e escovar os dentes, senti meu corpo acordando novamente para o mundo real. Encarei rapidamente meu reflexo no espelho e ajeitei meus cabelos desgrehados, com os dedos. Desci para a recepção e encontrei uma moça loira, na mesma posição e cara de tédio que Gabriel costumava ficar. Desde que chegara à pousada, não havia visto ninguém diferente por ali.

— Boa tarde, senhorita — cumprimentei, aproximando-me do balcão.

— Boa tarde! — Retribui meu cumprimento com animosidade, mudando a expressão de tédio para receptiva em questão de segundos. — Sou Bety, a recepcionista. Em que posso ajudá-la?

— Gabriel está por aqui?

— Não, senhora — respondeu desconfiada. — Ele só retorna depois de amanhã, está de folga.

— Tudo bem.

— Desculpe-me a intromissão, mas ele não está assediando a senhora, está?

— Mas é claro que não! — Arregalei meus olhos, assustada com a pergunta indiscreta que a tal Bety acabara de me fazer.

— Perdão, não quis ser indiscreta, mas Gabriel gosta de flertar com as hóspedes e minha mãe, a dona da pousada, já o alertou sobre isso. — Ela pareceu aliviada e satisfeita com minha resposta.

— Fique tranquila, Gabriel tem sido muito educado e prestativo. Fizemos amizade, mas nada além disso. — Sorri.

— Acredito em você, mais uma vez me desculpe.

— Tudo bem.

Com o sumiço sem aviso de Ângelo, decidi continuar passeando pela Vila do Sol, mais uma vez a pé. Já era fim de tarde e o procurei entre as poucas pessoas que passavam por mim, mas não o encontrei. Caminhei pela praça e me sentei no mesmo banco que nos encontramos naquela mesma tarde.

Por que será que ele saiu sem me avisar?

Era incrível como ele havia se tornado necessário em minha vida. Como se os poucos dias fossem longos anos. Sua presença me transmitindo paz, me fazendo feliz apenas por estar ao meu lado conversando, rindo, criando teorias malucas sobre sua verdadeira origem. Nossa conexão aconteceu de forma tão espontânea. E quando ficávamos longe um do outro, eu sentia uma saudade absurda, como naquele exato momento, onde além de sua falta, eu também me sentia preocupada.

— Ei, gatinha! — Uma voz conhecida se fez ouvir, tão próximo que me assustei. Era Gabriel, sentando-se ao meu lado. Estava tão aturdida em meus pensamentos que não o vi chegar.

— Soube que está de folga — comentei para puxar assunto.

— Não há muito o que fazer por aqui, é baixa temporada e as coisas estão meio paradas.

— As “coisas” a que você se refere, são as mulheres?

— Não posso flertar com as clientes da pousada, minha chefe me repreendeu e temo pelo meu emprego. Prefiro não arriscar. Mas nessa época do ano, sofro com a falta de movimentação na cidade. — Dirigiu-me um sorriso malicioso.

— Nunca pensou em sair daqui? Conhecer lugares novos? Talvez uma cidade maior e com mais oportunidades?

— Nunca saí daqui. Quero dizer, depois que fui destituído. Deixaram-me na Vila do Sol e desde então permaneço aqui. Tornei-me um humano medroso.

— Do que tem medo? — Franzir a testa e o encarei curiosa.

— Da morte. Cidades grande têm seus perigos e já não sou imune. *Me machuco, adoço, envelheço* e um dia morrerei. É como ser milionário e de um dia para o outro se tornar um miserável, você tem tudo e se acostuma àquele padrão, então a roda da fortuna gira e você já não é mais o todo poderoso. Entende? Não posso me dar ao luxo de mais nada. Só quero preservar minha vida o máximo que conseguir. Vila do Sol é um bom lugar, tem sossego e mulheres bonitas de vez em quando, posso esperá-las aparecer.

— Essa sua filosofia de vida é bem covarde.

— Quem é você para falar de covardia? Você se nega a aceitar que o amor finalmente encontrou você.

— Não sei do que está falando — neguei, na maior cara de pau.

Gabriel colocou um dos braços em volta dos meus ombros, deixando-me tensa.

— Relaxe Luiza. Sou seu amigo.

— Eu já admiti para mim mesma que estou apaixonada. — Relaxe, permitindo que ele continuasse me abraçando.

— Eu sabia! — Pareceu feliz. — Isso é muito bom.

— Não há o que comemorar — murmurei, desanimada.

— Por que não? Ângelo ama você.

— Mas eu ainda não disse a ele o que sinto.

— Por que não? Está apenas perdendo tempo.

Soltei uma lufada de ar.

— Ele está sem memórias, não sabe sobre abdicar de suas asas para depender do meu amor incondicional. Mas ainda assim, eu me sinto preparada para amá-lo da forma que ele merece.

— Não funciona assim, Luiza.

— Como é que o amor funciona, então?

— Eu não acredito que seja possível entender, nunca amei ninguém.

— Oh sim, belo conselheiro eu fui arrumar!

— O fato de nunca ter amado, não significa que não acredito no amor. Esse é o ponto principal, você não pode sentir algo que não acredita. Embora nunca tenha encontrado o amor, sei que ele existe e que talvez um dia ele venha ao meu encontro. Espero por isso, com paciência e preguiça, é verdade. Mas pode ser que eu tenha sorte algum dia.

— E se a sua alma gêmea estiver fazendo o mesmo? Vocês jamais vão se encontrar.

— Tem razão, sou covarde. Mas não é de mim que estamos falando. Você sabe que é a alma gêmea de Ângelo, eu te disse isso. Foi um grande erro porque eu não deveria ter interferido. Onde ele está agora? — Ele desfez o abraço.

— Não sei, acho que está chateado comigo. — Contei a ele sobre o que aconteceu no brechó.

— Por que tem medo de assumir o que sente? Não basta admitir para si mesma ou me contar que está preparada para amá-lo incondicionalmente, se o mais importante que é você dizer isso a ele, você não faz. Qual é o seu problema?

— Eu quero amá-lo! — Elevei o tom de voz, frustrada com toda a confusão de sentimentos que havia dentro de mim. — Mas depois do que me contou sobre o sacrifício dos anjos, tenho medo. Já não se trata sobre ter dúvidas quanto ao amor que sinto, mas ter que impor a ele uma escolha, quando Ângelo não se recorda da própria existência. E se, mesmo me amando, ele priorizar sua missão como anjo? Com a perda de memória, não há como saber o que sente a respeito da sua verdadeira natureza.

— Eu te disse que o caso dele é diferente. — Gabriel começou a andar de um lado para o outro, agitado. — Miniél não é como eu.

— Eu sei, você é um destituído...

— Não é isso, Luiza! — Parecia frustrado. — Não posso interferir, droga!

— Eu só quero saber o que fazer. Levantei-me do banco, nervosa. — Gostaria que Ângelo pudesse se lembrar de tudo, ao menos conhecendo as consequências, poderíamos juntos decidir o que fazer.

— Ele não se lembrar faz parte da missão.

— Mas que raio de missão é essa? Por que você sabe sobre isso e ele não?

Gabriel ficou um tempo em silêncio, antes de dizer:

— Você viu a medalha dele?

— Sim, tem um nome escrito em um lado e uma flecha com um coração na ponta, do outro.

— Miniél é o verdadeiro nome do seu Ângelo.

— E a flecha?

— A flecha representa a hierarquia dele.

— Hierarquia?

— Sim. Os anjos são distintos por hierarquias. Cada hierarquia é liderada por seu príncipe e cada uma tem sua função específica. Eu, por exemplo, pertencia a hierarquia dos mensageiros. Minha missão era transmitir boas notícias aos humanos, através de sonhos.

— E o Ângelo?

— Miniél é um anjo de uma das hierarquias mais importantes de nossa espécie.

— Pare de me enrolar e desembucha de uma vez!

— Ele pertence a hierarquia do amor.

— E o que isso significa?

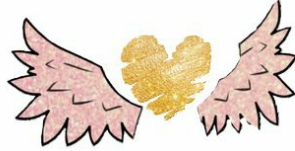
Ele soltou uma gargalhada.

— Miniél induz o amor nas pessoas, Luiza. Uma flecha com o coração na ponta. Isso não

te diz nada?

— Não entendo — balancei a cabeça, frustrada.

— Ele é um Cupido.



CAPÍTULO *dezeze*

“Sem você meu rádio fica mudo,
Minha TV fica sem cor,
Meu violão fica sem som,
Sem você meu corpo não reflete mais no espelho,
Minha casa cai,
Sem você eu perco o chão”

(Luka)

Não bastasse eu ter me apaixonando por um anjo, ele tinha que ser um Cupido!

Sentei-me no banco novamente, temendo que o chão fosse sair do lugar a qualquer instante e um buraco negro me engolissem para outra dimensão.

— Como isso funciona? — quis saber. — Ele sai por aí flechando as pessoas, fazendo-as se apaixonar umas pelas outras? Ele escolhe quem se apaixona por quem, é isso?

— Os anjos do amor induzem as pessoas a amar. Mas eles não escolhem seus parceiros, seria intervenção ao livre arbítrio. Os seres humanos são livres para fazerem suas escolhas. Anjos podem nos guiar, mas não interferir. Esse é o lema. Cada pessoa nesse planeta possui uma alma gêmea. Em algum momento na vida de um humano, um cupido é designado para induzi-lo ao amor. Todo ser humano nasce com o sentimento do amor dentro de si, a missão de um Cupido é despertá-lo. A flecha funciona como um aviso, tipo: “Ei, acorda! Está na hora de você amar alguém.” — Sentou-se ao meu lado novamente.

— Não sei o que dizer.

— Os anjos não deveriam se apaixonar pelos humanos, Luiza. Vai contra a lei de sua natureza. Eles são guias, existem para acompanhar a evolução da humanidade, auxiliar o desenvolvimento, mas de forma oculta. Não podem conviver como iguais. Não adoecem, não envelhecem, não procriam, nem morrem. Mas inexplicavelmente, possuem uma alma gêmea na Terra, e em algum momento de suas longas vindas, podem ter a sorte de encontrá-la. Por isso abdicam das asas, é preciso se tornar humano para viver com uma humana.

— Por isso essa coisa de sacrifício?

— Sim. As asas de um anjo podem ser comparadas ao coração humano. Sem um coração, nós humanos morreremos. Certo?

Assenti.

— Anjos sem asas perdem sua essência. O amor substitui essa essência. Mas precisa ser uma fonte de energia constante, infinita.

— É isso que não entendo! Por quê?

— Já imaginou se todos os anjos resolvessem abdicar de suas asas, para se tornarem humanos apenas pelo sexo, sem que o encontro entre almas gêmeas fosse importante, só uma possibilidade? Uma espécie inteira sendo extinta apenas por vaidade? Para tudo existe um equilíbrio, se isso acontecesse, o caos se instalaria no Universo. Vai muito além da sua e da minha compreensão. Anjos não foram criados para viverem como humanos. Para um anjo estar disposto a esse sacrifício, significa que seus sentimentos são verdadeiros, não apenas um capricho. Eles podem vir a Terra, de vez em quando, e se envolverem sexualmente com uma humana, muitos fazem isso por curiosidade, luxúria. Mas não podem se expor. Nenhum anjo deve permanecer neste mundo mais tempo do que sua missão.

— Foi o que você fez.

— Sim, e veja o que me aconteceu.

Gabriel estava certo. Era algo muito além do que jamais poderia imaginar. Meu corpo tremia e tentei manter a calma. Estávamos conversando sobre um assunto delicado, em plena praça pública. Qualquer um que passasse por ali poderia nos ouvir.

— Obrigada pelo esclarecimento. Você disse que não tinha autorização para me contar nada. O que vai acontecer? Certamente estão cientes sobre você e sua língua grande. — Levantei-me.

— Calma aí, garota! Eu cuido disso, ok?

— Não quero te encrencar.

— Está tudo sob controle, Luiza. Você não me obrigou a dizer nada. Minha escolha, minha consequência.

— O que quer dizer com isso? — Franzi a testa.

— Não tem importância. Preste atenção. — Levantou-se e se aproximou de mim, colocando suas mãos em meus ombros. — Eu te disse que Ângelo era diferente. A hierarquia dele é uma das mais nobres da espécie. Cupidos são seres encantadores por natureza, refletem o amor em seus olhos e despertam o amor apenas com um sorriso. Eles podem se misturar entre os humanos, sem serem descobertos, ao contrário dos anjos de outras hierarquias. É assim que conseguem flechar os humanos. Alguns se aproveitam dessa vantagem para se envolver com as mulheres, é fácil fazê-las se apaixonarem. Mas apesar de despertarem o amor, são seres que não amam nada além da própria missão.

— Está me dizendo que Ângelo esteve me seduzindo esse tempo todo? Que meus sentimentos por ele foram induzidos pelo encanto do Cupido? — Senti a raiva tomando conta de mim.

Gabriel balançou a cabeça, negativamente. Adotou uma expressão séria.

— Não, Luiza. Em toda a minha vida de anjo, jamais presenciei um Cupido se apaixonar... até, Miniél.

— Como você sabe? — perguntei desconfiada.

— Ele não enxerga as próprias asas, não está se escondendo entre os humanos, está perdido. Miniél não sabe quem é. Não sabe o que é. Tudo o que você sente por ele, Luiza, vem do seu livre arbítrio. Ele não tem o poder de te induzir a nada.

— Por que ele não se lembra? — perguntei ansiosa. — A queda foi feia, confesso. Mas ele se curou rapidamente dos ferimentos, por que não aconteceu o mesmo com sua memória?

— Essa é a parte que não posso falar, faz parte da missão.

Porcaria de missão!

— É tudo tão confuso... Posso contar a ele?

— Não! — O grito de Gabriel continha uma mistura de medo com ansiedade. — Não devia ter contado nada sobre o mundo dos anjos. Você é apenas uma humana. Serei punido pela minha ousadia, mas precisava te incentivar a não desistir de Miniel.

— Eu não vou desistir, Gabriel. Eu só quero encontrar um meio de resolver tudo.

— Você não faz ideia do tamanho do amor que ele sente por você. Dê uma chance, Luiza. O amor te encontrou, lute por ele.

— E a missão?

— Tudo vai se resolver, só não desista. — A expressão de Gabriel se tornou triste de repente. Olhando de um lado para o outro, desconfiado, como se alguém o estivesse vigiando, tomou-me em um forte abraço. Retribuí o gesto, mesmo conhecendo muito pouco dele, já o considerava um bom amigo. Sem sua ajuda, eu provavelmente estaria às escuras e com medo de assumir o que sentia por Ângelo.

— Preciso ir, acredito que não tornaremos a nos encontrar — sussurrou em meu ouvido.

— Mas...

— Shhh — interrompeu-me, mantendo-me ainda em seu abraço. — Você está certa sobre mim, Luiza. Sou um covarde. Mas se você está disposta a lutar pelo seu amor, estou disposto a procurar pelo meu.

— Está indo embora! Para onde você vai? — Afastei-me ligeiramente e o encarei.

— Para onde o meu coração me guiar — respondeu com um sorriso enigmático.

— Boa sorte. — O abracei uma última vez, despedindo-me. — Obrigada por tudo.

— Seja forte, Luiza. Sua jornada está apenas começando.

— A sua também. Adeus. — Engoli em seco e lhe dei um sorriso complacente.

Andei às pressas até a pousada. Já havia escurecido e precisava saber se Ângelo estava de volta. Entrei no hall de entrada e avistei Bety na recepção. Ela sorriu assim que me viu e colocou uma sacola grande, de papel, em cima do balcão.

— Suas roupas estão prontas, senhora.

Abri a sacola e conferi as peças para ver se todas estavam ali. Senti falta da calça e camisa que havia comprado para Ângelo. Franzi a testa.

— Estão faltando duas peças, será que ainda estão molhadas?

— Temos secadora, acredito que todas estão aí, mas o seu marido pegou uma calça e uma camisa. — Bety sorriu com simpatia.

— Por que não levou as outras? — perguntei confusa, ignorando o fato de ela ter mencionado Ângelo como meu marido.

— Não sei dizer, senhora. — Aproximou-se, e sussurrou: — Mas desceu todo arrumado.

Parecia um príncipe. Pediu-me para avisá-la que estava lhe aguardando no mirante, no alto do morro.

— No mirante? — Desconfiei.

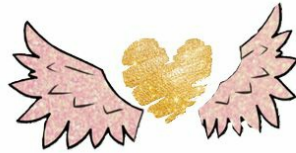
— Sim! Também que usasse o vestido azul.

— Há quanto tempo foi isso?

— Meia hora depois que a senhorita saiu.

— Obrigada, Bety. — Peguei a sacola e as chaves e subi a escada em direção ao meu quarto.

O que estava acontecendo? Por que Ângelo havia desaparecido daquele jeito? Por que me encontrar no mirante, quando eu o havia convidado para jantar antes de irmos até lá? Perguntas, perguntas e mais perguntas. Será que em algum momento eu finalmente teria as respostas que tanto procurava?



CAPÍTULO *dezevete*

“Eu gosto de tudo, tudo o que traz você aqui
Eu gosto do nada, nada que te leve para longe
Eu amo a demora sempre que o nosso beijo é longo”

(Adriana Calcanhotto)

Assim que estacionei a *pick-up*, senti meu coração se acelerar ainda mais. Sempre fui ansiosa e isso me afetava bastante, seja com o desejo súbito de devorar doces ou até mesmo a falta de sono. Mas aquela ansiedade que tomava conta de mim naquele momento, era bastante diferente de tudo o que já havia sentido. Já não era possível negar meu amor por Ângelo, muito menos explicar como aconteceu de forma tão rápida. Contudo, decidi aceitá-lo ao invés de tentar escondê-lo ou negá-lo. Não é errado ter dúvidas, mas quando se tem a certeza, fugir ou fingir não é uma escolha sensata. A vida trata de nos colocar frente a frente com nossas decisões, não é algo que possamos simplesmente deixar para trás. Tudo bem que meu coração estava quase saindo pela boca, principalmente quando avistei pequenas luzes se movendo no chão. Eram velas acesas dentro de potes de vidro e estavam espalhadas em volta de uma toalha xadrez. Não fazia a menor ideia de como Ângelo conseguira montar tudo aquilo, muito menos de como chegara até o mirante sozinho.

Respirei fundo mais uma vez, me olhei no espelho retrovisor para ter certeza que meu cabelo estava em perfeito estado, pois havia feito uma trança em mim mesma, seguindo um tutorial da internet. Não passei nenhum tipo de maquiagem, meu machucado da testa já não doía, mas coloquei um pequeno *Band-Aid* para disfarçar. Não vi Ângelo de imediato, fiquei pensando em onde ele poderia ter ido. O mirante estava vazio, embora todos indicassem aquele local como o ponto turístico mais movimentado da Vila do Sol, além da praia. A vista parecia bonita, não consegui ver muita coisa de dentro do carro, apenas pontinhos de luzes que indicavam as casinhas da vila, lá embaixo. Árvores espalhadas, a grama raseira, latas de lixo reciclável, cada cor indicando um tipo de material. Postes de luz estrategicamente posicionados iluminavam o local, a ponto de não ser perigoso, mas sem estragar a beleza da vista. A penumbra deixava tudo com um ar místico, bastava caminhar por ali e sentir que aquele lugar era, de certa forma, especial. Abri a porta do carro e desci, acionando o alarme em seguida. Caminhei a passos lentos até a pequena toalha, que reconheci ser a mesma que usamos no piquenique debaixo de uma árvore, no dia anterior. Coincidência ou não, estava tudo arrumado debaixo de outra árvore. Reconheci meu *cooler*, além de um pequeno balde de metal, com gelo e uma garrafa de espumante. Duas taças de vidro, uma cesta de vime com uvas e pétalas de rosa espalhadas por cima da toalha. Mas nenhum sinal de Ângelo.

— Boa noite. — O som de sua voz finalmente se fez presente e me virei para me deslumbrar por sua aparência.

Eu já o tinha visto com aquela roupa antes, no provador da loja. Mas ele estava ainda mais incrível. As roupas não estavam amarrotadas, haviam sido passadas e estavam perfeitamente alinhadas ao seu corpo. Olhei-o da cabeça aos pés, reparando seus cabelos penteados para trás e o par de...

— Sapatos! — exclamei, pega de surpresa. — Como conseguiu?

— Dona Bia, ela me deu. — Ângelo se aproximou e seu sorriso era iluminado. — Enquanto estava no provador, a dona do brechó e eu conversamos um pouco, ela me pediu ajuda para arrastar alguns móveis da casa dela, que pretendia mudar de lugar. Como eu estava com a cabeça cheia, precisava espalhar e aquilo me pareceu oportuno. Passei o restante da tarde

ajudando-a e acabei contando a ela minha ideia de fazer uma surpresa para você, nesta noite.

— Uma surpresa? — Não consegui disfarçar o sorriso. Meu coração acelerou ainda mais. Prendi minha respiração.

— Sim. Foi Dona Bia quem me ajudou, falei sobre o piquenique no mirante e ela se prontificou a conseguir as frutas, as taças e o espumante. Me explicou como eu deveria abrir a garrafa, pois nunca tomei essa bebida. Ao menos não me recordo.

Ele estava me contando tudo, aquilo era muito fofo!

— Dona Bia passou minhas roupas e assim que me viu usando as calças com chinelo, fez cara feia. Como eu poderia saber que não se usava calça com chinelos?

— Calça social se usa com sapatos sociais. — Balancei a cabeça, achando graça.

— Então ela apareceu com esses sapatos que eram do filho dela, que agora mora em outro país. Para minha sorte, serviu perfeitamente. Você gostou? — A ansiedade em seus olhos me comoveu. Ângelo estava esperando minha aprovação.

— Eu adorei. — Minha voz estava embargada de emoção. — Você está lindo, Ângelo. Parece um galã de novela.

Seu sorriso se tornou ainda mais radiante e ele deu três passos à frente, ficando bastante próximo de mim. Seus olhos brilhantes não deixavam os meus por um segundo sequer e em momento algum eu cogitei a possibilidade de quebrar aquela sintonia, pois meu coração estava cheio de felicidade por estarmos compartilhando um momento tão especial, como se fôssemos as duas últimas pessoas na face da Terra e ninguém pudesse nos interromper.

— Está com fome? — perguntou solícito.

Assenti em silêncio.

— Venha. — Pegou-me pela mão e me encaminhou até a toalha. — Vamos nos sentar.

Sentamos de frente um para o outro e retirei minhas sandálias. Em silêncio, Ângelo abriu o cooler e retirou alguns sanduíches, estendeu um para mim e pegou outro para si. Comemos em silêncio, apenas nos olhando e sorrindo ocasionalmente. Por mais que eu tivesse dito que estava com fome, não conseguia engolir direito o sanduíche que mastigava. Havia promessas silenciosas em seu olhar profundo e aquilo foi suficiente para me alimentar. Acho que Ângelo estava sentindo o mesmo, pois levamos mais tempo que o necessário para terminar um único sanduíche e nenhum de nós pegou outro.

— Estava ruim? — perguntou nervoso.

— Estava ótimo — elogiei —, apenas não consigo comer mais de um, talvez mais tarde.

— Espumante? A Dona Bia disse que é uma boa bebida e que são tomadas em ocasiões especiais.

— Ela tem razão. É uma delícia, sim. Geralmente são abertas em datas comemorativas.

— Então vamos abri-lo! — Estava realmente animado com a ideia do espumante.

Observei enquanto ele se concentrava em abrir a garrafa, primeiramente tirando o arame em torno da rolha plástica e em seguida chacoalhando de leve a garrafa. Virando-a em direção ao mirante, empurrou lentamente a rolha para que finalmente saltasse para longe, deixando a espuma derramar um pouco. Comecei a gargalhar, contagiada pela sua animosidade e também curiosidade ao olhar o que estava acontecendo diante de si.

— Agora eu entendi porque o nome dessa coisa é espumante.

Continuei rindo e peguei as taças, estendendo para que ele nos servisse. Ele colocou a garrafa de volta no pequeno balde com gelo, após nos servir. Estava perto de experimentar a bebida quando eu subitamente o impedi com uma de minhas mãos.

— Espere! Ainda não.

— Por quê? — Olhou-me confuso.

— Antes de beber o espumante, as pessoas fazem um brinde, celebrando alguma coisa. É uma espécie de comemoração ou agradecimento. — Sorri para tranquilizá-lo.

— Como fazemos esse tal brinde?

Segurei uma risada. Era incrível como para algumas coisas Ângelo demonstrava ter conhecimento, mas para outras ele parecia completamente ingênuo.

— É simples, antes de beber, batemos levemente nossas taças uma na outra.

— Isso parece interessante, vamos fazer.

— E ao quê, brindaremos?

Fitando-me daquele jeito que somente ele fazia, permaneceu em silêncio por alguns segundos, como se estivesse pensando no que dizer. Após umedecer os lábios com a língua, Ângelo sorriu.

— Eu quero brindar a você, Luiza. Por ser uma mulher incrível e bondosa, por ter me ajudado quando precisei, por ter confiado em mim e despertado minha alegria durante esses dias, apenas por vê-la abrir os olhos de manhã. Aos sorrisos espontâneos, sua voz encantadora, seu vocabulário de palavras inapropriadas. Mas principalmente, quero brindar a sua existência, porque se você não existisse, certamente eu pediria a Deus que te inventasse.

Cobri minha boca com a mão livre, a emoção de ouvir suas palavras me fez querer soluçar, meus olhos marejados não conseguiriam se segurar por muito tempo e fiz de tudo para não chorar na frente dele. Não seria choro de tristeza, pelo contrário, cada palavra dita por Ângelo inundava-me de felicidade. Mas se começasse a chorar, não poderia me segurar e acabaria contando tudo a ele, sobre todas as minhas descobertas e sobre tudo que poderia implicar se nos rendêssemos aos nossos sentimentos.

Mas não era o que eu queria? Não precisava contar o que Gabriel havia me revelado, mas não podia continuar escondendo meus sentimentos em relação a ele. Decidida, respirei fundo

mais uma vez e sorri, ainda me esforçando para não chorar.

— Eu quero brindar a você, Ângelo — comecei com a voz entrecortada, mas me mantendo firme. — Por ter caído do céu diretamente em minha vida, me fazendo acreditar que quando a gente menos espera, o amor bate em nossa porta. Por você ser tão lindo do jeito que é, às vezes tão ingênuo e às vezes tão intenso que me provoca arrepios dos pés à cabeça. De todas as minhas dúvidas, eu tenho uma única certeza: te amo exatamente como você é, seja lá o que você for. Quero estar ao seu lado e ajudá-lo a descobrir seu passado, mas acima de tudo, quero ter um futuro com você.

Ângelo parecia não acreditar no que acabara de ouvir, eu o entendia perfeitamente, pois nem mesmo eu acreditava que finalmente havia criado coragem para me declarar. Pensei que não conseguiria expor meus sentimentos de forma tão intensa e verdadeira, achei que fosse travar e acabar dizendo um monte de bobagens, mas tudo o que falei saiu direto do meu coração.

— Você está falando sério? — Com a testa franzida e um sorriso estampado em seu rosto, ele era perplexidade e alegria ao mesmo tempo. — Você me ama, mesmo?

Assenti com um gesto de cabeça e mantive meu sorriso nos lábios. Meus olhos brilhavam e eu sabia que lágrimas iriam rolar a qualquer momento.

— E o que a gente faz agora?

Estendendo minha mão com a taça na direção dele, respondi:

— Agora nós fazemos o brinde.

Quando a borda de sua taça tocou a minha, o tintilar do vidro selou nossas declarações.

— Tim, tim! — falei.

— Tim, tim... — repetiu, parecendo confuso.

Tomei um gole do espumante e observei Ângelo fazer o mesmo, ele fez uma careta ao sentir o líquido efervescente em sua garganta, mas em seguida se recompôs e tomou outro gole.

— Isso é bem gostoso — comentou.

— É sim. — Tomei o restante do espumante em minha taça e a abandonei perto do *cooler*. Peguei a cestinha de vime com as uvas, e aproximei-me de Ângelo que também havia terminado sua bebida.

Retirei uma uva do cacho e coloquei em sua boca. Ele sorriu e aceitou de bom grado, em seguida pegou uma pequena uva e foi sua vez de colocá-la em minha boca, aceitei, mas além de pegar a uva, aproveitei para dar uma leve mordida em seus dedos.

— Ai! — gemeu surpreso pela minha atitude.

Soltei uma risada alegre.

— Desculpe, não resisti.

Ele também riu e logo se levantou, estendendo a mão para mim.

— Vamos apreciar a vista do mirante — convidou, puxando-me delicadamente até o pequeno muro que demarcava até onde as pessoas podiam chegar perto do morro.

Olhei para baixo, se tratava de um abismo coberto por vegetação e senti meu corpo gelar. Sempre tive fobia de altura, mesmo a noite, sem poder enxergar realmente lá embaixo, sabia que estávamos em um ponto bastante alto do morro. Senti as mãos de Ângelo prenderem minha cintura e relaxei. Eu estava de costas para ele, que abraçou-se a mim e ficamos ali, contemplando a vista noturna da Vila do Sol, um verdadeiro cartão postal.

Virei-me para ficar de frente para ele, acariciei seu rosto, sentindo a textura macia de sua pele lisinha. Ele fechou seus olhos e seus lábios tentavam capturar meus dedos para beijá-los.

— Quando me viu vestido com essas roupas no provador da loja, você falou que poderia se apaixonar por mim naquele momento, meu coração se inundou de esperança e comecei a acreditar que existia uma possibilidade de você me amar, ao menos um pouquinho. — Ele continuava de olhos fechados, deleitando-se com o toque suave de minhas mãos. — Eu estava tão nervoso antes de você chegar, esperava que tudo fosse perfeito. Não queria pressioná-la, apenas passar um momento agradável ao seu lado, desfrutar da sua companhia. Mas no fundo estava realmente torcendo para que você, assim que me visse vestido desse jeito, pudesse realmente sentir algo por mim. — Abriu os olhos e voltou a me fitar intensamente.

— Eu já estava apaixonada, antes mesmo de dizer aquilo, na loja. Apenas não quis admitir, já que tudo aconteceu tão rápido e de forma tão inesperada.

— O que te fez mudar de ideia?

— Foram os sapatos — respondi com bom humor. — Você ficou muito sexy com esses sapatos.

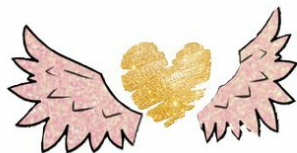
— Preciso agradecer a Dona Bia, então. — Ele riu e senti meu coração se aquecer.

— Precisa sim, os sapatos foram imprescindíveis.

Ângelo afrouxou seu abraço e tocou meus lábios com uma de suas mãos. Prendi a respiração e senti um formigamento em meu ventre. Meu corpo sempre reagia ao seu toque, seu olhar intenso denotava desejo, sua íris dilatada e a respiração pesada fazia seu tórax subir e descer de uma maneira tão sensual.

— Eu preciso te beijar agora — murmurou.

Não foi preciso responder, nem consentir, meus lábios se entreabriam para recebê-lo e nossos corpos se abraçaram com força, para intensificar ainda mais o beijo que começou urgente e exigia cada vez mais. Estávamos famintos um do outro, nada poderia ser melhor do que estar em seus braços.



CAPÍTULO *dezoito*

“Um instante, um olhar
Vi o sol acordar
por detrás do seu sorriso”

(Marjorie Estiano)

Um barulho forte e um clarão no céu nos despertou para a realidade, nos afastamos e Ângelo riu dos meus olhos arregalados pelo susto do trovão. Iria chover, sem sombra de dúvidas, mas nossa noite estava tão perfeita, não queria que aquele momento acabasse tão cedo.

— Vamos guardar as coisas, vai chover — disse ele, pegando-me pela mão e indo até a toalha, abaixando-se ao me soltar e começando a guardar tudo.

Ajoelhei-me e o ajudei a embrulhar o que não cabia no *cooler*, com a toalha. Destravei o alarme do carro e Ângelo guardou tudo. Então sorri para mim mesma com a ideia que tive.

Coloquei a chave na ignição e girei, em seguida liguei o rádio e selecionei uma música romântica.

— O que está fazendo? — Ângelo já estava sentando no banco do carona.

— Venha, vamos dançar. — Sorri e desci do carro.

— Vai chover.

— Mas ainda não está chovendo, venha! Dance comigo.

Fui até a carroceria da *pick-up*, empurrei a lona para trás e subi. Ângelo subiu em seguida, ficando de frente para mim.

— Não sei dançar — revelou timidamente —, na verdade, eu não sei se sei dançar.

— Aqui. — Peguei suas mãos e as coloquei em minha cintura, envolvendo minhas mãos em torno do seu pescoço, coleí meu corpo no dele e gostei da sensação. — Não tem mistério, apenas acompanhe meus movimentos.

Ele sorriu e tive que ser forte para não o beijar mais uma vez. A música que escolhi não era nenhum clássico, mas sempre gostei do que a letra dizia e a melodia sempre me emocionou. O refrão de *When You Look Me In The Eyes*, do *Jonas Brothers*, traduzia exatamente o que eu sentia sempre quando Ângelo me olhava, com seus olhos azuis incríveis.

“Quando você me olha nos olhos
E diz que me ama
Tudo fica bem
Quando você está bem aqui do meu lado
Quando você me olha nos olhos
Eu tenho uma visão do céu
Eu encontro meu paraíso
Quando você me olha nos olhos”

Meu corpo se moveu lentamente, balançando de um lado para o outro. Ângelo me acompanhou, sem tirar os olhos dos meus. Mais um trovão estrondou no céu, porém não me assustei, sorri para o homem que estava a minha frente e continuei me embalando no ritmo da música. Um pingo d’água caiu em sua testa e ele instintivamente colocou uma das mãos para secá-la, o que se tornou um gesto inútil quando mais gotas começaram a cair, me atingindo

também. Comecei a rir e Ângelo me encarou confuso.

— Por que está rindo?

— Porque estou feliz.

— A chuva está engrossando, vamos voltar para a pousada?

— Não, ainda não terminamos a dança. — Antes que descesse da carroceria, segurei seu braço e o impedi.

Ele sorriu e voltou para mim. A chuva engrossou e alguns novos trovões surgiram, mas continuamos ali, abraçados, dançando a música que quase não se ouvia mais, devido ao barulho do aguaceiro que caía do céu. Estava com frio, mas não me importei, me mantive próxima ao Ângelo e mesmo com a chuva deixando minha visão turva, não conseguia tirar meus olhos dele.

— Eu amo você! — gritei para que minha voz pudesse ser ouvida.

— Eu também amo você!

Foi o suficiente. Puxei sua cabeça para baixo, pois ele era bem mais alto que eu. Não havia nenhum motivo que me impedisse de estar com ele, o medo de não o amar o suficiente não existia mais, pois sabia que até o fim da minha vida haveria amor o bastante para que Ângelo sobrevivesse. Após minutos incontáveis dançando na chuva, em meio a beijos e carícias, ele desceu da *pick-up* e me ajudou a fazer o mesmo. Meu vestido estava ensopado e se colou ao meu corpo, meus cabelos um desastre total. Entramos no carro, rindo feito crianças, mas nossas risadas cessaram e o silêncio parecia gritar palavras que não precisavam ser ditas em voz alta, nossas almas se entendiam apenas com o olhar.

— Você é tão linda...

Aproximei-me dele, sentando em seu colo no banco do carona. Tive que puxar meu vestido um pouco para cima, para que minhas pernas pudessem se abrir e me encaixar de maneira confortável. Toquei seu rosto com as duas mãos e o beijei sem dizer nada. Quem precisaria de palavras quando os olhos diziam tudo o que era preciso? Nos amávamos e era tudo o que precisávamos saber naquele momento.

Senti suas mãos explorarem meu corpo. Primeiro minhas costas, meus braços, minha cintura. Quando seus dedos subiram e ele puxou as alças do meu vestido para baixo, não o impedi. Quando puxou o meu vestido um pouco para baixo, deixando meus seios quase expostos, também não o impedi. E quando contemplou meu colo com os olhos cheios de adoração, me senti a mulher mais linda do mundo.

— Posso? — Sua pergunta me fez sorrir. Ângelo era o homem mais bonito que já conheci, mas não fazia ideia de que, qualquer mulher que estivesse ocupando o meu lugar naquele momento, teria esfregado os peitos no rosto dele. E ali estava ele, me pedindo permissão, com gentileza e expectativa.

— Pode. — Envolvi meus braços em torno do seu pescoço e me deixei levar pela sensação de seus lábios beijando meu pescoço, descendo lentamente até o colo, as mãos

apertando meus seios com delicadeza.

E a chuva lá fora já não me assustava, poderia ser o início do segundo dilúvio, estávamos seguros em nossa pequena arca, minha velha *pick-up* era meu refúgio e a companhia de Ângelo tudo o que precisava para me tranquilizar. Perdida em seus beijos e carícias, me assustei quando ele se afastou, parecendo estar travando uma batalha interna.

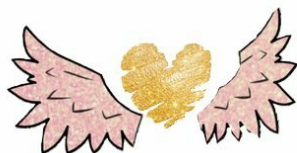
— Assim não, aqui não.

— O quê? Por quê? — Instintivamente subi meu vestido e cobri meu corpo com os braços.

— Não acredito que estejamos no melhor lugar para fazer o que estamos prestes a fazer. É nossa primeira vez, não quero que seja desse jeito, apertados dentro de um carro. — Acariciando meu rosto, Ângelo sorriu. Sua expressão serena me tranquilizou. — Quero amar você, e por mais que me sinta tentado a rasgar seu vestido e continuar de onde paramos, não é desse jeito que imaginei que seria, se um dia viesse a acontecer. Não se trata apenas de ter você para mim, mas do que eu quero dar a você. Meu corpo, meu coração e minha alma. Vamos voltar para a pousada.

Ângelo não cansava de me surpreender.

— Está certo. — Saí de cima dele e voltei para o banco do motorista, desliguei o rádio e após colocar o cinto de segurança e indicar para Ângelo fazer o mesmo, dei a partida no carro e retomei o caminho de volta.



Estacionei a *pick-up* em frente à Pousada Dois Corações. Antes que pudesse destravar o cinto e abrir a porta, Ângelo habilmente desceu do carro, abriu a porta do motorista, me ajudando a descer. Assim que coloquei os pés no chão, ele me surpreendeu, pegando-me no colo. Soltei um gritinho de surpresa, mas logo comecei a rir. Ele sorria, estava radiante. Caminhando até a entrada, passamos por uma Bety perplexa ao nos ver sorrindo e nos beijando, encharcados pela chuva que caia torrencialmente lá fora.

— Deixe-me abrir a porta — pedi assim que chegamos ao corredor, tentando me desvencilhar para descer ao chão.

— Você pode fazer isso em meus braços — argumentou, me beijando rapidamente antes de me permitir abrir a porta.

Entramos no quarto e Ângelo só me soltou quando chegou ao lado da cama. Mais uma vez estávamos frente a frente, nos encarando e sorrindo feito dois bobos apaixonados.

— E agora? — perguntei com expectativa.

— Agora vou me entregar a você de corpo e alma, Luiza. E espero, de coração, que faça o mesmo por mim, pois já não imagino minha vida sem você. — Sem tirar os olhos dos meus, Ângelo começou a desabotoar sua camisa lentamente.

Observei cada movimento e quando chegou ao último botão, me aproximei e abri sua camisa, admirando a perfeição do seu corpo enquanto me desfazia daquela peça de roupa.

— Quero ser sua, Ângelo — sussurrei entre os pequenos beijos que depositava em seu tórax, sentindo o cheiro delicioso de seu corpo, que mesmo frio por causa da chuva, exalava o perfume da colônia masculina misturado ao aroma natural de sua pele.

Levando minhas mãos até o zíper de sua calça, sem pudor algum, o abri e a empurrei para baixo, deixando-o apenas de cueca.

— Ah, minha nossa! As anjinhas no céu devem se estapear por sua causa!

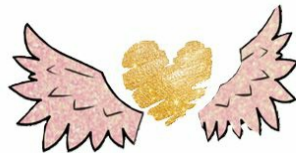
Ele riu e, após retirar os sapatos e as meias, afastou a calça para o lado e começou a me despir, o que foi fácil, bastou um pequeno incentivo e meu vestido deslizou no chão, juntando-se as suas roupas. Eu vestia apenas uma calcinha rosa. Ângelo me pegou no colo e me deitou na cama, subindo em seguida e pairando sobre mim, com os braços apoiados no colchão.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida.

E depois daquelas palavras, nada mais precisou ser dito. Éramos dois corpos entregando-se um ao outro. Dois corações batendo no mesmo ritmo. Duas almas se reconhecendo.

“Você é a alma gêmea dele”, disse Gabriel.

E com toda certeza, ele é a minha.



CAPÍTULO *dezenove*

“Tão longe do chão
Serei os teus pés.
Nas asas do sonho,
Rumo ao teu coração.”

(Paula Fernandes)

por ângelo

— Miniél...

A voz que me chamava, era de certa forma conhecida, mas por mais que eu me esforçasse para lembrar, não conseguia assimilar nenhum rosto. Abri meus olhos e olhei na direção que deduzi ter ouvido a voz, mas tamanha foi a minha surpresa ao me deparar com um branco infinito. Tratava-se uma grande sala completamente branca, paredes, chão, teto, não havia outra cor sequer. O peso em minhas costas me incomodou, me virei para ver o que era quando percebi o tom dourado de minhas asas. Eu estava completamente nu, com exceção da corrente, onde a medalha com meu nome e símbolo de minha hierarquia, se encontrava pendurada. Olhei para todos os lados, mas não havia ninguém além de mim.

— Miniél... — A voz se fez presente mais uma vez, me deixando confuso e irritado.

Onde está Luiza? Por que não está ao meu lado?

Finalmente ela havia confessado o seu amor por mim, e mesmo que não o tivesse feito antes, eu sabia que já sentia, pois sempre que olhava nos olhos dela eu era capaz de decifrar todas as suas dúvidas e inseguranças. Mas aguardei pelo momento certo, o qual ela não teria receio de expor seus sentimentos, Quando finalmente se decidiu, meu coração se alegrou e jamais imaginei que a felicidade me invadiria de maneira tão intensa.

— Miniél... — A voz continuava a me chamar e caminhei em linha reta pelo corredor que parecia não ter fim.

Ao fundo, uma luz forte brilhava, corri e me surpreendi com a velocidade que alcancei em tão pouco tempo. Mesmo tão rápido, o corredor não terminava e a luz parecia estar cada vez mais longe. Insisti e continuei correndo, o vento causado pela super velocidade fazia minhas asas se mexerem em minhas costas, me causando desconforto. Concluí ser o fato de que não me recordava ter asas, nem de como usá-las.

— Miniél... — Cada vez que meu nome era pronunciado, meu corpo se tencionava e um desespero se apossou de mim.

O que está acontecendo? Era para estar deitado ao lado de Luiza, na Pousada Dois Corações.

A luz se apagou de repente e uma forma se materializou diante de mim. Era um homem, tão alto quanto eu, cabelos loiros e encaracolados, pele clara, corpo atlético. Vestia calça, camisa e um blazer branco. Sorria cinicamente em minha direção, mas seu olhar não era maldoso, pelo contrário, demonstrava benevolência.

Tentei dizer algo, mas não consegui.

— Miniël, finalmente cumpriu sua missão. Jamais pensei que fosse conseguir, principalmente em tão pouco tempo. Mas você tinha razão, Luiza nasceu para ser sua e você mostrou a ela que era a pessoa certa.

— Do que está falando?

— Perdão amigo, esqueci por um momento que sua memória não lhe pertence mais. — O homem a minha frente começou a rir.

— Você sabe sobre mim? Quem sou e o que sou? — Sem dar tempo para que respondesse minhas perguntas, o indaguei com mais uma: — Quem é você?

— Sou Theliel, o príncipe da sua hierarquia.

— Você pode me explicar o que está acontecendo?

Assentiu silenciosamente.

— É verdade que sou um anjo...

— Sim.

— Terei que fazer todas as perguntas, ou você me explicará tudo?

— Miniël, você nunca foi impaciente, amigo. — Ele soltou uma gargalhada.

— Talvez se me lembrasse quem sou, não estaria agindo dessa maneira. — Soltei uma lufada de ar.

— Tem razão. Vamos caminhar um pouco, enquanto refresco sua memória. — Sem me esperar, Theliel andou pelo corredor infinito e apressei-me em segui-lo. — A primeira vez que me falou sobre Luiza, ela era apenas um bebê. Você veio até mim para que eu permitisse que você fosse o seu anjo da guarda. Fiquei surpreso com o pedido, um Cupido não é o anjo mais indicado para guardar uma criança. Mas pela maneira como falava dela, eu já sabia que um dia te perderia para o amor. Reconheceu sua alma gêmea cedo demais, Miniël.

— Então, a sensação que tenho de conhecer Luiza há mais tempo, é real — disse mais para mim do que para Theliel.

— Sim. Você induziu os pais de Luiza a se apaixonarem um pelo outro. Algo raríssimo de acontecer, pois sempre preservamos o livre arbítrio. Você era inexperiente e a flecha que deveria acertar Daiana, atravessou e também acertou Igor. Assim que os dois se viram, foi amor à primeira vista. — Theliel parou ao perceber que já não o acompanhava. — São raros os casos de humanos flechados pelo mesmo Cupido, posso contar nos dedos às vezes em que isso aconteceu. Aquilo mexeu com você, ver de perto duas pessoas se apaixonarem instantaneamente uma pela outra, saber que foi sua responsabilidade. Principalmente porque Daiana e Igor pertenciam a mundos tão opostos.

— O que isso implicou? Quero dizer, eu praticamente os obriguei a se apaixonarem um pelo outro...

— Houve uma falha no sistema. Mas Daiana e Igor se amavam de verdade. Você esteve com eles durante todos os momentos. Tinha medo que algo pudesse acontecer, já que as circunstâncias que os uniu foi incomum.

— Luiza me contou algo sobre os pais não serem aceitos pelos familiares quando sua mãe engravidou.

— Sim, você esteve bastante preocupado nessa época. Daiana era uma menina prodígio, Igor era um rapaz que adorava dirigir um caminhão e colocar o pé na estrada. A reação dos pais dela ao saberem que a bonequinha deles estava grávida de um caminhoneiro, não foi das melhores. — Theliel continuou sua caminhada e me obriguei a acompanhá-lo. — Você esteve por perto durante toda a gestação de Daiana, com a minha permissão. Sempre o estimei muito, Miniel. Doía-me saber que se sentia culpado por ter feito Daiana e Igor se apaixonarem, pois, o amor dos dois causou tantas desavenças entre as famílias e os afastou dos pais. Eles foram embora e recomeçaram em uma nova cidade, deram a volta por cima e com o passar dos anos, mesmo que não fosse como antes, o relacionamento com suas famílias foi se normalizando. Os pais de Daiana entenderam que a filha estava feliz com sua nova vida, seu marido e a pequena Luiza. Os pais de Igor aceitaram Daiana como nora e até os convidaram para que voltassem a morar com eles, mas os dois recusaram.

— Luiza nasceu de um amor que eu induzi.

— Sim, e você a amou desde o primeiro instante. Esteve com ela desde o seu nascimento, acompanhou tudo. Primeiro dente, primeiros passos, primeiras palavras. Você foi o anjo da guarda para quem ela rezou todos os dias, a oração que Daiana lhe ensinou. Reparou que ela não tem rezado desde que você está presente ao lado dela?

— Nunca a vi rezando. — Pestanejei.

— Ela fazia isso todos os dias, mas se esqueceu desde que você surgiu na vida dela.

— Por quê?

— Porque inconscientemente, ela sabe que é você quem a protege.

— Não faz sentido. — Balancei a cabeça.

— Luiza é sua alma gêmea.

— E o que estou fazendo aqui? Onde ela está? — Voltei a ficar impaciente.

— Você está dormindo, é apenas um sonho e em breve acordará ao lado dela.

Tranquilei-me ao ouvir suas palavras.

— Minha missão, qual era?

— Você é um Cupido. Um anjo que tem como missão induzir as pessoas ao amor. Cupidos exercem um grande poder de conquista nos humanos, principalmente nas mulheres. Vocês são feitos do mais puro sentimento que existe e exalam sedução sem que percebam, é fácil se apaixonar por um ser como você. Por isso tive que retirar sua memória, para que não soubesse

do poder que tinha em mãos, e não o usasse para induzir Luiza a te amar.

— Não estou entendendo, por que eu faria isso?

— Deixe-me terminar, por favor. Seu amor por Luiza surgiu espontaneamente. Primeiramente de forma fraternal, mas evoluiu para algo grandioso. Você se apaixonou por uma humana, Miniel. E seres como nós pagamos um preço alto por nos apaixonarmos.

— De que preço você está falando?

— Sempre soube que você a amava em silêncio. Queria estar sempre por perto quando não estava em missão, observando-a. Esteve com ela quando perdeu sua mãe e anos depois o pai. Te vi entristecer quando ela se animava com um novo namorado, mesmo você sabendo que ela ainda não havia sido flechada e que logo aquele relacionamento teria um fim. Quando chegou a vez de você induzi-la ao amor, o desespero se tornou sua fraqueza. Você seria o responsável por fazê-la se apaixonar, mas queria que ela se apaixonasse por você. O seu coração finalmente falou mais alto do que a sua missão.

— Por que não me lembro disso?

— Porque faz parte do sacrifício que precisará fazer, para ficar com ela. O amor de Luiza deveria ser verdadeiro e fruto do livre arbítrio. Não podia despertá-la para o amor com uma flecha, ela teve que se despertar sozinha e aconteceu na noite passada, quando revelou que te amava. Assim que acordar, você se lembrará de tudo e terá que revelar a parte dela no sacrifício. Agora vá.

Sem ter tempo para mais perguntas, o grande clarão que iluminou tudo a minha volta, transportou-me novamente para onde eu queria estar: na cama, ao lado de Luiza.



CAPÍTULO vinte

“Eu sou teu mundo, sou teu poder
Sou tua vida, sou meu eu em você.”

(Vitor & Leo)

Como eu vim parar aqui?

— Vamos lá. Ande logo! — Uma voz debochada, em algum lugar daquela sala toda branca, se fez presente. Olhei ao redor, mas não vi ninguém.

— Olá! — gritei, ouvindo o eco de minha própria voz.

Um corredor infinito, também na cor branca, com uma luz muito clara no que parecia ser o final, chamou minha atenção e comecei a andar naquela direção. Corri com pressa e um pouco de medo. Uma forma se materializou conforme me aproximei, ofegante por ter corrido tão rápido uma longa distância. Parei ao dar de cara com um homem loiro, vestido todo de branco, com um sorriso cínico nos lábios. Ele não aparentava ser uma pessoa ruim, tentei não ficar temerosa. Mas nunca o havia visto em toda minha vida, daquilo tinha absoluta certeza.

Onde estou?

— É sério, mesmo? — perguntou com sua voz desdenhosa. Por que falava comigo daquele jeito? O que eu havia feito de errado? — Três dias, Luiza! Quem ama um homem em três dias?

Senti meu corpo se retesar e entendi sobre o que estava falando. Franzi a testa e o encarei, curiosa. O que aquele cara sabia sobre a minha vida? Nada!

— Foi uma cena linda, digna dos livros do *Nicholas Sparks*. Mas você entregou o seu amor a um desconhecido, após três dias com ele. Parou para pensar no quanto isso é patético?

Tentei engolir o choro, mas deixei uma lágrima cair, sem querer. Estava com tanta raiva daquele homem, zombando dos meus sentimentos por Ângelo, como se o amor que disse sentir não valesse nada, por ter sido descoberto em tempo recorde. Ele continuou com seu sorriso idiota, mas iniciou uma sequência de palmas dramáticas, me deixando nauseada.

— Três malditos dias e você se declarou para ele. Se queria tanto ir para a cama com Miniél, era só agarrá-lo. Duvido que ele recusaria. Precisava falar de amor? Como pode ter tanta certeza?

Tentei respirar fundo e contar até dez, mas senti minhas bochechas queimarem e sabia que estava “P da vida” com aquele homem. Aproximei-me, com cara de poucos amigos e apontei o dedo em riste. Ele poderia ser o Papa, mas não permitiria que falasse comigo daquela maneira.

— Ei cara — disse com a expressão mais fria que consegui —, quem você pensa que é, para falar comigo desse jeito? O que foi que eu te fiz? Nem te conheço!

Ele soltou uma gargalhada e com uma velocidade surpreendente, segurou a mão que apontava o dedo para ele. Era muito forte e senti meus ossos estralando, mas logo a soltou.

— Sou Theliel, o príncipe da hierarquia do amor.

— O chefe de Ângelo?

— O superior de Miniél.

— Que seja. Por que não devolve a memória dele? Assim ele pode se lembrar quem é, e podemos resolver as coisas — implorei, esquecendo meu orgulho.

— Não, não. As coisas não funcionam desse jeito.

— Não entendo.

— Tenho um conselho para te dar: não estrague tudo, Luiza. Você deveria ter ficado quieta. Por acaso, sabe o que é o amor? Como tem certeza que o que sente por Miniél não é paixão? Um fogo que pode se apagar em breve? Pare de brincar com os sentimentos dele. Se não tem certeza do que sente, só irá prejudicá-lo. Afaste-se enquanto é tempo.

Não! Eu não queria me afastar de Ângelo, sabia que era precipitado, mas o amava. Não o conhecia há muito tempo, mas sabia que meu amor por ele era real, não uma ilusão ou algo passageiro. Não fazia ideia de como, mas meus sentimentos despertaram de um sono profundo, como se já o amasse e o estivesse esperando para enfim viver nosso amor. Ninguém me faria acreditar no contrário. Estava disposta a lutar por Ângelo, até o fim.

— Cale-se! — gritei exaltada. — Você não sabe de nada, não entende o que sinto. Meu amor não pode ser concluído por suposições. Jamais diria a Ângelo que o amo se não soubesse com certeza, a veracidade dos meus sentimentos. Pode até ser precipitado, não vou negar, mas também reconheço que nossa história é única, assim como esse amor que nasceu em mim e está me tornando mais forte. Por favor, pare de tentar me afastar dele. Ângelo me ama e isso é suficiente para que eu não desista dele.

— Você é uma boa garota, Luiza — amenizou o tom de voz. — Era apenas um teste, e você passou.

— Teste? Do que está falando? — Franzi a testa.

— Miniél é um dos anjos que mais estimo em minha hierarquia, eu não devia ter um preferido, mas sem dúvidas ele é o que mais tenho apreço. Vê-lo se apaixonar por uma humana, saber que está disposto a abdicar de suas asas e a vida eterna, para viver alguns anos ao lado da mulher que ama, não consigo compreender...

— Incrível que você, sendo o príncipe da hierarquia do amor, tenha tão pouca fé neste sentimento. — Balancei minha cabeça, demonstrando pesar.

— Eu tenho pouca fé nos humanos, eis que esta é a minha verdade.

— Você tem pouca fé em si mesmo, Theliel. Se realmente acreditasse em sua capacidade de amar, entenderia que qualquer ser vivo necessita de amor para ser feliz. E o amor aparece em diversas formas e proporções, não deveria rir de mim por ter amado em três dias. Eu tive a sorte que muitos não têm.

— Sábias palavras, menina. Mas está na hora de você acordar. Foi um prazer conhecê-la.

— Pena que não posso dizer o mesmo. — Antes que pudesse pedir desculpas pela minha grosseria, acordei assustada, sentando em minha cama, na Pousada Dois Corações.

Olhei em volta, tentando compreender o que havia acontecido. Senti dor em uma das

mãos, precisamente em meu dedo indicador. Um arrepio percorreu meu corpo ao constatar que, aquela era a mão que Theliel quase havia esmagado.

Então foi mesmo real... Mas como?

Olhei em volta, procurando Ângelo pelo quarto e não o encontrando. A porta do banheiro estava entreaberta e ao me levantar e andar até lá, constatei que estava vazia. Ele não estava no quarto. Onde estaria? Tivemos nossa primeira noite, depois de assumir nosso amor, mas ele não estava ao meu lado para me abraçar e me fazer sentir que tudo iria ficar bem. Que não importasse o que acontecesse, daríamos um jeito de ficar juntos. Será que havia se lembrado de tudo e me abandonado?

Decidi tomar um banho e pensar no que fazer dali em diante. Separei minhas roupas e minha nécessaire e fui para o banheiro. Olhei-me no espelho e decidi tirar o pequeno curativo que ainda disfarçava o machucado em minha testa, já estava cicatrizando e não precisaria mais usar *Band-Aid*. Despi minhas roupas e entrei no chuveiro.

Tentei distrair minha mente para não entrar em pânico com a ausência de Ângelo. Pensei no que poderia fazer em mais um dia de férias, na Vila do Sol. Mas a insegurança de que ele tivesse me deixado, após nossa noite de amor, fez com que a tristeza tomasse conta de mim.

Gabriel mencionou a influência dos Cupidos sobre as mulheres humanas, também disse que eles não amavam nada além da própria missão. Será que Ângelo havia feito aquilo comigo? Me seduzido e ido embora para dar continuidade a sua missão?

— Não, ele não faria isso comigo. Não depois de ontem.

Tentei retomar a calma, fechei meus olhos e deixei que as lembranças da noite passada invadissem minha mente e me trouxesse a paz de volta. Eu não duvidaria do amor que ele disse sentir por mim. Nossa vida juntos estava apenas começando.

Finalizei o banho e terminei de me arrumar. Saí do banheiro, penteando meus cabelos com os dedos, meu olhar encontrou o de Ângelo, sentado na cama, ao lado de uma badeja de café da manhã. Meu coração se encheu de alegria e fiz um esforço danado para não chorar e me jogar em seus braços. Mordi meu lábio inferior e dei um sorriso infantil.

— Isso tudo é pra gente? — perguntei emocionada.

Ele sorriu e levantou, vindo em minha direção. Pegou-me pela cintura e me suspendeu do chão. Segurei-me em seus ombros e soltei um gritinho de surpresa, mas sorri.

— Isso tudo é para você, minha linda.

Aquilo sim era um sonho. Um sonho da vida real.

— Estou tão feliz, Ângelo — disse assim que ele me colocou no chão.

Ângelo me abraçou e sussurrou em meu ouvido:

— Eu me lembro de tudo, agora.



CAPÍTULO vinte e um

“Quem de nós dois
Vai dizer que é impossível
O amor acontecer”
(Ana Carolina)

Ângelo não quis me contar como suas lembranças retornaram, mesmo eu insistindo muito, se manteve firme e convenceu-me a tomar o café da manhã primeiro. Ele se esforçou para me agradar e eu não quis estragar prazeres, com certeza contaria tudo depois. Servi-me de café, pois estava entorpecida pelo sonho esquisitíssimo que tive, com o tal de Theliel. Estive pensando se contaria ou não a Ângelo, mas achei melhor ficar em silêncio, ao menos até que soubesse como ele recuperou a memória e como ficaríamos daquele momento em diante.

Subitamente, lembrei do que Theliel havia comentado. Por mais que estivesse determinada a lutar pelo homem a minha frente, foi inevitável a insegurança que se apossou de mim em alguns momentos. Mesmo que tentasse ser forte e não me deixasse levar, algumas vezes perdia a batalha que travava comigo mesma.

— Você não achou cedo demais?

— O quê? — perguntou despreocupadamente, enquanto mastigava um sanduíche.

— Eu dizer que te amo, em tão pouco tempo — disse com a voz serena, não querendo assustá-lo. Mas assim que ouviu minhas palavras, ficou tenso.

— Se arrependeu?

Levantei da cadeira onde estava e sentei em seu colo, sendo acolhida com carinho, me sentindo privilegiada.

— Não, eu não me arrependi. Mas o que sinto por você surgiu inesperadamente, e transbordou de forma inexplicável...

— Pare — interrompeu-me. — Não precisa dizer mais nada, Luiza. Por enquanto você só precisa saber que nasceu para mim.

— Do que está falando?

— Você não me amou em três dias, nossa história nasceu há anos, você só não sabia o quanto eu já estava presente em sua vida.

Seria mesmo possível?

— Como meu anjo da guarda? — perguntei sorrindo, brincando com a possibilidade.

— Sim.

— Está falando sério?

— Não sou do tipo que brincaria com um assunto desses.

Respirei fundo, absorvendo o ar que parecia me faltar, mas também tentando entender o que havia acabado de ouvir. Levantei-me, caminhei até a janela e admirei as flores que me encantaram desde que cheguei a Pousada Dois Corações. Estava um dia lindo lá fora, o sol radiante e o céu azul, poucas nuvens e uma temperatura amena. Um perfeito dia para caminhar à beira mar.

— Eu estive pensando — comecei, disposta a mudar de assunto. — Gostaria de dar um passeio pela praia, quero tirar algumas fotos, ontem eu estava tão deslumbrada por ver o mar, que esqueci de registrar o momento.

— Posso te fazer companhia? — Ouvi sua voz perto de mim e senti seu corpo se colando ao meu. Ângelo parecia cauteloso, como se estivesse pisando em ovos quando se tratava de mim.

Mas a culpa era minha. Tivemos uma noite maravilhosa e eu havia estragado tudo com minhas dúvidas, enquanto ele estava todo carinhoso e até café da manhã havia providenciado.

Coloque os pensamentos em ordem, Luiza. Você precisa aproveitar o presente que a vida está te dando. Um anjo caído do céu, um amor tão incrível que nem em sonhos você poderia imaginar...

Minha consciência era mais sábia do que eu, o que era engraçado porque se tratava de eu mesma me dando conselhos. Meus pensamentos eram mais coerentes do que minha língua solta, que primeiro falava para depois pensar.

— Claro que sim, Ângelo! — Virei-me para ele e o apertei contra mim, sentindo seu cheiro gostoso. — Você é parte da minha vida agora, quero compartilhar todos os momentos contigo. Perdoe-me por ser tão medrosa, não tenho dúvidas do amor que sinto por você, mesmo que às vezes eu transpareça insegurança, saiba que te amo e que meu maior medo é te perder, pois não sei o que faria se você fosse embora. Tornei-me tão dependente da sua presença, que isso me assusta. Mas não recue quando eu tentar te afastar, promete?

— Eu te amo, não vou deixá-la agora que finalmente te encontrei. — E sem dizer mais nada, puxou-me para um beijo urgente, sugando todos os meus medos e neuroses, me fazendo flutuar nas sensações de ternura e desejo que me consumiam por dentro a cada vez que me tocava.

Retribuí cada carícia, deixando transparecer minha necessidade dele. Nada mais importava. Enquanto permitia que Ângelo retirasse nossas roupas, observei-o em silêncio, meus lábios entreabertos e a respiração pesada, me deixando levar pelo momento de paixão. Quando retirou sua cueca, ficando totalmente nu, mordi meu lábio inferior e o devorei com os olhos. A frase de uma música veio a minha mente: *“Abençoado por Deus e bonito por natureza.”* Esqueci-me de tudo e me entreguei a todo o amor que ele tinha para me oferecer.

Passamos a parte da manhã no quarto, especificamente, na cama. Ângelo me fez sentir a mulher mais desejada da face da Terra. Seus beijos doces, suas carícias lentas. Romântico e sexy. Mas por mais que estivesse amando cada segundo, eu tinha planos para nosso último dia na Vila do Sol.

— Ei dorminhoco, acorda aí — sussurrei ao pé do seu ouvido.

Resmungando contrariado, ele se rendeu e abriu os olhos, me abraçou rapidamente e me cobriu de beijos.

— Acalme-se, anjinho. Precisamos levantar e almoçar, quero ir à praia.

Resmungando em meu pescoço, Ângelo continuou me provocando e quase não resisti.

— Vamos, por favor. Quero te contar meus planos.

Ouvir a palavra “planos”, fez Ângelo despertar do nosso universo particular para o mundo real. Com um último beijo em meu pescoço, sentou-se na cama e me encarou com os olhos semicerrados, o que eu já conhecia como seu olhar interrogativo, não fazia a pergunta, mas queria saber de algo, com certeza.

— Relaxe anjinho — disse sorrindo, me sentando e acariciando seus ombros largos. — Você está incluído em todos estes planos. Não se preocupe. — Sabia que minha resposta o tinha agradado. Levantei-me e fui em direção ao banheiro. — Vou tomar um banho rápido — avisei, deixando-o sozinho na cama, mas sentindo seus olhos em meu corpo enquanto eu caminhava. Deixei a porta do banheiro aberta, como já estava nua, liguei o chuveiro e entrei debaixo da água.

— Não perco isso por nada. — Entrou sem cerimônia no box do banheiro, pegando a esponja e esfregando um sabonete nela. Não tive tempo de reagir, apenas sorri, surpresa com sua espontaneidade. — Deixe-me dar banho em você.

— O quê? — Sinceramente, eu não esperava.

— Vamos lá, minha linda. Quero passar essa esponja pelo seu corpo, enchê-lo de espuma para depois tirá-las com minhas mãos e a ajuda da água.

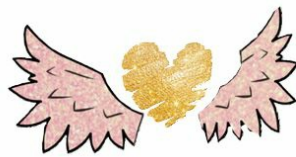
— Não preciso que me dê banho — contrariei com bom humor.

— É claro que precisa, você fez esforço por minha culpa, agora deixe-me cuidar de você.

— Tudo bem — cedi —, já que insiste...

— Faço questão!

E ali ficamos, nos perdendo um no outro mais uma vez, pois assim que suas mãos tocaram meu corpo, nenhum dos dois se lembrou da verdadeira finalidade do chuveiro.



Quando descemos para almoçar, era pouco mais de uma hora da tarde. Optamos por um passeio pela praça e pedimos sugestão de um bom restaurante para Bety. Caminhamos até a cantina recomendada por ela. Durante o trajeto, paramos algumas vezes para que Ângelo me fotografasse e também fiz questão de que ele tirasse algumas fotos comigo.

— Não posso esquecer de usar um chapéu horroroso, hoje lá na praia — comentei a contragosto. — Por favor, me lembre disso, sim?

— Por quê? Se o chapéu é horroroso, basta não o usar.

— Jéssica me deu de presente, eu detestei, mas fiquei com receio de magoá-la, ela

parecia tão contente por ter me presenteado com algo que jamais imaginei ganhar.

— Você sabe que Jéssica é extravagante. — Ele riu, achando graça. Seu comentário despretenhoso chamou-me a atenção para um detalhe importante. Parei na calçada, fazendo-o parar subitamente também.

— Conhece a Jéssica?

Sua expressão se tornou séria e ele se deu conta que falou mais do que devia.

— Sim. Conheço Jéssica, Tiago, sua chefe Dolores, até mesmo a Dona Magnólia, a senhora do mercadinho que está sempre perguntando se você está namorando.

— Já entendi, você sabe tudo sobre a minha vida. Eu é que não sei quase nada sobre a sua. — Deixei transparecer minha mágoa.

Ângelo chegou mais perto e segurou meu rosto entre suas mãos, obrigando-me a fitá-lo nos olhos.

— Eu vou te contar tudo. Não se preocupe, minha linda.

Fechei meus olhos e contei até cinco. Eu tinha que ser paciente com ele. Ao menos havia recuperado a memória, seria uma questão de tempo até que me contasse sua história.

— Tudo bem. Lembra-se do que eu disse sobre eu tentar te afastar? — Ele assentiu. — Esse é um dos momentos.

— Pois saiba que não funcionou.

Sorri, dando um beijo rápido em sua boca e recomeçando a caminhada.

Dê tempo ao tempo, você já esteve muito mais longe de descobrir a verdade.



CAPÍTULO *vinte e dois*

“Chega de fingir
Eu não tenho nada a esconder
Agora é pra valer
Haja o que houver”
(Jorge Vercilo)

— Veja — aponte para a placa que indicava uma pequena trilha pela área florestal, que levava a uma colina, cartão postal do município. Ângelo assentiu com um sorriso, continuamos caminhando até encontrar a entrada.

Era lindo demais!

Muitas árvores pelos dois lados, um pequeno corredor de terra, marcas de pegadas apontando que várias pessoas passaram por ali nos últimos tempos. Ângelo segurou minha mão, indo a minha frente para se certificar que o caminho era seguro, achei tão fofo de sua parte. Levamos um tempo considerável para chegar até a pequena colina escondida atrás das árvores, dando a visão para uma linda paisagem, com grama rasa e pedras enormes. Paramos próximos de uma pedra gigante, a qual não conseguiríamos escalar, Ângelo virou de frente para mim, seu sorriso travesso me fez pestanejar, desconfiada de que ele tivesse alguma ideia maluca.

— O quê?

— Prenda suas mãos em volta da minha cintura. — Sem esperar, segurou meus braços e os envolveu em torno de si, me fazendo entrelaçar os dedos das mãos e me prender a ele. — Sei que tem medo de altura, então peço que feche os olhos e prenda a respiração por alguns segundos, vai ser rápido. Confie em mim e não se assuste.

— Ângelo, eu... — Minha voz falhou. Meu corpo se tencionou ao ouvir a possibilidade de me assustar com o que estava prestes a acontecer.

— Relaxe — tranquilizou-me com um beijo.

Fiz o que me pediu e fechei os olhos, me preparando para o que quer que fosse. Senti sua respiração quente próxima ao meu ouvido, Ângelo estava colado a mim, como um gêmeo siamês.

— Eu não podia ver minhas asas até ontem, mas hoje, além de enxergá-las e senti-las, também sei perfeitamente como usá-las.

Ah não! Ele não vai fazer o que estou pensando que vai fazer. Ele vai voar! Vou ter um treco!

Sem tempo para me desesperar, ele deu um salto para cima, tão rápido que foi como se eu estivesse em uma cama elástica, pulando alto e esquecendo de cair. Mas tão logo fiquei ciente do que tinha acabado de fazer, senti meus pés tocarem a superfície firme, soltei a respiração com cautela e abri meus olhos, percebendo que estávamos em cima de uma grande pedra.

Mas como?

Ele saltou tão alto, praticamente voou até a pedra, levando-me em seus braços. E estava tudo bem. Tirando o fato de que quase fiz xixi nas calças. Esperava de coração que Ângelo não lesse pensamentos, ou então saberia que quase esvaziei minha bexiga na frente dele.

Que vergonha!

— Prontinho, sã e salva — brincou.

Levantei meu olhar e reparei que suas asas estavam abertas, lindas e com um brilho dourado em volta de suas penas brancas. Ângelo me soltou lentamente, tendo certeza de que meu medo se dissipara e que conseguiria me equilibrar com firmeza.

— Foi muito legal, mas não sei se quero fazer isso tão cedo — comentei com um sorriso nervoso.

— Não se esqueça que teremos que descer daqui, ainda hoje. — Ele deu mais um daqueles sorrisos de canto, e balançou a cabeça devagar.

— Ah, merda — resmunguei, dando conta do quão desbocada eu estava sendo.

Foco, Luiza! Vamos dar uma trégua ao seu vocabulário sujo.

Pegando uma de minhas mãos, Ângelo sentou na rocha, abrindo as pernas, me puxando para sentar entre elas. Ajeitei-me para ficar confortável e me escorei em seu peito, me deixando ser abraçada e recostando a cabeça para trás, em seu ombro. Fechei meus olhos e não consegui esconder o sorriso de felicidade, ao sentir seu cheiro, já tão familiar. Fiquei naquela posição, me sentindo confortável e tão em paz na sua presença. O tempo poderia parar naquele instante, não me preocupava com mais nada.

— A noite passada foi perfeita, ouvir você dizendo que me amava, me despertou para a vida novamente — começou com a voz embargada. — Mas acordar e perceber que minhas lembranças estavam de volta, deixou tudo mais intenso, Luiza. Porque você não tem noção da extensão dos meus sentimentos, do quanto te amo e do que estou disposto a fazer para ficarmos juntos.

— Como assim? O que você está disposto a fazer? — Meu corpo se tencionou. Senti um nó se formando em minha garganta.

— Não posso falar muito sobre como funciona a hierarquia dos anjos, está muito além do que você como humana pode compreender, mas posso falar sobre mim.

— É o que preciso.

— Pertencço a hierarquia do amor, aqui na Terra somos chamados de Cupidos em algumas mitologias. Sou um anjo e tenho uma missão a cumprir, que é despertar o sentimento do amor nas pessoas, para que elas possam finalmente encontrar sua alma gêmea e viver o amor em sua plenitude.

— Uma responsabilidade enorme.

— Sim. Mas nem sempre elas encontram a pessoa certa, isso não está sob meu controle, cada ser humano é livre para fazer suas escolhas e cada escolha tem sua consequência. Não posso interferir, apenas guiar.

— A vida é feita de escolhas, Ângelo. Mesmo que muitas vezes nos equivocamos e cometemos erros, temos a liberdade de tomar nossas decisões. Não somos marionetes. Então não se sinta culpado por presenciar uma escolha errada e não poder fazer nada, nós precisamos

cometer esses erros para amadurecermos. Que sentindo a vida teria, se não decidíssemos por nós mesmos? Não precisaríamos existir. Deve ser o tal do equilíbrio, deve haver uma razão para que as coisas sejam assim.

— Você está certa. — Notei tristeza em sua voz, me agitei entre suas pernas, para virar de lado e depositar um beijo em sua bochecha, voltando em seguida para minha posição confortável. — Cometi um erro uma vez, não foi proposital, mas interferei na vida de duas pessoas e isso me levou até você.

— Por favor, continue — pedi aflita.

— Flechei seus pais — sussurrou com a voz fraca.

Tornei a me remexer, ficando de frente para ele, Ângelo não me impediu, afrouxou seus braços para que eu pudesse me movimentar.

— Por que foi um erro?

— Acabei interferindo — murmurou com dificuldade.

Aparentemente aquele era um assunto difícil para Ângelo. Tentei manter uma expressão neutra, não queria pressioná-lo ou demonstrar ansiedade demais, embora por dentro eu estivesse a ponto de gritar e arrancar qualquer informação que estava guardando.

— Não foi proposital — esclareceu. — Mas minha missão era flechar sua mãe. A flecha atravessou o coração dela e entrou diretamente no coração de seu pai, permanecendo ali.

O quão grave isso pode ser?

— Você os despertou para o amor no mesmo dia.

— Não apenas isso. Eu os induzi a se apaixonarem um pelo outro. Eles não tiveram escolha. Tirei o livre arbítrio deles no momento em que minha flecha penetrou o coração do seu pai. É muito raro de acontecer — apressou-se a explicar. — A flecha deveria permanecer em sua mãe, não atravessar. Mas aconteceu e logo atingiu seu pai. Quando duas pessoas são flechadas com a mesma flecha, elas criam um laço de amor, no momento em que um coloca os olhos no outro. O mais puro e verdadeiro, amor à primeira vista. Porém, não fruto do livre arbítrio.

— Você já cometeu este “erro” — dei bastante ênfase a palavra — mais de uma vez?

— Como eu disse, é algo muito raro de acontecer. Aquela foi a única vez. Mas eu não tive a intenção, fugiu ao meu controle.

— Acredito em você.

— Obrigado. — Beijou-me na testa. — Antes de mim, somente um Cupido cometeu este mesmo erro. A diferença é que eu não fiz com um propósito, ele sim.

— Ele quis obrigar duas pessoas a se apaixonarem uma pela outra? — Franzi a testa.

— Sim. Você certamente já ouviu falar nele, só não sabe que ele já foi alguém como eu.

— Tenho certeza que não, anjinho. Acho que eu me lembraria de algo assim.

— Ah, ele é bem famoso. O nome dele era William. — Seu sorriso tornou-se desafiador.

Chequei mentalmente em minhas lembranças o nome de pessoas famosas que se chamavam William, possíveis suspeitos de ser um Cupido. Sorri ao me dar conta do quão ridícula as minhas sugestões seriam.

— *William Levy? William Bonner?* — Pestanejei. — Não, já sei! *Willian Defoe?* Ah, ele bem que tem uma carinha de travesso sobrenatural, eu já desconfiava desde que fez o papel do *Duende Verde*, naquele filme do *Homem Aranha*!

— Luiza, Luiza. A sua imaginação é incrivelmente fértil. — A gargalhada de Ângelo ecoou.

— Ah, sei lá de que William você está falando! — Dei de ombros.

— Estou falando de William Shakespeare.

Para tudo!

— Está me dizendo que Shakespeare era um anjo? Mais especificamente, um Cupido, como você? — Encarei-o perplexa.

— Exatamente.

— E qual foi a cagada que ele fez para deixar de ser um anjo? — Cobri minha boca com as duas mãos, logo em seguida, me arrependendo da maneira insensível como fiz a pergunta.

— Tudo bem, sei que não fez por mal. É apenas o seu vocabulário sujo falando mais alto.

Senti-me grata por ele não ter ficado chateado. Não queria que pensasse que o que fez com meus pais foi uma “cagada”, como eu mesma mencionei.

— Desculpe — pedi, verdadeiramente arrependida.

— William sempre amou os humanos, misturava-se entre eles muitas vezes e seu maior desejo era viver na Terra, como uma pessoa comum. Mas conhecendo as regras, sabia quais as únicas opções para que seres como nós vivêssemos entre humanos. Ele não encontrou sua alma gêmea, então optou por ser destituído.

— Ele pediu demissão? — Ouvir a palavra destituído me lembrou Gabriel.

— Como você disse, ele fez uma “cagada”.

— Pelo visto, foi demitido por justa causa.

— Mais ou menos isso.

— Conta logo o que ele fez. Que aflição!

Ângelo se aproximou e roubou-me um beijo, antes de continuar:

— Ele usou a mesma flecha para acertar o coração de duas pessoas, de propósito.

Escolheu dois jovens que ainda não haviam sido despertados para o amor e os induziu a se apaixonarem um pelo outro, sem que tivessem escolha. Ele violou o livre arbítrio.

— O quão grave isso foi?

— William sabia que seria impossível o casal ficar junto, eles pertenciam às famílias inimigas, mesmo assim fez o que sabia ser necessário para sua destituição. Não se importou em violar a mais importante de nossas regras. Desrespeitou o equilíbrio, o direito de escolha dos seres humanos. Foi o responsável por uma tragédia da qual não se arrependeu, pois sabia que seria a chave para sua liberdade.

Eu suava frio, de tão nervosa. Era como se Ângelo e eu estivéssemos acampando em volta de uma fogueira, onde ele me contava histórias de suspense, me assustando e impedindo de dormir à noite.

— Deu merda, não foi? — Mais uma vez, a mão na boca para calar as palavras que haviam sido proferidas.

— Sim. Mas você já conhece a história.

— Já? — Quando pensava que estava entendendo tudo, Ângelo me confundia ainda mais. Como conhecer a história, se não fazia ideia que Shakespeare havia sido um Cupido?

— Vamos lá, Luiza. Pense um pouco. William Shakespeare, dois jovens, famílias inimigas, uma tragédia...

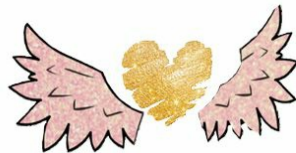
Não acredito. Estou chocada. Morta com farofa.

— Tá de brincadeira? — perguntei perplexa.

— Pelo visto, já sabe de quem estou falando.

— Romeu e Julieta? — Meu grito ecoando pelas colinas. — O filho da puta era um Cupido e flechou Romeu e Julieta, os induzindo a se apaixonarem um pelo outro e morrerem daquele jeito escroto?

Parem o mundo! Eu quero descer.



CAPÍTULO *vinte e três*

“Só de me encontrar
Com seu olhar
Já muda tudo
Posso respirar você
Eu posso te enxergar
No escuro”

(Seu Jorge)

Estava preparada para ouvir Ângelo me contar sobre sua vida angelical e todo aquele lance sobrenatural de “flecha de amor não dói”. Mas a verdadeira história de Romeu e Julieta, em primeira mão?

— William queria ser destituído e não pensou nas consequências que sua decisão causaria na vida de dois inocentes, de duas famílias inteiras. Ele usou seu dom para benefício próprio. Foi completamente egoísta.

— Ele conseguiu o que queria. Fez toda a merda foi destituído, tornou-se humano e ainda fez história como o dramaturgo mais influente do mundo. Sua punição foi sua recompensa.

— Você me surpreende cada vez mais com a sua linha de raciocínio. Mas tem razão. Ele conseguiu o que queria, mas pagou um preço alto por isso. Nossa espécie não é violenta Luiza. Não derramamos sangue contra nossos semelhantes, nem contra os seus. Cometemos erros, sim. Mas não somos condenados à morte ou sofremos algum tipo de punição que nos machuque fisicamente.

— O que acontece, então?

— Nossa essência é o amor. Nascemos do amor que nosso Criador tem por nós. Somos soldados, temos missões a cumprir em prol de um equilíbrio, que conforme te disse, está muito além da sua e também da minha compreensão. Ninguém pode viver sem amor, cedo ou tarde em nossas vidas ele se torna necessário. William perdeu suas asas, tornou-se humano, mas também perdeu o direito de amar e ser amado. Ele jamais pôde reconhecer sua alma gêmea. O que inicialmente foi sua maior conquista, tornou-se sua maior derrota.

— Você citou “únicas opções” — murmurei juntando as peças de um quebra-cabeça, quase impossível de ser montado. — Para um de vocês se tornar humano, é necessário encontrar sua alma gêmea e fazer algum tipo de sacrifício. Correto? — Ele anuiu. — Ou então, fazer uma puta cagada para ser destituído. — *Ops!*

— Exatamente. Tem que ser uma puta cagada. — Ele riu.

— Quer dizer que um anjo destituído jamais reconhecerá sua alma gêmea?

— Isso mesmo.

— Aquele cretino mentiu pra mim!

— De quem você está falando? — perguntou demonstrando um súbito desconforto.

— Gabriel, ele é um destituído — revelei o que provavelmente Ângelo já sabia.

— Como você sabe? — perguntou irritado.

Meu estômago se contraiu. Mas não era fome, apenas meu corpo reagindo de forma negativa àquele olhar severo que Ângelo me dirigia. Algo que nunca presenciei desde que nos conhecemos. Parecia uma eternidade, mas eram apenas quatro dias. De toda a forma, eu não havia contado a ele sobre ter algum conhecimento a respeito dos anjos, através de conversar com

o recepcionista da pousada.

— Conversei com Gabriel algumas vezes, ele me fez revelações. Mas não tinha permissão para me contar muita coisa e eu não podia te contar, pois era parte da tal missão. Você tinha que se lembrar sozinho. Por favor, acredite em mim — supliquei, com medo de que me odiasse por ter escondido informações dele.

O silêncio pairou sobre nós por alguns instantes, nos quais ele me encarou com uma expressão decepcionada. Meu coração se encolheu dentro do peito, um súbito pavor de que algum elo entre nós pudesse ter se rompido.

— Eu sei, não devia saber de nada até recuperar a memória. Você fez bem. — Sua expressão se suavizou e ele esticou o braço para que sua mão acariciasse meu rosto. Fechei meus olhos, sentindo seu toque me tranquilizar e ter a certeza de que tudo estava bem entre nós.

— Obrigada — respondi quando ele desfez o contato físico. — Gabriel se tornou um bom amigo, me guiou e me ajudou a esclarecer muitas coisas, a acreditar e ter coragem de assumir meus sentimentos por você. Eu me pergunto qual terá sido a puta cagada que ele fez para ser destituído e perdido o seu direito de amar. Ele é uma boa pessoa. A última vez que conversamos, me disse que acreditava no amor, mesmo que ainda não o tivesse encontrado.

— Infelizmente, para Gabriel, é impossível que isso venha acontecer — O olhar de Ângelo era triste, mas solidário. — Ele jamais reconhecerá sua alma gêmea, mesmo que esteja diante dela. Este é seu castigo. Mas não significa que seja uma pessoa ruim ou tenha feito algo tão terrível como William. Gabriel se deslumbrou com a vida humana, perdeu o foco de sua missão. Enquanto para alguns anjos a missão só fica em segundo plano quando encontram sua alma gêmea, o que não acontece com frequência em nossa espécie, Gabriel esqueceu seu verdadeiro propósito por luxúria. Somente o amor pode justificar as falhas de um anjo com sua missão, por isso quando um de nós encontra o amor, abdica de suas asas, pois sabe que não poderá honrar o compromisso com a hierarquia. Ele não encontrou sua alma gêmea, mas permaneceu tempo demais entre os humanos e esqueceu o seu propósito.

Respirei profundamente e olhei a paisagem a nossa volta. Estávamos em um lugar incrivelmente lindo, mas eu mal havia reparado e aproveitado a vista, para curtir a presença do homem que amava. Então lembrei-me do porque estávamos ali e de como nos dispersamos do assunto inicial. Não se tratava de William Shakespeare, nem de Gabriel. Tratava-se de Ângelo. Sua história. Nossa história. Provavelmente tínhamos um passado, do qual eu ainda estava alheia. O sol estava se distanciando no horizonte e mal acreditei que o dia estava chegando ao fim. Foi Ângelo quem retomou o assunto dos meus pais.

— Quando percebi o que tinha feito, me apavorei. — Sua voz tornou-se embargada novamente. — Por minha culpa eles não tiveram escolha.

— Eles se amavam de verdade, Ângelo — tentei consolá-lo. Senti meus olhos pesarem e sabia que as lágrimas estavam se acumulando para cair em breve. — Cresci presenciando o amor que meus pais sentiam um pelo outro, e como o amor deles refletia em mim. Você não fez de propósito, não foi um ato de egoísmo para se beneficiar através de duas pessoas inocentes.

Senti seu corpo se retesar. Seus braços estavam em volta dos meus e os apertei contra

mim, para que soubesse que estava ali com ele, sem julgamentos, o apoiando.

— Thiel disse que não foi minha culpa.

— Acredito realmente que não foi.

— Mas de qualquer maneira, me senti responsável. Assim que Daiana se virou e esbarrou em Igor, uma chama se ascendeu dentro dela. Nele também. Eu estava tão atordoado, tentando entender como aquilo era possível, mas senti o que eles sentiram. Algo se ascendeu dentro de mim também, Luiza. Enquanto os observava de longe, conversando e se conhecendo, flertando e trocando olhares, o medo de ter destruído a vida daqueles jovens me consumiu por dentro. Fiquei desesperado.

— Não pense assim, anjinho... — Acaricie seu rosto, fazendo-o sentir o quanto eu o amava e que sua culpa era infundada. — Você acredita em alma gêmea, certo? Afinal, eu sou a sua.

— É claro que acredito — respondeu convicto, olhando profundamente em meus olhos.

— Então você também deve acreditar em destino. Se meus pais estavam tão próximos naquele dia, é porque eles tinham que se esbarrar e se apaixonar. Era para ser, entende?

— Mas eu...

— Você consegue saber se duas pessoas são almas gêmeas?

Ele pestanejou antes de responder.

— Não. Apenas desperto-as para o amor, não sou responsável pelo reconhecimento de almas. É algo que não pode ser previsto por nenhuma hierarquia. Por isso algumas pessoas se envolvem em um relacionamento que acaba não dando certo, elas podem estar despertas para viver o amor, mas ainda não ter encontrado sua alma gêmea.

— Se existisse um GPS do amor, existiriam menos divórcios — brinquei, beijando sua testa com carinho. — Meus pais eram almas gêmeas, Ângelo. Eles se amavam de verdade, não apenas porque você cometeu um erro. Poderia ter flechado apenas minha mãe, como deveria ter sido, e ela teria se apaixonado pelo meu pai do mesmo jeito e tudo seria lindo e maravilhoso, como foi.

— Eles passaram por tantas dificuldades. — lamentou com tristeza.

— O que só fortaleceu o amor de um pelo outro — insisti com veemência. — A história de Romeu e Julieta acabou em tragédia, porque não eram almas gêmeas, não deveriam ficar juntos, suas almas não se reconheciam embora sentissem amor um pelo outro. Um amor que não deveria existir, pois infelizmente foram peças em um jogo que não podiam controlar.

— Mas sua mãe... — Ele não conseguiu finalizar a frase, porém eu sabia o que estava lhe afligindo tanto. O fato de minha mãe ter morrido tão jovem.

— Nenhum ser humano é eterno, Ângelo. Você mais do que eu sabe disso. — O abracei forte, deixando minhas lágrimas caírem livremente, compartilhando sua dor, sua culpa, mas

acima de tudo, acreditando em sua inocência. Uma inocência que nem mesmo ele acreditava possuir.

— Obrigado, Luiza — disse aos prantos, cortando meu coração ao vê-lo tão frágil e vulnerável. Segurando meus ombros, me olhou com lágrimas nos olhos, mas uma expressão feliz, até sorria. — Jamais conseguiria ver o lado bom nessa história sem a sua ajuda. Você é tão jovem e ainda assim possui maturidade para enxergar muito além do que fui capaz, durante todos esses anos.

— Você é minha metade, Ângelo.

— Eu sei. Sempre soube disso.

— Como? — perguntei curiosa, secando suas lágrimas com minhas mãos, beijando suavemente seu nariz, sua testa e seu rosto. Ele repetiu o gesto comigo e senti uma onda de ternura me invadir.

— Quando Igor e Daiana ficaram juntos, estive sempre por perto, acompanhando o relacionamento deles. Sem nenhum tipo de interferência. Tinha medo do que poderia acontecer a eles, por minha culpa. Então ela ficou grávida e senti que foi algum tipo de redenção. Mas no fundo, temia pelo pior. Thiel permitiu que eu fosse um vigilante, durante a gestação de Daiana. Acompanhei todo o seu desenvolvimento e seu nascimento, Luiza. Estive presente em sua vida desde que era um pequeno feto, e quando você nasceu, minha alma reconheceu a sua, e naquele momento eu soube que você tinha nascido para ser minha.

O que dizer em um momento como aquele? Fiquei completamente sem ação, entorpecida por emoções que pareciam me sufocar, de tão intensas. As lágrimas não cessavam e meu corpo tremia. Ângelo me abraçou forte e acariciou minhas costas, tentando me acalmar. Meu choro era silencioso, suspirava de vez em quando sentia meu rosto umedecer cada vez mais.

— Luiza, minha linda... Está tudo bem — tranquilizava-me com sua voz suave, beijando meu ombro.

— Você esteve sempre comigo? — Desfiz-me do abraço para encará-lo novamente, reunindo todas as minhas forças para conseguir entender nossa história.

Ele assentiu em silêncio.

Repassando minhas memórias, como se um filme da minha vida estivesse passando na frente de meus olhos, recordei-me de situações aleatórias onde senti uma presença invisível ao meu lado. Como se uma força me vigiasse, me protegesse. Sabia que Ângelo não interferiu em nada, mas sua presença não passou despercebida em minha vida. Eu poderia não saber do que se tratava, de quem se tratava, mas sua energia irradiava ao meu redor. O anjo da guarda para quem eu rezava todas as noites, era também minha alma gêmea, o homem para quem eu entregaria o meu coração, quando nossos destinos se cruzassem e nossas almas se reconheceriam. Ângelo me reconheceu muito antes de mim, e soube esperar até que o momento certo chegasse. E finalmente havia chegado. Estávamos frente a frente e nada nos separaria. Nunca em toda a minha vida, imaginei que algo tão extraordinário pudesse acontecer comigo, transformando minha realidade em algo tão incrível que parecia ser um sonho, ou o roteiro de um filme muito doido. Mas eu

estava feliz.

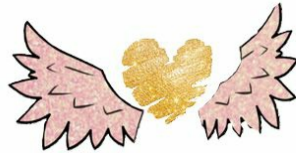
O sonho que tive dias atrás, com meus pais entregando-me nos braços de Ângelo, dizia muita coisa sobre nossas vidas interligadas. Meu medo de amá-lo em tão pouco tempo se esvaiu por completo, pois tinha a certeza de que nosso amor era algo muito maior, e muito mais antigo do que os poucos dias que estivemos juntos. Recordei-me de não ter rezado desde que iniciara minha viagem, como se de certa forma eu soubesse que estava protegida. Como pude ter me esquecido de rezar? Uma oração que fazia desde que aprendi a falar, que jamais havia deixado de fazer antes de dormir. Olhei em seus olhos e o amei ainda mais, sabia que não estava mais sozinha e que a partir daquele momento, Ângelo estaria comigo e seríamos felizes.

— Eu te amo, meu Ângelo. Nunca mais vou me sentir sozinha, porque agora tenho você na minha vida.

— Meu nome é mesmo Miniël — revelou com um sorriso maroto, fazendo com que eu me apaixonasse ainda mais por ele.

— Meu Ângelo — sussurrei, desafiando-o.

— Seu Ângelo. — Rendeu-se a mim, me abraçando e beijando com paixão. Nossos lábios selando uma promessa silenciosa, de que a partir daquele momento, tudo seria diferente. Tudo seria melhor.



CAPÍTULO *vinte e quatro*

“Neste mundo de tantos anos
Entre tantos outros
Que sorte a nossa heim?
Entre tantas paixões
Esse encontro nós dois
Esse amor”

(Vanessa Da Mata)

por ângelo

Meu tempo estava acabando. Precisava contar a Luiza sobre o sacrifício, para que pudéssemos ficar juntos de uma vez por todas. Era o que desejava desde que a encontrei, pois era minha alma gêmea e sem ela me sentia incompleto.

— Olá, Miniél — a voz conhecida que habitava meus sonhos se manifestou outra vez.

— Theliel.

— Chegou o momento que você tanto esperava. Está preparado? — Ele sorriu e me alegrei por vê-lo novamente.

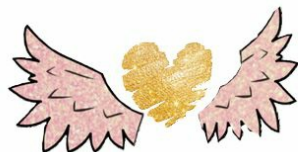
Assenti, sem pestanejar

Quando Theliel esticou suas mãos em minha direção, vi a flecha se materializar a minha frente, mas não me assustei. Já havia feito aquilo muitas vezes. Mas aquela flecha era diferente, ela seria usada em meu coração. A flecha dourada, com ponta afiada em forma de coração era surreal para os humanos, mas para um ser como eu, completamente comum. Usei muitas delas para despertar as pessoas para o amor, sabia o poder que possuíam e pela primeira vez experimentaria aquela sensação. Nunca senti dor física em toda a minha existência, seres da minha espécie não adoeciam, mesmo que me machucasse e meu corpo sangrasse, a dor era uma sensação totalmente desconhecida para mim. Até conhecer Luiza. A dor de amar e não ser correspondido, porque a pessoa por quem se está apaixonado não sabe da sua existência, é algo que pode machucar profundamente. Essa dor eu senti por anos, enquanto observava a mulher que amei desde o primeiro instante, viver sua vida sem saber que eu era a sua metade. Mas a dor estava prestes a ter um fim. Ela me amava e em breve nada nos impediria de sermos felizes pelo resto de nossas vidas.

— Sentirei sua falta, Miniél.

— Eu também — concordei, puxando-o e o surpreendendo com um abraço. Theliel era meu superior na hierarquia, jamais o vi abalado, mas naquele instante, percebi o quanto amava aquele irmão e o quanto este amor era recíproco. Seria a última vez que eu o veria, pois assim que aquela flecha perfurasse meu coração, não teria como voltar atrás. Seria como se eu nunca o tivesse conhecido. — Adeus.

E acabou. Foi a última vez que o vi.



Abri meus olhos e olhei em volta, me adaptando a nova realidade. Não estava mais com Thiel. Estava deitado na cama, na Pousada Dois Corações, ao lado da mulher que me despertou para o amor. Uma mulher inteligente e com um incrível senso de humor, uma mulher com seu lado menina se sobrepondo em muitas ocasiões, mas acima de tudo, uma pessoa maravilhosa, que soube vencer seus medos e inseguranças e acreditou no amor verdadeiro, que surgiu de repente e tomou conta de todo o seu coração em poucos dias. Os seres humanos não acreditam na possibilidade de um amor tão puro. Ninguém ama da noite para o dia, há desconfianças. Existe a paixão, que engana muito, os sentimentos passageiros que iludem e com o passar do tempo, as pessoas desacreditam do amor verdadeiro e duradouro. Mas ele existe, jamais deixará de existir, só precisa ser despertado.

Luiza dormia, tão serena e feliz. Levantei-me sorrateiramente para que não despertasse, me vesti com pressa e saí do quarto. Precisava encontrar uma pessoa e usei minha influência como ser sobrenatural para localizá-lo sentado na areia, perto da praia.

— Pensei que tivesse saído da cidade — falei alto, para que pudesse perceber a minha presença.

— Miniél. — Seu sorriso irônico brotou rapidamente e ele me encarou.

— Gabriel.

Ele gesticulou para que eu sentasse ao seu lado. Ficamos em silêncio por algum tempo, encarando as ondas quebrarem na beira da praia. Ainda era cedo, o sol havia acabado de nascer.

— Lembrou de tudo? — Assenti. — E contou a Luiza o que ela precisa fazer?

— Vou contar hoje. — Ele não disse nada. — Preciso que me ajude.

— Que tipo de ajuda?

— Vá para Vila Bela e se instale por lá. — Franzindo a testa, ele quis saber o motivo. — Cuide de Luiza quando eu não mais estiver aqui.

— Ela não vai lembrar da sua existência, nem da minha.

— Eu sei, mas preciso saber que terá alguém para protegê-la enquanto eu não estiver com ela. E esse alguém tem que ser você, Gabriel.

— Não pertencemos mais a hierarquia.

— Você era um anjo mensageiro, Gabriel. Tudo o que precisava fazer era entrar no sonho das pessoas e passar a mensagem que lhe pediam para entregar. A vida humana te seduziu e parou de cumprir sua tarefa, deixou missões de lado para se divertir. Não estou pedindo que seja

o anjo da guarda, dela. Apenas que seja seu amigo.

— Não precisa lembrar meus erros, sei o que fiz e aceitei minha punição. Como você acha que é viver sem amor? Sem saber que sua alma gêmea pode estar diante dos seus olhos, mas não ser capaz de reconhecê-la. É o inferno, fique sabendo. — Ele se mexeu na areia, sentindo-se desconfortável.

— Desculpe.

— Tenho andado por todos os lugares, conhecido muitas mulheres, me divertindo temporariamente. Mas sentir? Prazer não é superior ao amor, eles precisam andar de mãos dadas para me trazer felicidade. Eu tenho prazer, mas não tenho amor. Isso não me alimenta o suficiente. É como comer, comer e comer, mas continuar com fome. E eu tenho tido fome, Miniel. Fome de amor. Seres como nós não deveriam se apaixonar, mas como explicar o fato, de que aqui na Terra, existe uma metade que nos completa? E nunca serei capaz de encontrar essa parte de mim.

— Eu sinto muito.

— Eu também. — Suspirou, cobrindo o rosto com as mãos.

O silêncio pairou sobre nós, por tempo incontável. Os turistas começaram a surgir no calçadão da praia, o fluxo de pessoas foi crescendo, mas permaneci ao seu lado, aguardando uma resposta.

— Tudo bem — sussurrou Gabriel, tirando as mãos do rosto e voltando a me encarar. Sorri, em agradecimento. — Eu vou. Não tenho mais nada a perder. Torço para que tudo dê certo entre vocês.

— Obrigado, Gabriel. Luiza o tem como um amigo e agora eu também. — Sem mais o que dizer, deixei Gabriel sozinho com seus pensamentos. Precisava voltar para a pousada e contar a Luiza sobre o nosso próximo passo.

Assim que me viu entrando no quarto, ela correu até mim e me abraçou com força. Retribuí o gesto, sorrindo com sua espontaneidade. Era como se estivéssemos juntos há muito mais do que alguns dias.

— Ei, estava ficando preocupada com você!

— Fui dar uma volta pela praia, enquanto você dormia. — Não era mentira, mas não quis contar sobre minha conversa com Gabriel. Soltando-me do abraço, Luiza me puxou pela mão e me deitou na cama.

— Isso tudo parece um sonho, Ângelo.

— É surreal, de fato. Mas não é fruto da sua imaginação. Nossa história é verdadeira, Luiza.

— E como vai ser? Quero dizer, a partir de agora? — Seus olhos finalmente estavam fixados nos meus, havia ansiedade, mas não dúvida. Ela sabia que ficaríamos juntos, mas queria entender o que seria necessário fazer para que fosse finalmente possível. A hora de lhe contar a

verdade havia chegado.

— Eu preciso morrer. — Segurei sua mão, entrelaçando-a com meus dedos.

Seu sorriso se dissipou no mesmo instante. Ela se sentou na cama, embora sua mão continuasse unida a minha. Não me olhava, mas permaneceu ao meu lado. Sentei-me também, com a mão livre tocando seu queixo.

— Luiza olhe pra mim. — Ela não o fez.

— Se não podemos ficar juntos — disse com a voz entrecortada. Abaixou seus olhos e encarou o tapete no chão. — Por que me fez amar você? — Suas lágrimas começaram a descer pelo rosto cheio de sardas. As sardas que me encantavam e que lhe davam um ar de menina. Ela soltou sua mão da minha e eu deixei, permitindo que se levantasse e andasse de um lado para o outro. — Eu não quis acreditar que algo de ruim pudesse acontecer, se nos envolvêssemos — dizia mais a si mesma do que para mim. — Pois sou capaz de te amar até o último dia da minha vida, pensei que esse amor seria suficiente para você sobreviver ao meu lado.

— Comigo é diferente, Luiza. Sou um Cupido.

— Foda-se! — gritou em meio as lágrimas. — Por favor, Ângelo, me desculpe. Mas agora que te encontrei, não posso te perder.

— Ei, não vai me perder. Deixe-me explicar o que precisa ser feito. Você está tirando conclusões precipitadas. — Levantei e fui até ela, abraçando-a contra meu peito. Acariciei suas costas com delicadeza, senti seu corpo relaxar aos poucos, confortando-se com meu carinho.

— Você não pode morrer, Ângelo.

— Shhh...

— O que vai ser de mim, sem você?

— Ei, não vai me perder, minha linda.

— Como não?

— Preciso matar meu lado anjo, para viver meu lado humano — expliquei pausadamente, para que pudesse absorver a informação. Levei-a até a cama novamente, mas a mantive em meu abraço.

— E como se faz isso?

— É você quem precisa fazer.

— Está me pedindo para te matar? — Seus olhos arregalados demonstraram o pânico que sentia. Luiza era forte, mas sabia que estava com medo.

— Não há o que temer. O sacrifício de um Cupido é diferente de um anjo de outra hierarquia. Eu deveria flechar você e despertá-la para o amor, mas isso não aconteceu e mesmo assim, você me ama.

— Claro que amo! — Não hesitou.

— Você despertou para o amor sem precisar ser flechada, sabe o quão raro isso é? — Ela balançou a cabeça, em negativa. — Agora é você quem precisa me despertar.

— Você não me ama? — Ela franziu a testa, confusa.

— Nunca duvide do meu amor por você, Luiza!

— Então por que preciso te despertar?

— Você tem que me despertar para a vida.

— Te matando? — Sim, era uma situação bastante irônica.

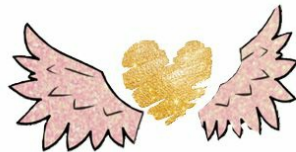
— Exatamente.

— Sabe o quão confuso isso soa?

— Como eu disse, há coisas que estão fora da minha e da sua compreensão.

Luiza estava tremendo. Mas eu confiava nela, era algo surreal e fora de tudo o que havia vivenciado até me encontrar, a peguei de surpresa e talvez não tivesse me expressado de maneira coerente. Assustei-a, jogando para cima dela toda a informação, sem medir as palavras adequadamente.

— Acho que precisa de um tempo para pensar, antes de tomar qualquer decisão. Vou dar uma volta, basta você fechar os olhos e pensar em mim e estarei aqui em segundos.



CAPÍTULO *vinte e cinco*

“Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para”

(Lenine)

Finalmente obtive respostas para minhas perguntas. Sabia o que precisava ser feito, para ser feliz com Ângelo. Depois de a dúvida me corroer, do medo de trazer sofrimento para o homem que me amava, caso os meus sentimentos não fossem verdadeiros, eu soube no momento em que confessei meu amor, que faria o impossível para tê-lo ao meu lado. Eu só precisava reunir coragem para realizá-lo.

Quando Ângelo me contou sobre o sacrifício, temi perdê-lo. Digamos que ele não soube abordar o tema e acabei me precipitando, tirando conclusões antecipadas. Mas tudo foi esclarecido, ao menos eu acreditava que sim. Eu o amava. Ele me amava. Eu era humana. Ele um anjo. Um cupido. Minha alma gêmea. Não havia o que pensar. Estava decidido.

Levantei da cama e fiz o que me instruiu a fazer: fechei meus olhos e pensei nele, que imediatamente apareceu a minha frente. Senti seus braços em volta dos meus ombros, puxando-me para si com carinho.

— Pensei que levaria mais tempo, Luiza — sussurrou em meu ouvido.

— Eu te amo e precisamos fazer isso, então é o que vamos fazer. Mas antes, preciso saber de uma coisa.

— O quê?

Não consegui me afastar dele, algo dentro de mim dizia que deveria aproveitar cada segundo ao seu lado, em seu abraço protetor. Que deveria gravar em minha memória, e principalmente no meu coração, o sorriso mais encantador que alguém já me concedeu. O abraço mais amoroso que recebi desde a perda dos meus pais.

— O que vai acontecer depois? Como saberemos se deu certo?

— Vai dar certo, mas não saberemos — respondeu de forma misteriosa. — Você precisa ter fé no nosso amor e confiar que voltaremos a nos encontrarmos novamente.

— Quer dizer que vamos nos separar? — Meu corpo estremeceu, e daquela vez não foi de prazer, mas de medo e apreensão.

— Sim.

— Ângelo! Precisa me dar mais do que isso, eu vou te matar! Tem ideia do quanto isso é insano para mim? Vou ter que matar o homem que amo e esperar que retorne um dia. Um dia que nem sei qual é. — Soltei uma lufada de ar.

— Nós vamos ficar juntos. Tenha fé no nosso amor. Nossas almas já se reconheceram, isso vai tornar a acontecer.

— Quando?

— No tempo certo.

— O que preciso fazer, exatamente? — Fechei meus olhos e deixei as lágrimas caírem livremente.

— Debaixo do travesseiro, há uma flecha. Você precisa cravá-la em meu coração.

— Tudo bem. Nós vamos fazer isso. Mas antes, tenho um último pedido. — Engoli o medo.

— E qual é?

— Faça amor comigo, mais uma vez...

— Não é um pedido seu, mas um privilégio meu. — Ângelo me olhou com um brilho especial, eu sabia que lágrimas estavam prestes a se derramar em seu rosto também.

Quando nossas bocas se uniram em um beijo apaixonado, havia um grande desespero dentro de mim. Paixão, desejo, necessidade. Mas acima de qualquer coisa, o medo de que ele não voltasse para mim. A saudade antecipada e a apreensão pelo nosso futuro. Eu não perdi a fé no nosso amor, mas vacilei. Parecia uma despedida e aquilo estava me corroendo por dentro. E mais uma vez nossos corpos se uniram, tornando-se um só. Meu coração acelerado com o calor do momento, mas angustiado pela possibilidade de um futuro indefinido. Eu tinha uma missão a cumprir, mas não sabia como as coisas seriam dali para a frente.

— Te amo, te amo, te amo... — Ele dizia entre um beijo e outro.

Eu quis retribuir, dizer que também o amava, mas não consegui. Estava envolvida nas sensações que seu toque provocava em meu corpo, concentrando-me em memorizar cada segundo, cada beijo, cada respiração quente ao pé do meu ouvido. Fiquei por cima dele. Nossas mãos entrelaçadas e o olhar fixo um no outro. Cada movimento meu trazia um gemido dele, e mesmo sentindo a onda de prazer se apoderar do meu corpo, eu chorava. Minhas lágrimas não eram de alegria, mas de medo. Eu tinha medo de não tornar a vê-lo novamente.

Estávamos ofegantes e suados, a respiração pesada tentando ganhar fôlego. Ele não parava de me olhar e quando me sorriu, foi o momento exato em que a onda de coragem me atingiu em cheio e eu soube que se não fosse naquele instante, não seria em outro. Retirei a flecha debaixo do travesseiro.

— Das centenas de anos que vivi, os momentos que passei ao seu lado foram os mais preciosos, Luiza. Infelizmente, não posso levá-los comigo. Mas sei, quando a hora chegar, sentiremos tudo novamente. E nunca mais seremos separados enquanto estivermos vivos.

— Eu te amo Ângelo. Vou te amar para sempre.

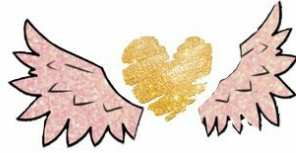
— Eu sei que vai. — Sua mão tocou a minha, me guiando até o lado esquerdo do seu peito, colocando a flecha na posição correta.

— Eu amo você Luiza. Vou te amar para sempre.

Eu não vi como aconteceu, pois, fechei os olhos. Ouvi um grito, ao cravar a flecha no peito de Ângelo. O grito não foi dele, foi meu. Tinha acabado de matar um Cupido, usando uma flecha de amor. Tinha acabado de matar o homem por quem me apaixonei perdidamente, na esperança de poder passar o resto dos meus dias ao seu lado. Mas não sabia quando voltaria a

encontrá-lo. Minha vida, a partir daquele momento, tornava-se uma espera sem fim. Senti um vazio imenso no meu coração, como se ele fosse um quebra-cabeça, onde faltavam algumas peças.

Uma luz forte me cegou e meus sentidos se perderam...



CAPÍTULO *vinete e seis*

“Se amanhã não for nada disso
Caberá só a mim esquecer
O que eu ganho, o que eu perco
Ninguém precisa saber”

(Lulu Santos)

— Ela acordou!

A voz ao fundo não me era estranha. Sabia que a conhecia, mas por mais que me esforçasse, não conseguia me lembrar. Meus olhos se abriram e embora a luz tenha me incomodado no início, levei pouco tempo para me acostumar. Olhei em volta do quarto branco e sem graça. Aquele cheiro... Cheiro de hospital.

O que estou fazendo em um hospital?

— Luiza! Graças a Deus, você acordou.

Franzi a testa, confusa. Eu a conhecia, mas por que não me lembrava do seu nome?

— E-eu... — murmurei, aflita.

E tudo fez sentido, de repente. Estava em uma cama de hospital, havia soro em meu braço e uma mangueira no meu nariz. Senti dores pelo corpo, a garganta seca, como se não tomasse água há mais de um século. Molhei meus lábios com a língua e pude senti-los rachados. Tinha algo errado comigo.

— O que estou fazendo aqui? — consegui formar a frase, para a garota a minha frente, que me encarava como se eu fosse uma alienígena.

— Luiza, você não se lembra? — Balancei minha cabeça, negando. — Sabe quem sou? — Neguei novamente e ela me deu um sorriso simpático. — Sou Jéssica, sua melhor amiga. Você sofreu um acidente.

— Acidente? — Eu ainda me sentia confusa.

— Preciso avisar ao médico que você acordou. — Observei enquanto Jéssica tocava a campainha, ao lado da minha cama. — Estou tão feliz por tê-la de volta, Lu. Foram longos seis meses de espera.

Seis meses?

— Eu não entendo — balancei minha cabeça, que começava a doer. — Eu estava de férias. — Meu raciocínio foi interrompido, quando um homem adentrou no quarto, acompanhado de uma mulher.

— Vejam quem voltou para nós — disse o homem, com um sorriso carinhoso. — Você nos pregou uma peça, menina Luiza. — Será que eu também o conhecia? Não me lembrava. — Sou o Dr. Otávio, responsável pelo seu caso. Estamos muito felizes que tenha acordado, mas preciso fazer alguns exames de rotina, testar seus reflexos e verificar possíveis sequelas. Ok?

— Ok. — Não entendia o que estava acontecendo, mas preferi me manter calma e cooperar com o doutor.

Mantive-me em silêncio enquanto o doutor me examinava e respondi algumas perguntas. Jéssica observava, preocupada. Eu estava tão confusa, tentei forçar minha mente a me lembrar do que havia acontecido enquanto estava de férias, mas nenhuma lembrança surgia. O doutor me

examinou e depois de algumas horas, após exames e diagnósticos, eu estava novamente na companhia de Jéssica.

— Por favor Jess, preciso saber o que houve — implorei chorosa, lembrando-me do apelido carinhoso de minha amiga.

— O doutor me proibiu, Lu. Ele pediu para não te sobrecarregar de informações e...

— Foda-se o doutor! — reclamei, fazendo-a rir.

— Aos poucos você vai voltando a ser a Luiza de sempre. — Aproximou-se e sentou ao meu lado na cama, segurando uma de minhas mãos. — Eu fiquei tão preocupada. Você nos deu um grande susto.

— Desculpe, não consigo me lembrar. Como foi que aconteceu? Eu estava de férias, disso me recordo.

— Você sofreu um grave acidente com a *pick-up*, na antiga rodovia, a estrada estava bastante empoeirada, havia um buraco e ao desviar, a caminhonete bateu de raspão em um caminhão e você capotou. O motorista prestou socorro, mas a ambulância demorou a chegar no local. Você quase morreu, Lu. Muitas vezes, nos dois primeiros meses, cada dia era uma vitória. Te ver em uma UTI, sendo mantida por aparelhos... — Uma lágrima escorreu dos olhos dela, e senti que também estava prestes a chorar.

Eu quase morri.

— Não me lembro de onde estive nas férias.

— Você não chegou a sair da cidade, Lu. Seu acidente foi no mesmo dia em que pegou a estrada.

— Mas...

— Eu sinto muito. — Assenti em silêncio, tentando digerir a informação. — Descanse um pouco, vou para casa e mais tarde volto e passo a noite com você. Também preciso avisar o Tiago que você acordou, com a emoção do momento eu mal lembrei de chamar o médico — ela riu.

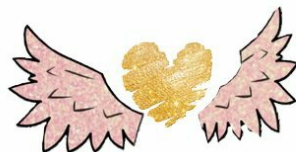
— Como ele está?

— Muito preocupado, veio te ver todos os dias. Mas por causa da oficina, não pode ficar muito tempo.

— Desculpe Jess — pedi, com a voz fraca. — Não queria trazer preocupações. Você e o Tiago são minha família, agora que eu não tenho mais ninguém.

— Eu te amo, Lu. Você é minha irmã. — Jéssica se aproximou e meu deu um abraço, mesmo me sentindo fraca, consegui retribuir.

— Eu também te amo. — Nos despedimos e logo que Jéssica deixou o quarto, uma enfermeira apareceu para me observar. O cansaço tomou conta de mim e dormi profundamente.



Duas semanas se passaram desde que acordei do coma. A fisioterapeuta me visitou todos os dias, logo voltei a andar sozinha. Minha memória retornou e infelizmente, algumas lembranças do acidente. O doutor Otávio me recomendou uma psicóloga de sua confiança e pediu que fosse vê-la, para evitar o estresse pós-traumático. Tiago e Jéssica eram os únicos autorizados a me visitar e apareciam todos os dias. Fiquei muito feliz e emocionada ao rever o homem que se tornou minha figura paterna, depois da perda de meus pais.

Assim que recebi alta, eles me levaram para casa. Queria dormir em minha cama e cuidar do Pou. Jéssica foi muito atenciosa comigo, ela quem cuidou do meu gato durante os meses que estive no hospital. Também cuidou de minha casa, para que quando eu retornasse, tudo estivesse em perfeitas condições. Nos momentos mais difíceis é que descobrimos nossos verdadeiros amigos. E na minha vida, eu só tinha Jéssica e Tiago. Não podia mais contar com meus pais, pois haviam partido cedo demais. Tinha conhecidos e colegas, mas amigos eu contava nos dedos de uma única mão.

Jéssica transmitiu os recados das meninas da clínica de estética, com quem eu trabalhava, inclusive minha chefe, que avisou que eu seria bem-vinda de volta, assim que estivesse preparada. O pessoal do bairro mandou abraços e alguns até enviaram flores com bilhetes simpáticos, desejando melhoras. Era bom receber carinho e atenção, me senti sozinha muitas vezes, mas no momento em que estive hospitalizada, todos se preocuparam com meu bem-estar e torceram por minha recuperação.

— Lar, doce lar! — comemorei assim que entrei em casa, olhando em volta, feliz que tudo estava como me lembrava.

— Filha, tem certeza que não quer que a Jéssica durma aqui com você? Eu posso me arranjar no sofá, também.

— Não precisa Tiago. Eu estou bem, se precisar de qualquer coisa, telefone. — Olhei para Tiago, que colocava algumas sacolas em cima da mesa da cozinha.

— Tudo bem, você é quem manda — conformou-se. — Mas ligue do residencial, porque o seu celular foi destruído no acidente.

Eu não me importava com as coisas que perdi no acidente, o mais importante é que havia sobrevivido. Mas a lembrança da *pick-up* deixou-me nostálgica, era a herança que meu pai havia deixado.

— Tiago, o que aconteceu com meu carro?

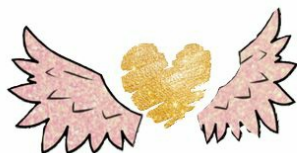
— Não se preocupe Luizinha. Vou consertá-lo para você. O acidente foi grave, mas a *pick-up* não teve perda total, vou restaurá-la e deixá-la como era quando seu pai a dirigia. —

Meu amigo se aproximou, sorrindo de forma carinhosa, como eu estava habituada a ver.

— Nem sei como te agradecer...

— Não agradeça, é um presente de boas-vindas. Estou mais do que feliz por te ver bem. Estive com o coração na mão por seis longos meses, agora que está em casa, consigo dormir em paz.

Nos despedimos e fiquei sozinha. Jéssica ainda não havia trazido o Pou, passaria minha primeira noite em casa, sem companhia. Tomei banho, deliciando-me com meu chuveiro e vesti um pijama. Deitei-me, exausta, aproveitando a sensação de conforto do meu colchão. Fechei meus olhos e fiz minha oração do Santo Anjo, antes de dormir.



A semana passou rapidamente, com Tiago e Jéssica me visitando todos os dias. Também recebi algumas colegas do trabalho e minha chefe, que me trouxeram flores e uma linda cesta de café da manhã. Estava ansiosa para retornar ao trabalho e na próxima segunda-feira, retomaria as minhas atividades na clínica.

No sábado pela manhã, resolvi sair um pouco para espairecer. Sentia-me bem-disposta e saudável, as dores no corpo desapareceram, mas ainda tomava alguns medicamentos e fazia exercícios recomendados pela fisioterapeuta. Fui até o mercadinho da Dona Magnólia, aproveitei para fazer compras e repor meu estoque de comida. Algumas pessoas me paravam para conversar e abraçar, típico de cidade pequena, onde todo mundo conhece todo mundo.

Na volta para casa, decidi passar pela oficina do Tiago e ver como estava a minha *pick-up*.

— Ei, senhorita! Deixe-me ajudá-la. — Uma voz masculina me assustou.

Dei um pulo para trás, na defensiva. Não esperava que alguém, além do Tiago, estivesse na oficina. Ele costumava dar folga aos funcionários nos finais de semana. Eu me atrapalhei com as sacolas, ao abrir o portão, abaixei-me para juntar uma das que havia caído no chão, mas o rapaz veio em meu auxílio e a pegou antes de mim.

— Desculpe sou uma desajeitada.

O homem me encarou de um jeito estranho, curioso até. Mas seu sorriso era magnífico e acabou me contagiando.

— Eu te assustei, perdão.

— Tudo bem, não foi nada. — Estendeu-me a mão livre, para pegar as sacolas que segurava. Cansada, aceitei a gentileza e entreguei a ele.

— Onde está o Tiago?

— Está lá dentro, mexendo na *pick-up*. — Apontou para o galpão fechado.

— Obrigada, vou lá falar com ele.

— Você é filha do Tiago? — O homem me seguiu, carregando minhas sacolas.

Virei-me rapidamente para trás, antes de responder.

— Não, mas é como se fosse. — Entrei no galpão e fui até onde meu amigo estava. Senti um calafrio percorrer meu corpo ao ver meu carro bastante danificado. — Oh meu Deus!

— Luizinha! Você não devia estar aqui, filha — ralhou, mas sua voz soou preocupada. Levantou-se imediatamente, largando sua ferramenta no chão e preocupando-se em limpar suas mãos em uma toalha. — Não queria que visse a *pick-up* nesse estado.

— Como sobrevivi a este acidente? — Continuei com meus olhos fixo no carro, chocada com a aparência destruída.

Tiago correu para o meu lado e me amparou antes que eu caísse, devido a súbita tontura que senti. O mal-estar foi causado pelo choque de ver a antiga *pick-up* do meu pai em estado lastimável. Caminhamos até uma cadeira e ele me colocou sentada, ajoelhando-se ao meu lado. O homem que havia me ajudado com as sacolas, observava a cena, calado.

— Gabriel, vá buscar um copo d'água para a Luiza, por favor.

— Sim, senhor! — Saiu correndo.

— O que veio fazer aqui, Luiza? Devia estar descansando.

— Eu descansei por seis meses, estou bem — resmunguei.

— Menina teimosa!

Gabriel retornou, trazendo um copo de água. Bebi tudo e entreguei-lhe o copo.

— Obrigada.

— Está melhor? — quis saber.

— Estou sim, foi só um susto. — Sorri. Ele parecia mesmo preocupado.

— Não venha mais à oficina, até que o carro fique pronto — pediu Tiago.

— Ok.

— Gabriel vai levá-la pra casa, estou aguardando um cliente que está a caminho.

— Não é necessário, já disse que estou bem — reclamei, levantando-me.

Tiago revirou os olhos e Gabriel se aproximou.

— Eu te levo, menina Luiza. Vamos.

Sem opção, segui Gabriel até a caminhonete da oficina. Ele depositou as sacolas no banco de trás e em seguida abriu a porta do carona, para que eu entrasse. Dirigiu em silêncio. Foi constrangedor, parecia que queria me dizer algo, e às vezes o flagrava me olhando disfarçadamente, mas por fim se manteve quieto.

— Venha, entre — convidei, assim que chegamos.

Era o mínimo que poderia fazer, afinal, ele estava sendo gentil, carregando minhas compras e me trazendo até em casa. Tudo bem que eu não o conhecia, mas se trabalhava com o Tiago, era digno de confiança.

— Aqui estão suas compras. — Colocou as sacolas em cima da mesa, na cozinha.

— Valeu.

— Sua casa é muito fofa, menina Luiza — comentou, olhando em volta. Ele não parava de sorrir.

— Por favor, apenas de Luiza. Eu não sou uma menina. — Não quis soar arrogante, mas nós parecíamos ter a mesma idade, ou quase. Ele não era tão mais velho do que eu, para me chamar de menina.

— Foi mal, é que não sabia como chamá-la.

— Agora já sabe, menino Gabriel.

— Apenas Gabriel, por favor — pediu, imitando minha indignação anterior.

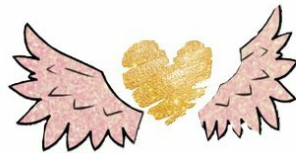
— Agora estamos falando a mesma língua.

— Tenho que voltar ao trabalho. Foi um prazer conhecê-la, Luiza.

— Obrigada por me trazer, também foi um prazer conhecê-lo, Gabriel.

Ele acenou um tchau e foi embora. Fiquei parada na porta, observando-o. Antes de entrar na caminhonete, ele parou. Sua expressão não era mais sorridente.

— Sinto muito que as coisas tenham acontecido desse jeito. Mas não fique triste, tem muita coisa boa para acontecer na sua vida. Basta ter paciência e esperar o momento certo chegar. — Entrou na caminhonete e foi embora, sem me dar a chance de interrogá-lo.



CAPÍTULO *vinete e sete*

“No primeiro instante, vi que era amor
No momento em que a gente se encontrou
No segundo instante, vi que era você
Já te amo tanto sem te conhecer”

(Jorge & Mateus)

um mês depois

— Caramba, Luiza! — reclamou Jéssica. — É Gabriel pra cá, é Gabriel pra lá. Estou começando a ficar com ciúmes.

— Deixe de drama, Jess. Você sabe que é e sempre vai ser a minha melhor amiga.

— Não sei, estou desconfiada que esse tal de Gabriel veio para roubar o meu lugar.

Soltei uma gargalhada. Estávamos em minha casa, assistindo a um filme. Era sexta-feira e tínhamos combinado de passar o fim de semana juntas. Jéssica estava dando crises de ciúmes, por causa de minha amizade com Gabriel. É verdade que eu e ele nos aproximamos desde que nos conhecemos, ele estava sendo um ótimo amigo, me fazendo companhia e conversando muito. Minha amiga se recusava a conhecê-lo, até tentei convidá-la para os jantares que fazia em minha casa, quando recebia Gabriel. Mas ela era orgulhosa e se negava a aceitar que eu tivesse outro amigo além dela.

— Deixe de ser boba, garota!

Jéssica mostrou a língua e logo depois jogou um punhado de pipocas em minha direção.

— Deixe de ser vaca, sim? — Provoquei.

— Ei, queridinha! Você sabe com quem está falando? — fingiu-se de indignada.

— Com a vaca Jéssica.

A voz de *Jason Derulo* soou no ambiente. Jéssica e eu começamos a cantar junto com o toque do telefone.

— *Wiggle, wiggle, wiggle!* — Procurei meu celular enquanto minha amiga dançava pela sala.

— Quem será, a esta hora? — perguntou.

— Esse é o toque especial para quando o Gabriel me liga. Foi ele quem escolheu. — Ela parou de dançar e se jogou no sofá, com cara de poucos amigos. — Porcaria! Onde foi que escondi meu celular? — Finalmente o encontrei na mesa da cozinha e atendi rapidamente. — Ei, deve ser importante, já que insistiu na chamada.

— Boa noite para você também, menina Luiza. — A risada do outro lado da linha era contagiante.

— Boa noite, menino Gabriel. Em que posso ser útil?

— Você pode ser muito útil, levantando a bunda deste sofá para me encontrar no Quiosque. Tem música ao vivo, sabia?

— Oh, sim. Eu sei. — Olhei para Jéssica deitada no sofá, devorando o restante da pipoca. — Hoje não vai dar, Gabriel. A Jess está aqui em casa, sabe como ela reage quando deixo de fazer algo com ela, para estar contigo.

— Quer saber? Vamos acabar logo com essa palhaçada — ele disse, bem-humorado. — Passe o celular para sua amiga, quero falar com ela.

— Falar o quê?

— Confie em mim, e vai pensando na roupa que quer vestir.

— Ok. — Caminhei de volta para a sala e entendi o celular na direção de Jéssica, que franziu a testa. — Gabriel quer falar com você.

— Comigo? O que ele quer?

— Descubra você. — Dei de ombros.

Deixei minha amiga sozinha na sala e fui até o quarto, para escolher uma roupa. Não sabia explicar como, mas tinha certeza que Gabriel convenceria Jéssica a ir comigo ao Quiosque. Já fazia um bom tempo que não ia até lá, era um barzinho bastante aconchegante, o *point* da cidade.

Ao abrir meu guarda-roupa, procurei por algo que me agradasse. Um vestido azul chamou minha atenção, pois eu sabia que não tinha nenhuma peça de roupa naquele tom.

Como isso veio parar aqui?

O comprimento era mediano, um pouco abaixo do joelho. O corte em formato de coração, nas costas, era lindo e, a saia godê do estilo que eu gostava. Vesti-me e passei uma maquiagem leve, escovei meu cabelo e o preendi em uma trança que aprendi em um tutorial na internet. Calcei um par de sapatilhas, pois não estava mais habituada a usar salto alto. Olhei-me no espelho e após aprovar meu visual, voltei para a sala, onde encontrei uma Jéssica sorridente, ainda falando ao celular.

— Ok, bonitão. A gente se vê daqui a pouco.

Eu ouvi direito?

Enquanto eu fazia mil perguntas mentalmente, Jéssica encerrou a chamada e levantou-se apressada.

— Lu, você precisa me emprestar uma roupa.

— Por quê? — Sorri, maliciosa.

— Digamos que tenho um encontro — Ela revirou os olhos, mas não conseguiu esconder o sorriso travesso.

— O quê? Com quem?

— Com o menino Gabriel — Fitou-me por cima do ombro, indo em direção ao meu quarto.

Sem saber o que dizer, acompanhei minha amiga e sentei-me na cama enquanto ela procurava alguma roupa para vestir. Depois de dez minutos, Jéssica optou por uma regata branca, com detalhes étnicos, e um short jeans. Prendeu os cabelos em um rabo de cavalo e passou *gloss* de morango nos lábios.

— Vou usar minhas sandálias, já que o seu pé é menor que o meu.

— Você está linda, Jess.

— Você também, amiga.

Fomos até o Quiosque, no carro da Jéssica. Foram quinze minutos até chegarmos e assim que entramos, avistei Gabriel sentado a uma mesa. Ele me viu e acenou.

— Aquele é o Gabriel? — perguntou Jéssica, perplexa.

— Levante esse queixo e seque a baba que está escorrendo da sua boca — provoqueei.

— Ele é, definitivamente, o cara mais gostoso da face da Terra.

— Provavelmente, ele é. — Segurei a mão de minha amiga e fui até Gabriel, que nos aguardava de pé, com o seu sorriso incrível.

Ele me abraçou forte, levantando-me do chão por alguns segundos. Em seguida, olhou para Jéssica e fez o mesmo com ela, deixando minha melhor amiga sem reação.

— Você é a Jess, com certeza você é a Jess — disse animado. Ao colocá-la de volta no chão, estendeu sua mão em cumprimento. — Muito prazer, sou Gabriel.

Jéssica estava vermelha feito um pimentão.

— Eu sou a Jess — murmurou timidamente.

Tímida? Quem é você e o que fez com minha amiga?

Jéssica e eu sentamos lado a lado e Gabriel a nossa frente. O garçom nos atendeu e pedimos alguns drinks para iniciarmos a noite. Havia um cantor no pequeno palco, cantando música nacional em voz e violão. Reparei alguns conhecidos em volta, conversando animadamente, em grupos. O Quiosque era um lugar bastante frequentado pelos moradores, raramente se via alguém diferente por ali, todos se conheciam e eram cordiais uns com os outros.

Voltei minha atenção para meus dois melhores amigos, que conversavam, empolgados, sobre filmes de super-heróis, aparentemente, um gosto que tinham em comum. Estava impressionada com a espontaneidade com que agiam um com o outro. Quem não soubesse, jamais desconfiaria que era a primeira vez que se encontravam, agiam como se fossem velhos conhecidos e estavam se dando muitíssimo bem.

E pensar que a Jéssica não suportava quando eu pronunciava o nome de Gabriel. Que

ironia!

— Boa noite — uma voz rouca interrompeu a conversa dos meus amigos, que pareciam ter esquecido que eu estava presente.

Olhei na direção do homem, de pé ao lado de Jéssica e Gabriel. Assim que seus olhos, incrivelmente azuis, se encontraram com os meus, algo dentro de mim pareceu despertar. Nunca havia sentido nada parecido. Alto e forte, pele clara, cabelos castanhos, um pouco encaracolados. Não era apenas a aparência que me fazia voltar a atenção toda para ele, o homem tinha um sorriso mais perfeito que o de Gabriel, e eu estava completamente fascinada por sua presença.

Era tão lindo. Parecia um... Anjo. Um anjo com covinhas, jeans azul e uma camiseta branca que deixava seu belo corpo em evidência.

— Ei! — A voz de Gabriel me acordou para a realidade.

Era como se por alguns segundos, eu estivesse em uma espécie de limbo, uma realidade alternativa, uma dimensão paralela, onde tudo o que importava era o brilho no olhar daquele homem. Nunca reagi a alguém de forma tão instantânea como naquele momento. Parecia que meu corpo sabia que era compatível com o dele e assustei-me com a linha de raciocínio que estava seguindo.

Que besteira! De onde foi que tirei isso?

Era só um cara bonito, com um sorriso encantador, mas apenas um cara. Não havia nada de extraordinário.

Oh, para quem você está mentindo?

Senti um beliscão no meu braço e olhei para minha amiga, que estava rindo de mim.

— Levante esse queixo e seque a baba que está escorrendo da sua boca.

— Não use minhas palavras contra mim — reclamei. Franzi a testa e revirei meus olhos.

Jéssica mostrou a língua.

Que adultas!

— Garotas, quero que conheçam meu amigo. Ele é novo na cidade — explicou Gabriel. Apontando para Jéssica e logo depois para mim, fazendo as apresentações. — Estas são Jéssica e Luiza. Meninas, este é o Ângelo, meu melhor amigo.

Ângelo se aproximou de Jéssica e a cumprimentou com um típico aperto de mãos e dois beijos na bochecha. Logo depois foi a minha vez, e quando deu a volta na mesa, não sei porque, mas senti o ar desaparecer dos meus pulmões.

— Prazer em conhecê-la, Luiza.

Não pague mico, não pague mico, não pague mico!

— Prazer em conhecê-lo, Ângelo. Seja bem-vindo a nossa cidade — consegui dizer, sem gaguejar.

— Obrigado.

— Sente-se ao meu lado, Ângelo — convidou Gabriel.

Ele se sentou ao lado do amigo, ficando de frente para mim. Depositou o celular em cima da mesa e entrelaçou suas mãos.

— Vamos pedir algo para comer, já que a mesa está completa? — sugeriu Jéssica.

— Por mim tudo bem, estou mesmo com fome — respondeu Gabriel.

Pedimos porções de batatas fritas e filé mignon. Conversamos banalidades enquanto nossa comida estava sendo preparada, nesse meio tempo acabei descobrindo algumas coisas sobre o amigo do meu amigo. Ângelo era solteiro, estava há uma semana na cidade e prestes a inaugurar sua floricultura.

— Por que flores? — perguntei, interessada.

Ele sorriu, parecia envergonhado.

— Sou um romântico incurável, sempre gostei de ver as pessoas felizes ao lado de quem elas amam. As flores simbolizam perfeitamente o carinho e amor que uma pessoa sente por alguém. Elas fazem parte de momentos especiais, como se representassem a essência do amor. Seja um casal apaixonado, um amigo querido, um familiar. Até mesmo quando perdemos alguém, as flores simbolizam o amor e a saudade. É meio brega, eu sei, mas é o que sinto.

— Não, é perfeito — disse sem pensar.

Senti a perna de minha amiga me chutando por baixo da mesa, olhei discretamente para ela, que segurava uma risada.

— Eu te odeio — sussurrei.

— Você me ama — ela devolveu.

A noite estava bastante animada, comemos, bebemos e conversamos muito. Em algum momento, Jéssica pediu licença para ir ao banheiro. Continuei conversando com os rapazes, até Gabriel pedir licença, para também se retirar. Estava sozinha com Ângelo e comecei a suar frio, com medo de falar besteira ou apenas não saber como puxar assunto.

— É impressão minha ou parece que está rolando algo entre meu amigo e sua amiga?
— Ângelo quebrou o silêncio, para minha sorte.

— Oh, você também percebeu?

— Estava bem óbvio, para falar a verdade.

— Há algumas horas, ela não suportava ouvir o nome dele.

— Conhecendo Gabriel, pode ter certeza que eles não voltam para a mesa tão cedo.

Cobri minha boca com as mãos, abafando uma risada. Uma melodia bastante conhecida começou a tocar e Ângelo levantou, estendendo sua mão para mim.

— Dance comigo — convidou.

Como eu poderia recusar o convite, quando aquele sorriso, combinado aos seus olhos de safira, me hipnotizavam?

*“Meu caminho é cada manhã
Não procure saber onde estou
Meu destino não é de ninguém
E eu não deixo os meus passos no chão
Se você não entende não vê
Se não me vê, não entende
Não procure saber onde estou
Se o meu jeito te surpreende.”*

— Essa é minha música favorita — dissemos em uníssono, começando a rir da coincidência.

Ângelo segurou-me pela cintura com delicadeza. Meus braços estavam em volta do seu pescoço e nos balançávamos em ritmo lento. Havia outras pessoas dançando, mas era como se ali, naquele instante, estivesse apenas ele e eu.

— Você é tão bonita — sussurrou em meu ouvido, enquanto dançávamos.

— Obrigada. — Sorri, envergonhada.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Sim. — Meu coração estava prestes a sair pela boca.

— Não quero que se assuste com o que vou perguntar, mas tem a ver com tudo o que me faz sentir desde que te vi pela primeira vez, assim que cheguei aqui hoje.

— Tudo bem.

— Você acredita em amor à primeira vista?



CAPÍTULO *vinete e oito*

“Abro os meus olhos, hoje percebo que nada foi em vão
O sol que arde invade as janelas do coração
Eu sei que a vida vai ser bonita
E com o tempo eu volto a sorrir”

(Onze:20)

por gabriel

Finalmente eles se reencontraram. Missão cumprida. Ser testemunha de uma história de amor verdadeiro como a do Ângelo e Luiza, era com certeza o maior privilégio que tive durante meus muitos anos de vida. Ver um Cupido se apaixonar por uma humana e ir até as últimas consequências para viver este amor, era incrível. Mas nem por um segundo duvidei que fossem ficar juntos. Simplesmente tinha que ser. Eles nasceram um para o outro e a vida se encarregou de uni-los novamente.

Há muitos mistérios nesse vasto Universo, nem tudo pode ser explicado. Os anjos não deveriam se apaixonar. Não foram criados para esse propósito. Mas alguns privilegiados despertaram para o amor e encontraram suas almas gêmeas, no mundo humano. Não há como interferir, em algum momento acontece. Duas almas que se completam, mais cedo ou mais tarde irão se encontrar. E foi o que aconteceu aos meus queridos amigos. Eles não lembravam do que precisaram fazer para ficarem juntos. Mas ali estavam, dançando sua canção favorita, sorrindo um para o outro como adolescentes bobos. Talvez ainda não soubessem, mas em breve descobririam que aquela dança no meio do bar, era apenas o início de uma linda história de amor.

Talvez um dia eu também tivesse o privilégio de encontrar minha alma gêmea, receber minhas asas novamente me trouxe tal possibilidade. Fui perdoado pelos meus erros passados e recebi a missão de ser o anjo da guarda de Luiza até o retorno de Miniél, como Ângelo. Foi minha primeira missão, entregue em mãos pelo próprio Rei dos Anjos.

Avistei Haniel, um Cupido, misturado entre os humanos para observar meus amigos, certamente a pedido de Theliel. Ambos não precisavam ser despertados para o amor, pois o fizeram enquanto passaram alguns dias na Vila do Sol. Eles estavam se apaixonando novamente, bastou que eu os guiasse, sem interferir.

Caminhei até a porta dos fundos, que dava acesso ao estacionamento exclusivo para clientes. Havia combinado com Jéssica de nos encontrarmos lá, após eu verificar como andavam as coisas entre Ângelo e Luiza. Desde que conversei com ela ao telefone, revelando minha intenção de apresentar Luiza a um amigo meu, nos tornamos cúmplices e Jéssica me ajudou a completar minha última missão, antes de finalmente ir embora de Bela Vista. Dissemos que íamos ao banheiro, para que os dois ficassem sozinhos. Enquanto isso, nos escondemos para que pensassem que estávamos juntos, quando a intenção por trás de tudo, era que se conhecessem melhor.

A amiga de Luiza era linda, fiquei admirado com seus olhos cor de mel e os cabelos dourados caindo-lhe sobre os ombros. Mas não era apenas a beleza física que me agradava, ela era dona de uma aura iluminada, que irradiava bondade. Foi difícil disfarçar minha atração por

ela, mas eu não queria me meter em problemas novamente. Não depois de ter conseguido minhas asas de volta e a chance de poder encontrar minha outra metade. Trocar o certo pelo duvidoso? Não mais! Esperaria o momento certo, que poderia ser dali há dez anos ou dez séculos. O tempo já não importava, então reprimi minha luxúria.

Talvez eu nem tivesse uma alma gêmea, nem todos os anjos tinham este privilégio. Mas eu me sentia incompleto e tinha esperanças de que um dia encontrasse a outra metade de mim. Continuei caminhando até avistá-la sentada em um banco, mas meu sorriso se desfez assim que vi a expressão assustada em seu rosto. Havia algo errado.

— Jéssica, você está bem?

Ela levantou bruscamente e começou a se afastar de mim. Franzi a testa, tentando entender o que estava acontecendo.

— Não se aproxime — pediu, com a voz alterada.

— Jess, sou eu, Gabriel. — Talvez estivesse bêbada.

— Fique longe de mim.

— Não vou te fazer mal.

Ela parecia realmente perturbada com algo, encarava-me com incredulidade.

— Por que você tem asas?

— O quê? — *Será que ouvi direito?*

— Por que você tem asas, Gabriel? O que você é?

Olhei para minhas costas, pois não sentia o peso das asas. Eu tinha permissão para ficar entre os humanos, meu tempo de camuflagem havia sido estendido. Elas estavam ali, mas recolhidas, como ficavam quando um anjo se misturava entre os humanos, totalmente invisível aos olhos dos mortais.

— Você está bêbada, Jess. Não sabe o que está dizendo.

— Eu posso estar bêbada, mas não estou cega. Você tem a porra de um par de asas!

Não acredito que isso está acontecendo...



EPÍLOGO

“Um anjo veio me falar
O amor chegou pra mim
Veio me mostrar, um sonho não tem fim
E não importa quanto tempo vai passar,
Vou te esperar
E nunca foi tão forte assim,
Eu ouvir, um anjo me falar...”

(Rouge)

No momento em que te conheci, pensei: “Uau, acho que ela pode ser o amor da minha vida”. Você usava um vestido azul, seus cabelos ruivos presos em uma trança e o verde dos seus olhos, incrivelmente brilhantes. E quando você me olhou, foi como se nada mais importasse, meu cérebro enviava a mensagem para o meu corpo se mover, mas o meu coração se sobressaiu e insisti que eu ficasse ali, te contemplando. Sua voz doce me deu as boas-vindas, inicialmente à cidade de Bela Vista, mas o que desejei realmente, foi que você dissesse: “Bem-vindo a minha vida” ou “bem-vindo ao meu coração”. Nós mal nos falamos e eu já estava te amando. O quão maluco isso é? Não tem explicação, mas sempre soube que seria você. E hoje, quase dois anos depois da nossa primeira dança, nesse mesmo barzinho, estou realizando o sonho de tomá-la como minha esposa. E tudo o que mais quero é fazê-la completamente feliz.

Luiza Cristine de Souza, eu prometo amá-la, respeitá-la e protegê-la, até o último dia da minha vida. Prometo fazer o impossível para ver um sorriso brotar em seu rosto, até mesmo pela manhã, quando acorda de mau humor, ou quando tiramos par ou ímpar para decidir quem irá lavar a louça do jantar, e quando você perde, deixa para o dia seguinte, pois sabe que vou lavar para você. Quando a sua felicidade fugir do meu alcance, como no dia em que o nosso gato, Pou, faleceu, eu estarei ao seu lado, enxugarei suas lágrimas e cantarei aquela música do Capital Inicial, que você tanto gosta: “Era Ana Paula, agora é Natacha, usa salto quinze e saia de borracha”, e sei que mesmo triste, você vai sorrir, porque eu canto muito mal, mas você adora.

Obrigado por entrar na minha vida, por me deixar fazer parte da sua, por ser sincera e compreensível, por tentar falar menos palavrões, por fazer pipoca com calda de chocolate e me ver comendo tudo sozinho, quando está em suas dietas loucas. Mas acima de tudo, por me tornar completo.

Eu sei que meus votos excederam o tempo combinado no ensaio, mas antes de te ouvir dizer sim, e eu espero que você diga, precisava tentar colocar em palavras todos os meus sentimentos em relação a você. Eu não consegui completamente, mas prometo que passarei todos os dias de nossas vidas juntos, a te mostrar.

Eu te amo, Luiza. Você diz que eu sou o anjo que caiu do céu, diretamente para a sua vida, mas se existe algum anjo nessa história, com certeza é você.

As palavras ditas pelo meu marido no dia do nosso casamento, tornaram-se inesquecíveis, assim como todos os momentos que passamos juntos desde que nos conhecemos. Desde aquela noite, no Quiosque, Ângelo começou a fazer parte de minha existência. Jamais imaginei que viveria um amor tão puro, tão intenso e verdadeiro.

Gostaria que meus pais estivessem vivos, mas sei que onde quer que eles estejam, sabem que estou feliz.

— Dá para acreditar? Estamos de férias! — comemorei, olhando meu marido dirigir nossa velha pick-up, rumo ao Vale do Sol.

— Acho que merecemos, nos casamos há um ano e só agora estamos viajando em lua de mel — disse ele, atento ao trânsito.

Aumentei o volume do rádio, para ouvir *Luke Bryan* cantar o meu trecho favorito, da música *My First Love Song*:

*“Querida, eu não sei quem sou
Você me deu seu amor e isso me acordou
E me fez consciente de algo mais profundo
Algo que tenho
Uma vida que quero compartilhar
E eu me lembrarei disso enquanto eu viver
Cada nota, cada palavra, cada beijo...”*

Foi a música que Ângelo colocou para tocar, no dia em que me pediu em casamento. Fizemos um piquenique e logo começou a chover, corremos para dentro da minha *pick-up*, ele ligou o rádio e me puxou para fora do carro, me convidando para dançar na chuva. Após a música terminar, ajoelhou-se o que foi bastante engraçado, pois estávamos em uma poça d’água. Mas fez o pedido, não hesitei em dizer sim, pois tinha certeza que o amaria pelo resto da minha vida.

— Estou ansiosa para termos nossa lua de mel, mas não vejo a hora de rever a Jess e o Gabriel. Nem acredito que tiveram um bebê antes de nós!

A risada de Ângelo ecoou pelo carro.

— Pela maneira como eles se olhavam, sorte da Jess que um bebê leva nove meses para nascer, ou então eles já teriam uns oito filhos.

— Não acredito que você disse isso! — Dei um tapinha em seu braço. Geralmente, eu era a responsável por fazer as insinuações maliciosas.

— A tensão sexual paira no ar quando aqueles dois estão no mesmo ambiente — Ângelo, mantendo o bom humor. — Sinceramente, não sei como eles administram a Pousada Dois Corações, devem passar a maior parte do tempo no quarto.

— Ângelo!

Ele não parava de rir. Esse era apenas um dos muitos momentos alegres que compartilhávamos. Estávamos indo passar uma semana de férias, na Pousada Dois Corações. Era uma bela propriedade, localizada em uma pequena cidade litorânea, chamada Vila do Sol. Gabriel e Jéssica haviam se mudado para lá após se casarem, o que surpreendentemente aconteceu um ano antes de Ângelo e eu oficializarmos a nossa união. Nosso amigo herdou a pousada e resolveu administrá-la ao invés de vendê-la. Jess descobriu que estava grávida pouco tempo depois de se mudarem. A pequena Clara tinha apenas dois meses de vida e eu ansiava por conhecê-la pessoalmente. Nossos melhores amigos haviam nos convidado para sermos os padrinhos e estávamos radiantes. Infelizmente, devido a correria com a floricultura, meu marido e eu não conseguimos acompanhar de perto a gravidez da Jess, mas nos comunicávamos através de chamadas de vídeo, pelo computador, onde ela exibia sua barriga linda e Gabriel fazia expressões apaixonadas, de um futuro pai babão. Estava tão orgulhosa dos meus amigos, feliz pela felicidade deles.

Sorri ao lembrar do resultado do meu exame de sangue. Aquela pequena viagem seria a oportunidade perfeita para contar a Ângelo, que dentro de sete meses, também seríamos pais.

— Cada vez que você sorri desse jeito, eu me apaixono ainda mais por você — murmurou ele, sem desviar a atenção da estrada.

— Como sabe que estou sorrindo? — Franzi a testa.

— Porque você exala uma energia tão positiva, é como se eu pudesse inalar junto com o ar, toda a essência do seu sorriso.

— Essa foi uma das teorias mais malucas que você já criou, mas muito fofa.

— A especialista em teorias malucas é você, meu anjo.

— Pode ser, mas você está ficando muito bom nisso.

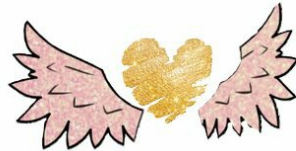
— Aprendendo com a melhor.

— Tudo bem, aceito sua teoria, já que acreditou quando eu disse que nossas almas se reconheceram de uma outra vida.

— Ah, eu acredito sim.

Aproximei-me do meu marido, pousando minha cabeça em seu ombro. Fechei meus olhos e sorri.

— E esse é apenas um dos motivos pelo qual eu amo você!



BÔNUS

por gabriel

Se pudesse voltar no tempo — mas não podia— não teria sido diferente. Sei que fiz escolhas erradas e cometi pecados, mas tudo o que fiz, certo ou errado, era parte de quem me tornei.

Sentado na areia fina, no pequeno balneário da Vila do Sol, observei a estrela de fogo nascer no horizonte, enquanto as ondas quebravam na beira da praia. Não havia ninguém por perto, além de mim e uns três pescadores solitários. Fechei meus olhos e tentei me lembrar dos tempos antigos, quando ainda possuía um par de asas magnífica e o poder de entrar no sonho das pessoas para transmitir as boas novas.

Eu fui um anjo. Mas havia me tornado um ser humano solitário, condenado a viver o resto dos meus dias sem amor.

Que decadência!

Ser humano, com vida finita, não era ruim. Mas viver sem a metade de minha alma, era o pior dos castigos. Um homem pode acreditar que ter todas as mulheres aos seus pés é o paraíso na Terra. Mas eu, que já conheci os quatro cantos deste planeta, em diferentes épocas, sabia que o paraíso verdadeiro não era um lugar, mas um sentimento: Amor.

— Vejo que não fugiu para tão longe, pensei que tivesse saído da cidade — disse o homem, anunciando sua presença.

Sorri e balancei minha cabeça lentamente.

Não éramos exatamente amigos, acho que ele nem gostava de mim. Mas a metade da sua alma, sim. Havia se tornado uma querida amiga.

Era uma linda ruiva de grande coração. Amava-o da forma mais pura, mesmo que tivesse medo de não ser suficiente. Eu sabia que era, não precisava dos meus antigos dons para perceber. Bastava olhar em seus olhos verdes esmeraldas.

— Miniél — falei seu nome em voz alta.

— Gabriel.

Convidei-o a se sentar ao meu lado na areia. Ficamos em silêncio por algum tempo, encarando as ondas quebrarem na beira da praia.

— Lembrou de tudo? — Ele assentiu. — E contou a Luiza o que ela precisa fazer?

— Vou contar hoje.

Fiquei em silêncio, pensativo. Nostálgico, para falar a verdade. Miniél era um Cupido. Um anjo cujo a missão era despertar os humanos para viverem o amor, induzi-los a encontrarem suas almas gêmeas. Porém, ele havia se apaixonado por uma humana. Enquanto eu daria tudo para me tornar um anjo novamente, ele estava deixando de ser um.

— Preciso que me ajude.

— Que tipo de ajuda?

— Vá para Vila Bela e se instale por lá.

— Por quê? — Franzi a testa, estranhando seu pedido.

— Cuide de Luiza quando eu não mais estiver aqui.

— Ela não vai lembrar da sua existência, nem da minha.

— Eu sei, mas preciso saber que terá alguém para protegê-la enquanto eu não estiver com ela. E esse alguém tem que ser você, Gabriel.

Por mais que gostasse da garota ruiva, não era certo que interferisse na missão de Miniél. Ele havia encontrado sua alma gêmea, porém teria que ficar longe dela até que voltassem a se reencontrar, onde ele já não seria um anjo, mas um ser humano. Não havia como prever quando o momento certo chegaria, teriam que confiar no amor que sentiam um pelo outro, e mesmo que não se lembrassem do que viveram nos últimos dias, suas almas se reconheceriam e tudo ficaria bem.

Era assim que funcionava para os Cupidos, a única hierarquia dos anjos que tinha o privilégio de se tornar mortal, sem depender do amor incondicional de sua alma gêmea. Mas precisavam morrer, para renascer...

Miniél queria ter certeza de que sua amada ficaria bem, enquanto não se reencontrassem. Eu era o único elo entre os dois, a única pessoa que testemunhara a história de amor entre um Cupido e uma humana. Algo que nunca havia acontecido antes.

— Não pertenço mais a hierarquia.

Eu era sua única opção.

— Você era um anjo mensageiro, Gabriel. Tudo o que precisava fazer era entrar no sonho das pessoas e passar a mensagem que lhe pediam para entregar. A vida humana te seduziu e parou de cumprir sua tarefa, deixou missões de lado para se divertir. Não estou pedindo que seja

o anjo da guarda, dela. Apenas que seja seu amigo.

Me remexi na areia, incomodado por ter me tornado o assunto da conversa.

— Não precisa relembrar meus erros, sei o que fiz e aceitei minha punição. Como você acha que é viver sem amor? Sem saber que sua alma gêmea pode estar diante dos seus olhos, mas não ser capaz de reconhecê-la. É o inferno, fique sabendo.

E era mesmo. Mulher alguma conseguia suprir minha necessidade. O sexo não era perfeito, porque era vazio.

— Desculpe.

Nunca havia conversado com alguém sobre como me senti durante os anos de destituição. Ninguém sabia sobre a existência dos anjos, ao menos, não comprovadamente, então revelar minha antiga vida nunca foi uma alternativa a se pensar. Miniël era a pessoa mais próxima de um amigo, ou pelo menos, um ouvinte que não surtaria com meus devaneios.

— Tenho andado por todos os lugares, conhecido muitas mulheres, me divertindo temporariamente. Mas sentir? Prazer não é superior ao amor, eles precisam andar de mãos dadas para me trazer felicidade. Eu tenho prazer, mas não tenho amor. Isso não me alimenta o suficiente. É como comer, comer e comer, mas continuar com fome. E eu tenho tido fome, Miniël. Fome de amor. Seres como nós não deveriam se apaixonar, mas como explicar o fato, de que aqui na Terra, existe uma metade que nos completa? E nunca serei capaz de encontrar essa parte de mim.

— Eu sinto muito.

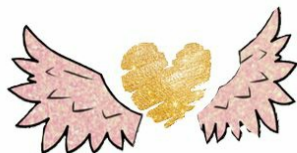
Suspirei forte e cobri meu rosto com as mãos.

— Eu também.

Luiza amava Miniël. Foram feitos uma para o outro. Mesmo que não devesse interferir, já tinha feito. Eu a guiei em alguns momentos, a aconselhei. Não como anjo, mas como um amigo. O que fiz não poderia ser considerado interferência, porque há muito tempo eu não recebia uma missão. Minhas asas já não me pertenciam, mas o livre arbítrio ainda era meu. Foi então que fiz minha escolha e jamais pensei que ela seria o motivo da minha redenção:

— Tudo bem. Eu vou. Não tenho mais nada a perder. Torço para que tudo dê certo entre vocês.

— Obrigado, Gabriel. Luiza o tem como um amigo e agora eu também.



Caminhei sem rumo pela praia, tentando adivinhar como seriam as coisas dali por diante.

Eu estava prestes a ir embora do meu porto seguro, o lugar que escolhi para viver meus dias solitários, e que jamais pensei em abandonar.

Vila do Sol aconteceu por acaso, na verdade, não foi eu quem a escolhi, mas ela quem me escolheu.

Quando perdi minhas asas, vaguei sem rumo por muitos anos, sabia que havia me tornado um mortal, mas nunca compreendi o fato de viver por tanto tempo e não envelhecer. Questionar nunca foi uma opção, eu adoecia e sentia dor, sangrei muitas vezes e em algumas outras, pensei que meu fim estivesse próximo. A famosa luz no fim do túnel — não aquela que significa solução, mas o ponto inicial do outro lado da vida — me apareceu inúmeras vezes, mas nunca cheguei a alcançá-la.

Em minha vida humana, eu tinha a idade de trinta anos, e assim permanecia, sem saber o porquê. Há pouco mais de três, simplesmente amanheci nas areias daquela praia. Fui encontrado por Joelma, dona da Pousada Dois Corações, e ela me acolheu. Eu não possuía documentos e não sei como, a gentil senhora me tornou seu filho, com direito a nome na certidão de nascimento. E foi assim que ganhei meu emprego de recepcionista. Ela precisava de um homem para o turno da noite, pois sua filha Bety estudava e a senhora estava esgotada de tantas responsabilidades. Um homem seria de grande ajuda, não apenas na recepção, mas em algumas tarefas onde o serviço braçal precisava ser masculino. Eu gostava muito do meu emprego, embora na baixa temporada fosse um pouco tedioso. Tornei-me um cidadão e criei raízes na cidadezinha litorânea.

As turistas permaneciam tempo o suficiente para uma aventura, mas não o bastante para algo duradouro. Não que eu quisesse. Não com elas. Era divertido, mas não o que eu procurava. Desejava algo que sabia não ser possível encontrar. Não mais. Junto com minhas asas, perdi a capacidade de reconhecer minha alma gêmea. As vezes dizia a mim mesmo que tudo bem, mas sabia que no fundo, não estava. Principalmente trabalhando naquela pousada, tendo que sorrir para casais apaixonados em lua de mel, quase o tempo todo.

Viajei poucas vezes, mas ser um mortal trazia desvantagens para quem estava acostumado a nunca se ferir, adoecer ou sentir dor. Decidi retornar ao balneário pacato e sossegado, longe dos riscos que uma cidade grande trazia.

— Bons tempos — murmurei, chutando a água do mar.

Eu era apenas uma gota do oceano. Tinha fé no Criador, acreditava e sentia Sua existência. Podia ser um anjo destituído, mas ainda era fruto do Seu amor incondicional. E rezava todos os dias, agradecia, pedia perdão, fazia minhas preces e mantinha viva a crença de que nunca, por mais que me sentisse só, estava sozinho. Ainda olhavam por mim lá de cima, alguns aqui embaixo.

Ter o privilégio de reconhecer anjos era a benção que não me foi tirada. Fui um deles e reconhecia um deles em qualquer lugar. Foi assim que identifiquei Miniél, quando ele e Luiza apareceram na pousada. Na ocasião, ele não lembrava que era um anjo, mas eu soube assim que o vi. E Luiza também, embora fosse humana. Como sua alma gêmea, as asas que ele não podia ver se revelaram para ela.

Resolvi subir a trilha no meio da mata que levava até uma colina, um dos cartões postais

do balneário. Andei depressa, ainda era cedo, mas logo os turistas estariam por ali. Queria ficar sozinho, precisava pensar, meditar. Levei uns vinte minutos para chegar até a grande rocha. Sorri amargo. Em outra época, poderia saltar tão alto que nem precisaria usar minhas asas para atingir a superfície da rocha, mas atualmente era impossível tal proeza. Depois que me tornei humano, rapel não era meu esporte favorito. Tudo o que fui capaz de fazer, foi vestir luvas de boxe e dar algumas pancadas no saco de areia na academia local, nem o surf tive coragem de praticar. Morrer afogado não devia ser agradável, eu tinha dias contados, preferia evitar os perigos. Talvez fosse covardia, mas preferia chamar de precaução.

— Gabriel — uma voz melódica me chamou.

Minha pele se arrepiou imediatamente. Aquela voz era conhecida. Suave, ecoava como uma música e ao mesmo tempo afiada como a espada mais mortal.

Não pode ser, ele não... Por quê?

— Mantenha a sua mente barulhenta em silêncio! Que bagunça emocional!

Aparentemente, seu humor não estava dos melhores.

— O meu estado de espírito não lhe diz respeito. Suas especulações diminuem gradativamente a minha vontade de ajudá-lo. Quanta petulância para um mortal que um dia foi um de nós.

— Perdão — consegui dizer, procurando o dono da voz.

— Irei me materializar assim que você parar de agir como um jornalista em busca de um furo de reportagem. Controle-se, Gabriel.

Eu queria pensar algo impróprio, mas ele estava no controle então preferi apagar qualquer vestígio de minha mente.

— Eu vi o que você pensou, antes mesmo de você pensar. Sente-se.

Senti meu corpo leve como uma pluma. Não lembrava qual era a sensação de ter o corpo se desfazendo da matéria e transportando-se para outro lugar. Engoli em seco, pisquei os olhos e me vi sentado na superfície da grande rocha.

— Metatron... — pronunciei em voz alta, o nome do Rei dos Anjos.

— É bom vê-lo novamente, Gabriel. — O Serafim materializou-se a minha frente, encarando-me com curiosidade.

— Fiz algo errado? — perguntei, mesmo sabendo que o estava afrontando. Metatron não gostava de ser questionado.

Seu sorriso não era o que esperava. Ele se sentou à minha frente, na mesma posição que eu, parecia estar imitando meus gestos. Afastei logo os pensamentos para não dar a ele a oportunidade de me repreender.

— A missão de Miniel está muito perto de ser concluída. O sacrifício irá acontecer hoje — revelou e eu sorri, sentindo-me feliz pelo casal apaixonado. — Ele te pediu que zelasse por

Luiza. — Não foi uma pergunta.

Assenti com a cabeça. Quando minha voz quisesse ser ouvida, certamente Metatron a solicitaria. Conversar com o Serafim, muitas vezes significava ouvir seu monólogo. Ele respondia as próprias perguntas, pelo simples fato de já saber as respostas.

— Você a guiou mais de uma vez — continuou —, o que pretendia com tal ação? Não é seu anjo da guarda. Responda.

— Ela é minha amiga, não a guiei. Eu aconselhei Luiza a não ter medo de seus sentimentos e lutar por sua felicidade.

— Você a orientou, Gabriel. A guiou, sem perceber. Mas não interferiu. Isso pesou para o lado positivo na balança da justiça.

Meu coração acelerou e acho que o sangue se esvaiu de meu corpo por alguns instantes.

Não pode ser...

— Sim, você estava sendo avaliado.

— Não consigo acreditar.

— Sabendo que não minto, você deveria repensar.

— É uma forma de expressão — justifiquei.

— Você é um príncipe, Gabriel.

— Não sou mais.

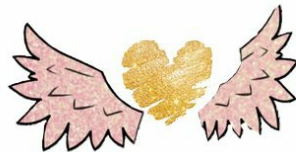
— Não me contradiga. Você foi o líder da hierarquia dos mensageiros. Sua punição nos feriu também. Perdeu suas asas, mas ainda é um de nós.

— Sou um destituído.

— Na verdade, você é um exilado. É por isso que não envelhece, não é um humano, embora se pareça muito com um.

— E o que isso significa?

— Significa que tenho uma missão para você, e que voltará a sentir o peso de suas asas novamente.



Não acredito que isso está acontecendo...

— Jess, você precisa se acalmar. — Tive receio de que ela armasse um escândalo e chamasse a atenção dos que estavam ali por perto.

— Eu estou calma, só não venha me dizer que sou maluca. Você tem asas, Gabriel. — Diminuiu o tom de voz, sabendo que aquele era um assunto impróprio para que outros ouvissem.

Ela estava realmente enxergando minhas asas.

Aquilo só podia ter um significado: Jéssica era minha alma gêmea.

Mas por que eu não a reconheci de imediato?

Sim, senti-me atraído por ela e muito tentado a seduzi-la, mas declinei-me da ideia para não tornar a cometer os erros do passado. Eu queria tanto encontrar minha outra metade, mas nunca pensei como seria quando acontecesse.

— Deixe-me te levar para casa, sim?

— Não! — Recuou. — Você vai ficar exatamente aí, bem longe. — Havia medo em sua voz.

Se ela era minha alma gêmea, por que tinha medo de mim?

— Eu não vou machucá-la, Jess.

— Sei que não, mas é que... — Pestanejou. — Estou com medo de chegar mais perto e continuar vendo o que estou vendo, assim distante, pensarei que é apenas uma alucinação. Eu não posso estar ficando doida.

— É isso o que acha? — Ela assentiu em silêncio, sua expressão chorosa. — E se eu disser que tenho asas, que você não está alucinando, o que vai fazer a respeito?

— Está dizendo isso para eu me acalmar...

— Posso me aproximar de você? Por favor, Jess.

Ela hesitou, mas quando deu alguns passos à frente, senti meu corpo relaxar. Jéssica fitava-me com demasiada curiosidade, os olhos semicerrados, perscrutando. Cortei a distância entre nós, ficando tão perto, quase ao ponto de nos tocarmos.

— Como elas são? — Queria que ela descrevesse o que via.

— São lindas. — Sorriu, emocionada.

Sem conseguir me conter, acariciei seu rosto com uma das mãos. Ela não estava com medo de mim.

— Você é linda.

O olhar de Jéssica, preso ao meu, revelou-me sentimentos tão fortes que meu coração se inundou de uma felicidade há muito tempo almejada. Aproximei minha boca da sua e a beijei, começando de leve, com receio de assustá-la, mas me aprofundando à medida que percebi a reciprocidade. Ela me segurou pela nuca, não querendo romper o contato e isso foi o suficiente

para eu me perder completamente. Quando afastamos nossos lábios, Jess me abraçou e por ser mais alto que ela, acabei por suspendê-la do chão ao envolver meus braços em torno de sua cintura. Ficamos assim, por algum tempo, sem dizer nada.

Reparei que alguém nos observava, do outro lado da rua. Era Haniel, o Cupido. Ele sorriu para mim e não levou mais que um segundo para eu entender que não era Ângelo e Luiza que vigiava, mas Jéssica. A alma gêmea de um Cupido não precisava ser despertada por uma flecha de amor, mas além dessa exceção, todos os seres humanos passavam pelo processo. Ele a flechou naquela noite e logo em seguida, ela enxergou minhas asas.

— Você é um anjo? — Sua voz doce despertou-me dos devaneios.

Contemplei seu sorriso e o retribuí, sentindo-me grato ao Criador por ter permitido que eu finalmente encontrasse minha alma gêmea.

— Talvez além de um anjo, eu posso ser o seu amor.

Sim, tinha ouvido aquela frase em uma música, mas ela representava tudo o que eu sentia naquele momento.





OBRIGADA POR LER!
ESPERO QUE TENHA GOSTADO!
QUE TAL DEIXAR SUA AVALIAÇÃO
NO SITE DA AMAZON?
É MUITO IMPORTANTE PRA MIM
SABER A SUA OPINIÃO!

... a baby
... She se
he time an
so
the
ha
rent
tri
hi
nd
ty
on
h
e
we have enjoyed t
to and the
h



Pedido especial

SE POR ACASO VOCÊ ENCONTROU ALGUM ERRINHO DE ORTOGRAFIA E GRAMÁTICA, PODE ME CONTATAR POR E-MAIL! ASSIM PODEREI FAZER A CORREÇÃO NO ARQUIVO! ÀS VEZES ESCAPA ALGUM DETALHE NA REVISÃO, UM OLHO A MAIS SEMPRE É BEM-VINDO! AGRADEÇO DESDE JÁ!

autora.evymaciel@gmail.com

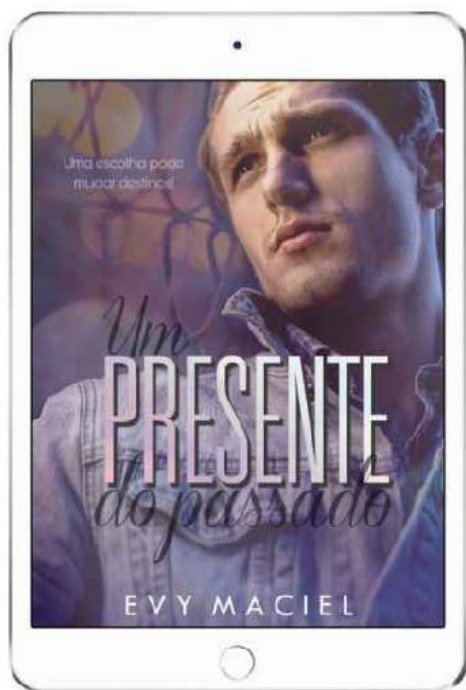
QUER FAZER PARTE DA MINHA LISTA DE TRANSMISSÃO NO WHATSAPP E FICAR POR DENTRO DAS NOVIDADES OU ME CHAMAR PARA BATER UM PAPO SOBRE O LIVRO?

TENHO UM NÚMERO EXCLUSIVO PARA ATENDER MEUS LEITORES!

(+55) 48 999 26 70 74

**DICAS DE
LEITURA!!**

**AGORA VOU TE
APRESENTAR
ALGUNS DOS
MEUS OUTROS
LIVROS! BÓRA?**



disponível pelo
kindleunlimited

**QUE TAL UM CLICHÊ
BEM MARAVILINDO?**

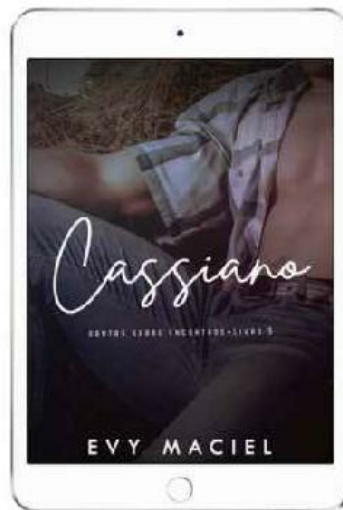
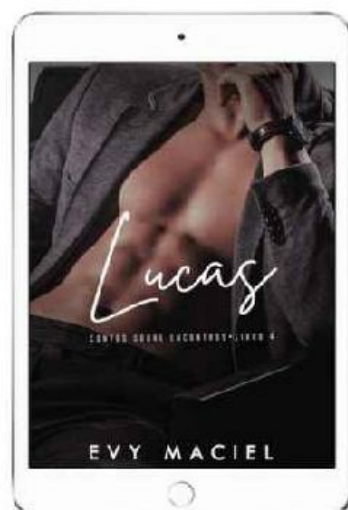
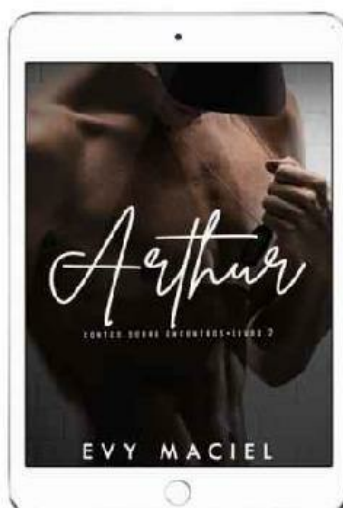
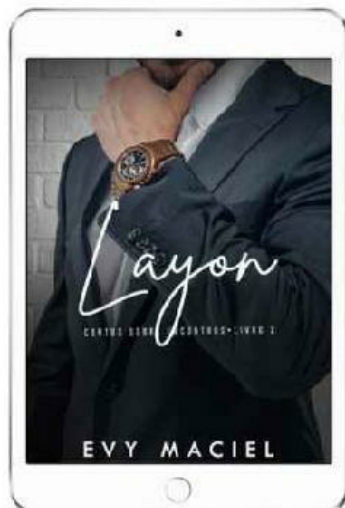
**O GAROTO POPULAR
E A GAROTA NERD
QUE SE APAIXONAM...
UMA EX NAMORADA
VINGATIVA...
MUITAS INTRIGAS...**

GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



<https://amzn.to/2TcRP6O>

VOCÊ GOSTA DE CONTOS?



**5 MANEIRAS DIFERENTES
DE SE APAIXONAR!**

GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



LAYON:

www.amazon.com.br/dp/B083ZJ48WZ

ARTHUR:

www.amazon.com.br/dp/B083ZQQLY4

PACO:

www.amazon.com.br/dp/B083ZRD6RX

LUCAS:

www.amazon.com.br/dp/B083ZRZTF4

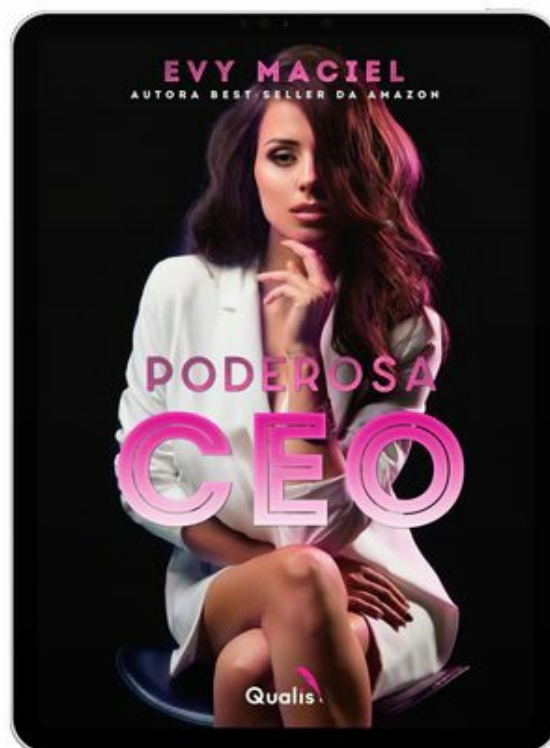
CASSIANO:

www.amazon.com.br/dp/B083ZSD1TH/

**QUE TAL UM
ROMANCE HOT
E BEM GIRL POWER?**



**A HISTÓRIA DE
JÉSSICA E ANDREI
É UM CLICHÊ ÀS
AVESSAS, ONDE
ELA É A CEO
FODONA, QUE SE
APAIXONA POR
UM CARA SIMPLES
E MUITO ESPECIAL!**



disponível pelo
kindleunlimited

GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



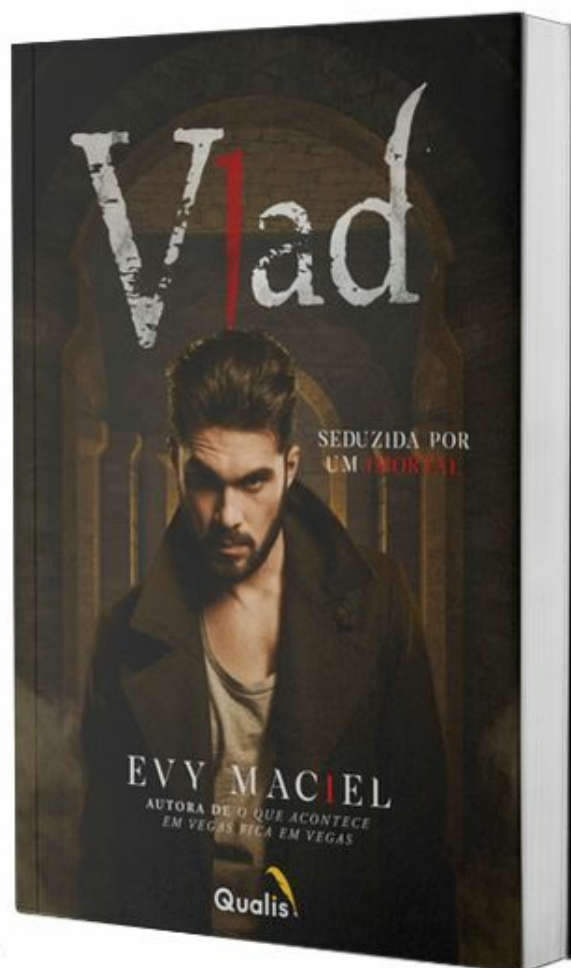
<https://amzn.to/2C2uFpX>

CURTE UM ROMANCE HOT

COM PEGADA SOBRENATURAL?



A HISTÓRIA DE
VLAD E VIKTÓRIA
É CHEIA DE
SEGREDOS E
MISTICISMO,
ONDE A LENDA DO
DRÁCULA É BEM
DIFERENTE DO
QUE JÁ CONTARAM...



disponível pelo
kindleunlimited

GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



<https://amzn.to/34jYVIO>

GOSTA DE ROMANCE HOT

COM SEGREDOS E AVENTURA?



A HISTÓRIA DE
SELINA FUENTES
É MARCADA POR
UMA GRANDE
CONFUSÃO, E A
COLOCA DIANTE
DE TRÊS HOMENS
MUITO DIFERENTES,
MAS IGUALMENTE
TENTADORES!



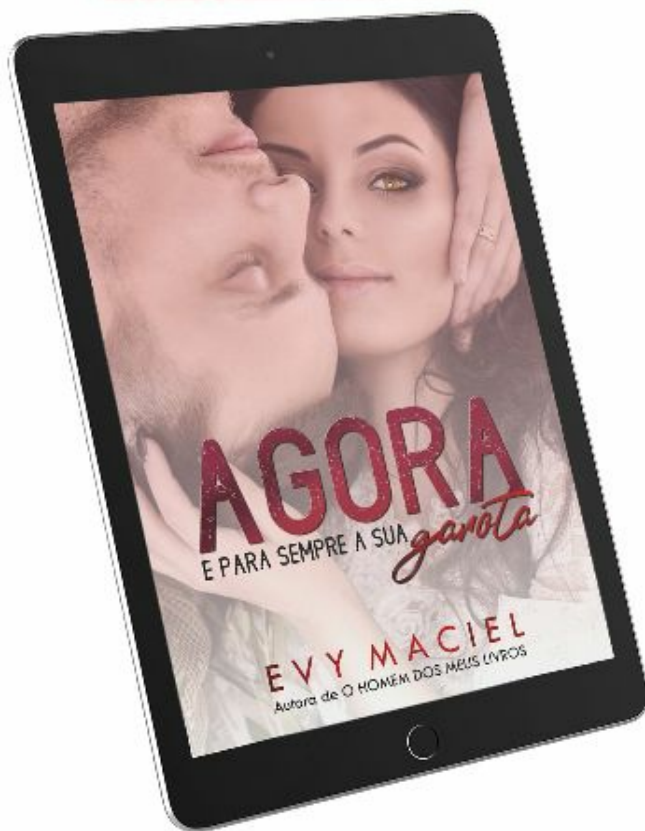
disponível pelo
kindleunlimited

GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



<https://amzn.to/32nyYH5>

**QUE TAL UMA
HISTÓRIA LINDA E COM UMA
PITADA DE DRAMA?
SIM! TEM FINAL FELIZ!**



**A HISTÓRIA DE
JOAQUIM E CAROL
É MARCADA POR
UMA TRAGÉDIA,
MAS PROVA QUE
O AMOR QUANDO
VERDADEIRO, É
CAPAZ DE VENCER
MUITAS BARREIRAS!**

disponível pelo
kindleunlimited

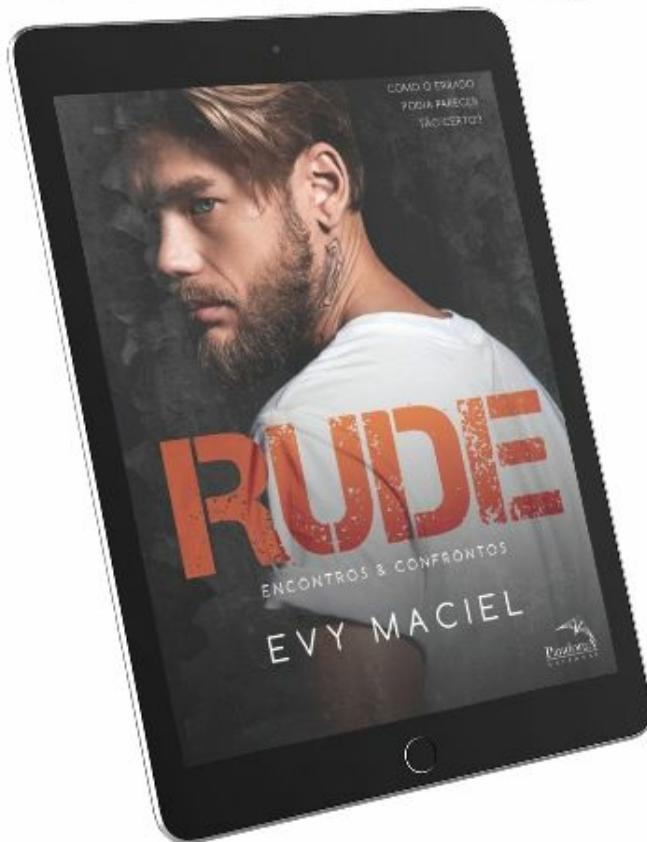


GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



<https://amzn.to/2JDqpBo>

**SUSPENSE E HOT
DE TIRAR O
FÔLEGO!**



**A HISTÓRIA DE
LÓTUS É UM
THRILLER COM
UMA TRAMA
QUE GIRA
EM TORNO DE UM
SERIAL KILLER...
UM ROMANCE
E CHEIO DE
MISTÉRIO!**

disponível pelo
kindleunlimited



GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



<https://amzn.to/2NuQSCo>

SÉRIE

Homens
que
Amamos



Livro 1



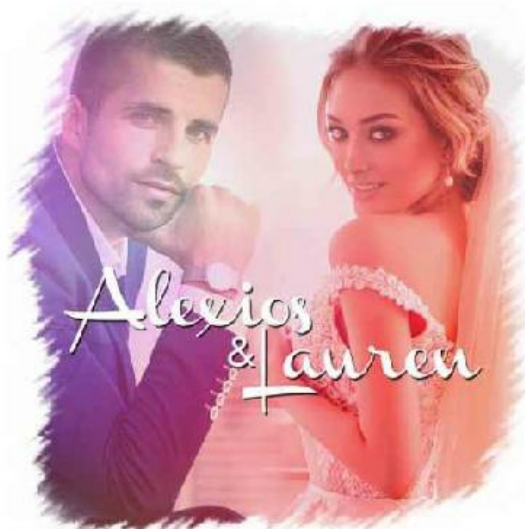
Livro 1.5



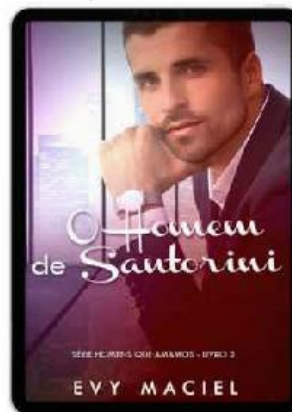
Livro 2



Livro 2.5



Livro 3



Livro 3.5



disponíveis pelo kindleunlimited

1 O HOMEM DOS MEUS LIVROS

<https://amzn.to/2Db62Ij>

1.5 O HOMEM DA MINHA VIDA

<https://amzn.to/2QPK4lZ>

2 ESSE HOMEM É MEU

<https://amzn.to/2qK51UG>

2.5 ESSE HOMEM SEMPRE SERÁ MEU

<https://amzn.to/2QNGKrM>

3 O HOMEM DE SANTORINI

<https://amzn.to/2Cji8P9>

3.5 O HOMEM DE SEATTLE

<https://amzn.to/2DaRdW1>

LIVRO 4



O Homem dos seus Sonhos

SÉRIE HOMENS QUE AMAMOS - LIVRO 4

EVY MACIEL



Sinopse

Ele não era o tipo de homem que acreditava no destino. Não até seu caminho cruzar o de Jules Clarkson. Desde que a viu pela primeira vez, algo dizia que ela seria a mulher de sua vida.

O grande obstáculo, contudo, é que a garota não fazia ideia de sua existência, por mais que ele tentasse se fazer notar.

Determinado a ter sua chance, um dos solteiros mais cobiçados de Nova Iorque saiu completamente de sua zona de conforto e traçou um plano para conquistar a garota apaixonada por romances literários.

Se Jules Clarkson queria encontrar um homem como os personagens dos livros que tanto amava, ele estava mais do que disposto a ser quem ela desejava. Mesmo que para isso precisasse mergulhar no universo dos romances eróticos e incorporar o mocinho dos sonhos mais quentes de uma mulher viciada em livros picantes.

O Homem Dos Seus Sonhos é o ponto de vista do “Sr. Engravatado do Elevador” para sua história com Jules e uma sequência de *O Homem dos Meus Livros*.

É necessário ter lido os livros anteriores para compreender o desfecho desta história.

GOSTOU? ESTE É O LINK DO LIVRO!



<https://amzn.to/2PCg238>

Para encontrar meus outros livros, acesse:

<https://linktr.ee/autora.evymacieli>

^[1] É considerado o homem mais rápido do mundo, e suas conquistas no atletismo o fizeram ser chamado de *Lightning Bolt* (relâmpago, raio) pela imprensa internacional.